





unesp

J. L.

l-x  
C. V. ...  
6v

ESTUDOS DE LITERATURA



## DO AUTOR

---

ESTUDOS BRAZILEIROS. — Literatura, ethnographia, historia, 1.<sup>a</sup> série. — Pará, Tavares Cardoso e C<sup>ia</sup>, 1889. — 2.<sup>a</sup> série, Rio de Janeiro, Laemmert e C<sup>ia</sup>, 1894, 2 vols.

A EDUCAÇÃO NACIONAL. — Pará, Tavares Cardoso e C<sup>ia</sup>, 1891, 1 vol.

A PESCA NA AMAZONIA. — Rio de Janeiro, Alves e C<sup>ia</sup>, 1895, 1 vol.

SCENAS DA VIDA AMAZONICA, nova edição. — Rio de Janeiro, Laemmert e C<sup>ia</sup>, 1899, 1 vol.

ESTUDOS DE LITERATURA BRAZILEIRA (1895-1904). — 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> série, Rio de Janeiro, H. Garnier, 4 vols.

HOMENS E COUSAS ESTRANGEIRAS (1899-1901). — 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> série, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902-1905, 2 vols.



JOSÉ VERISSIMO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

---

ESTUDOS

DE

LITERATURA

BRAZILEIRA

---

QUINTA SERIE

O SR. OLAVO BILAC — « CHANAAN » DO SR. GRAÇA ARANHA  
JOÃO RIBEIRO, POETA — A CRITICA  
DO SR. MAGALHÃES DE AZEVEDO — UM POETA  
A CAMPANHA DE CANUDOS PELO SR. EUCLYDES DA CUNHA  
UM ROMANCE DA VIDA PUBLICA BRAZILEIRA  
TRES POETAS — FRANKLIN TAVORA  
E A LITERATURA DO NORTE — UM ROMANCE DA VIDA  
FLUMINENSE — ALGUNS LIVROS DE 1902

---

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

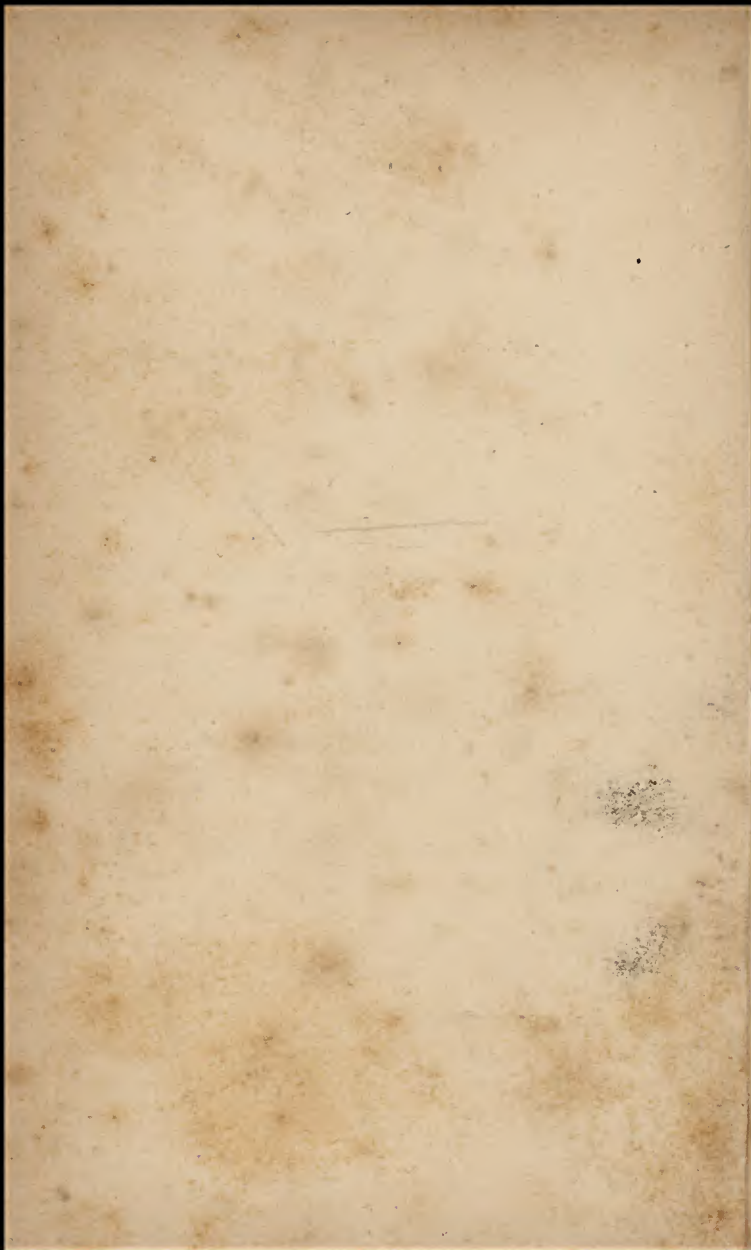
71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

---

1905







## O SR. OLAVO BILAC

*Poesias* por Olavo Bilac, H. Garnier.

Continuam os nossos poetas a publicar em edição que chamam definitiva os seus versos escolhidos e emendados. Já disse o bem que penso desta sua resolução, agora também tomada por um dos melhores delles, o sr. Olavo Bilac.

Para os amadores de bons versos — e ainda os ha, e muitos, apezar do malagourado fim da poesia — o livro do sr. Bilac vae ser um regalo. O sr. Bilac não é um poeta abundante, o que é talvez uma distincção a mais em terra de tão copioso versejar; e, com serem os seus versos dos melhores que se aqui fazem, esses amadores ainda mais os apreciarão pela sua



relativa e bemaventurada escassez. Na sua idade, quasi todos os seus irmãos em Apollo — que elle me perdôe o velho tropo — têm varios livros de versos. Elle contentava-se, posso dizer contenta-se, até agora, com um, pois o que ora publica, com o mesmo titulo simples, *Poesias*, do primeiro, apparecido em 1888, é a reprodução desse, com tres partes « Alma inquieta », « As viagens », « O caçador de Esmeraldas », a mais. Poetando ha dezoito annos, que os seus primeiros versos datam de 1884, não tem entretanto o sr. Bilac mais que um livro de versos. Esta sua sobriedade, que a certos respeitos é possível encarar como uma virtude, é tambem, julgo eu, uma consequencia da sua indole de poeta, ou melhor, da natureza do seu talento poetico.

Com muito notaveis qualidades de brilho, colorido, rara força verbal, facilidade e felicidade de expressão, pompa, eloquencia, inexcedivel mestria technica, calor, enthusiasmo — todas, note-se, qualidades mais brilhantes que tocantes — o éstro do sr. Bilac carece de extensão e de profundez. A sua inspiração é limitada a poucos themas poeticos, tratados todos com virtuosidade talvez entre nós sem igual, pelo menos nada vulgar, mas sem intensidade de commoção correspondente ao brilho da fórma, que a sobreleva sempre. Esse é o



proprio vicio da esthetica parnasianista, de que o sr. Bilac è aqui o mais illustre seguidor, e á qual o seu genio poetico se ajustava perfeita e intimamente.

O seu livro *Poesias*, apparecido em S. Paulo em 1888, revelou um poeta feito, possuidor de todos os segredos de uma arte que, segundo a sua « profissão de fé » posta no limiar dos seus poemas, devia ser menos a expressão das grandes emoções da sua alma ou da alma humana que a cinzeladura rara, exquisita, impecavel do verso. Confessava elle nesses versos, de facto primorosos, que ás grandes e, o que é mais, significativas creações da estatuaria grega, os Zeus e as Pallas — Athenes, em que a Grecia resumira o que de mais profundo e mais bello havia no seu sentimento religioso todo impregnado do seu intenso naturalismo, preferia

« ..... um leve relicario  
De fino artista.

E todos os poemas do formoso livrinho realisavam esse programma de perfeição artistica com que elle queria com um amor apaixonado da fórma,

« ... que a estrophe crystallina  
Dobrada ao geito



Do ourives, saia da officina  
Sem um defeito. »

Esta preocupação, assim declarada, da perfeição trabalhada, rebuscada mesmo da fôrma, era, posso dizer, nova na nossa poesia. Si o sr. Machado de Assis foi, desde mais de 20 annos antes do Sr. Bilac, o nosso primeiro poeta artista, si outros contemporaneos ou immediatos predecessores deste praticaram tambem a esthetica parnasiana, nenhum o fez com tão manifesto proposito, e, sobretudo, com tão triumphante pericia. E como antes destes innovadores reinava em a nossa poesia, com um singular relevo de sentimento e mesmo de expressão lyrica, um grande descuido da fôrma, comprehendendo a lingua, o estylo, a versificação, a metrica, o livro do Sr. Bilac, tão superiormente distincto sob este aspecto, com o sabor da novidade, e uma novidade realmente captivante, consagrou-o, sem favor, poeta primoroso, dando-lhe desde logo um dos primeiros lugares em a nossa poesia contemporanea. Não era, porém, só a fôrma, comquanto ella fosse por muito, o principal. Elle tambem cantava de outra maneira, embora, indo-se ao fundo da sua inspiração, se pudesse vêr que ao cabo era a differença e a superioridade da sua fôrma que fazia a distincção do seu cantar.



Entre aquelles primeiros poemas do Sr. Bilac ha um, *A morte de Tapir*, que, apreciando superficialmente, se poderia julgar um resto do indianismo. Erraria, porém, quem o fizesse. Comquanto seja o Sr. Bilac um dos nossos poetas que mais devam e que mais admirem a Gonçalves Dias, a quem celebrou num bello soneto, bem diversa da inspiração do cantor dos *Tymbiras* é a sua cantando a morte de Tapir, ou, nesta edição definitiva dos seus poemas, *O caçador de Esmeraldas*. Para elle, como para o poeta das *Americanas* antes delle, as lendas, ou historias, do Brasil indigena ou colonial não eram sinão themas estheticos, sem a intenção nacionalista que lhes punham os indianistas, como o poeta maranhense. Não tem na sua obra significação differente de outras idealisações historicas que os poemas de Leconte de Lisle, a *Lenda dos Seculos* de Victor Hugo, a *Visão dos Tempos* e outros poemas do mesmo genero do sr. Theophilo Braga introduziram desde os annos de 60 na poesia portugueza e brazileira; obedeceu rigorosamente á mesma inspiração que a *Sésta de Néro*, o *Sonho de Marco Antonio*, o *Julgamento de Phrynéa*, a *Tentação de Xenokrates* e todos os poemas das *Viagens* desta nova edição. Sem embargo dos precedentes, dos livros em portuguez citados, das *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, e



até de alguma collecção nossa que de perto haja precedido as *Poesias* do Sr. Bilac, taes poemas não foram menos uma das novidades desse livro de versos. O *Julgamento de Phrinéa*, a *Tentação de Xenokrates*, e os outros poemas do mesmo genero, tiveram logo uma grande voga. A sua feição descriptiva e concreta, a pompa, o brilho novo de sua fórma eram feitos para agradar á gente que ama a eloquencia na poesia. Os entendidos e os que nella buscam de preferencia o sentimento, as puras emoções do coração, lhes anteporiam os sonetos da *Via-Lactea*, com a sua rara formosura. Para justificar a estima de todos e a predilecção de muitos, tinham elles, além da perfeição exquisita da feitura, aliás só sensível a uma limitada porção de leitores, aspectos de sentimento e de expressão sentimental que, si não eram de todo novos na poesia da nossa lingua, se não haviam ainda divulgado e vulgarizado.

Não era certamente o cantar de amor dos poetas nossos familiares. Ao apuro da fórma, naquelles deleixada ou apenas cuidada, juntava-se uma sensualidade mais refinada, uma expressão mais intellectual, mais brilhante, mais vivida, embora talvez menos sincera, por menos ingenua, do amor, ou de outro sentimento da mesma fonte derivado. Não havia



então na nossa poesia sonetos mais bellos do  
que estes :

Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, cehôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim tambem da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular, sombria.

Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das arvores a aurora...

Palpitam flores, estremezem ninhos...  
E o sol do amor que não entrava outr'ora,  
Entra dourando a areia dos caminhos.

\* \* \*

Em mim tambem, que deseuidado vistes,  
Encantado e augmentando o proprio encanto,  
Tereis notado que outras coisas canto  
Muito diversas das que outr'ora ouvistes.

Mas amastes, sem duvida... Portanto,  
Meditae nas tristezas que sentistes :  
Que, eu por mim não conheço coisas tristes,  
Que mais afflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive :  
E, em logar de acalmar as penas, antes  
Busea novo pezar com que as avive.



Pois sabei que é por isso que assim ando :  
Que é dos loucos sómente e dos amantes  
Na maior alegria andar ehorando.

\* \* \*

Longe de ti, se escuto, porventura,  
Teu nome, que uma bocca indifferente  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle, que, misero, a tortura  
Soffre de amargo exilio, e tristemente  
A linguagem natal, maviosa e pura,  
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome  
De uma patria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome :

E ouvil-o é vêr a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde, entre flores, teu amor me espera.

E todos, ou quasi todos, os sonetos de *Via Lactea* são assim bellos, da belleza da fórma impeccavel, e da elegancia e da graça da emoção exprimida, mesmo quando a acompanha uma sensação dolorosa. E não sei si na obra poetica do Sr. Bilac, que hoje temos completa, essa parte não ficará como a porção mais solida, de mais completa belleza.

Disse ao começar que o Sr. Bilac apparecêra em 1888 como um poeta consummado. Nada havia com effeito na sua primeira collecção de





versos dos passos incertos do estreiante. O seu pensamento poetico, como a fôrma com que o exprimia, não tinham as hesitações e as incertezas que de regra acompanham as mais auspiciosas estreias. Relidos hoje, os seus poemas de ha quatorze annos deixam-nos a mesma impressão de acabado, de perfeito que os mais recentes. Não ha descobrir entre elles nenhuma differença de inspiração, nenhuma modificação de fôrma, nenhuma renovação do pensamento ou do sentimento poetico, emfim, nenhuma evolução, nenhum progresso. Apenas uma analyse acurada acabaria talvez por descobrir que o seu senso ou gosto de certos temas objectivos, ainda pouco explorados aqui, se desenvolve. Como poeta, o Sr. Bilac é hoje o que era ha quatorze annos. Contraprova por assim dizer material disso, é que decorrido tanto tempo o poeta, tão pichosamente cuidadoso da sua fôrma, republicando os seus versos, não achou que corrigir, emendar ou modificar nelles; — não se me deparou, ao menos, exemplo de o haver feito. Esta edição definitiva das suas poesias pôde ser lida e relida, como o fiz agora, sem que sintamos entre a collecção antiga e a nova nenhuma differença que nos advirta da differença dos tempos que entre ellas ha. E talvez si houermos de rebuscar alguma distincção entre os poemas de 88 e os agora accrescenta-



dos, a superioridade coubesse, como já insinuei, aos formosos sonetos da *Via-Lactea* ou aos admiraveis trechos descriptivos, como os da batalha de *Delenda Carthago* ou a *Sésta de Néro*. Pelo menos não lia nos ultimos nada que manifestamente sobreleve a esses. Sempre formosos em todo o rigor do vocabulo, não me pareceu entretanto que os poemas de *Alma inquieta* exprimissem com verdade e força a inquietação que deviam communicar-me, comunicação que é o mais alto fim e effeito da arte. *Midsummer night's dream* é um dos mais distinctos desses poemas, sendo um dos raros em que o poeta mostra realmente outra preocupação que a do amator:

Que inexoravel mão, sem piedade, captivo,  
Estrellas, me encerrou no carcere em que vivo?  
Louco, em vão do profundo horror deste atascal  
Bracejo, e peno em vão, para fugir do mal!  
Porque, para uma ignota e longinqua paragem,  
Astros, não me levaeis nessa eterna viagem?

Ah! quem pôde saber de que outras vidas veio?...  
Quantas vezes, fitando a Via-Lactea, creio  
Todo o mysterio vêr aberto ao meu olhar!  
Tremo... e euido sentir dentro de mim pesar  
Uma alma alheia, uma alma em minha alma escondida,  
— O cadaver de alguém de quem carrego a vida...

Preoccupações taes, e diversas daquella, são



porém raras nelle, que se limita demasiado nesse thema lyrico, do qual apenas sae para as representações e idealisações historicas ou lendarias. Os versos de *Alma inquieta* não desmerecem, entretanto, dos de *Via-Lactea*, mesmo quando se prefira estes. Este soneto, *Virgens mortas*, apezar de um ligeiro toque de preciosidade que se lhe póde notar, e que não é raro na poesia do Sr. Bilac, o comprova :

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,  
Nova, no velho engaste azul do firmamento.  
E a alma da que morreu, de momento em momento,  
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós que, no silencio e no recolhimento  
Do campo, conversaes a sós quando anoitece,  
Cuidado ! o que dizeis, como um rumor de prece,  
Vae sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andaes com a boca transbordando  
De beijos, perturbando o campo socegado  
E o casto coração das flores inflammando,

— Piedade ! ellas vêm tudo entre as moitas escuras...  
Piedade ! esse impudor offende o olhar gelado  
Das que viveram sós, das que morreram puras !

Mas si alguma coisa se póde achar de diferente, e talvez de superior, nos novos poemas de amor do Sr. Bilac, é a sua *Alvorada de Amor*. Adão fala a Eva, após a culpa :



Póde, em redor de ti, tudo se aniquilar :  
— Tudo renascerá cantando ao teu olhar,  
Tudo, mares e céos, arvores e montanhas,  
Porque a Vida perpetua arde em tuas entranhas !

Rosas te brotarão da boca, si cantares !  
Rios te correrão dos olhos, si chorares !  
E si, em torno ao teu corpo encantador e nù,  
Tudo morrer, que importa ? A Natureza és tu,

Agora que és mulher, agora que peccaste !  
Ah ! beindito o momento em que me revelaste  
O amor com o teu peccado, e a vida com o teu crime !

Porque, livre de Deus, redimido e sublime,  
Homem fico, na terra, á luz dos olhos teus,  
— Terra, melhor que o Céu ! homem, maior que Deus !

Podia-se, no mesmo caso, citar as formosas *Estancias*, mas aqui a differença é toda exterior, de versificação. Aonde fôra ainda licito achar alguma na objectividade maior que porventura revela no poeta, é nas *Viagens*. E me parece que é esse desenvolvimento da objectividade que já se lhe notava nas primeiras collecções, a unica differença mais sensível que podemos descobrir entre os seus primeiros e os seus ultimos poemas.

Mas, poeta sobretudo brilhante, carece acaso o Sr. Olavo Bilac do dom de vida interior indispensavel para animar as representações da sua fantasia com alguma coisa mais intima, mais



significativa que o puro relevo da fôrma e do verbo. Elle é, nessas representações, principalmente um descriptivo, mas ou eu não o sei sentir, ou elle não lhes sabe pôr a idéa, ou a sensação que, realisando o mesmo conceito superior da arte, synthetisasse a sua concepção, como fizeram Leconte de Lisle, Hugo, Sully-Prudhomme ou Heredia, ou m'a suggestionasse, como procuram fazer os symbolistas. Do aspecto exterior das coisas, seria difficil dar uma impressão mais viva do que nos dá o Sr. Bilac em quadros, como, por exemplo, a *Sésta de Néro*, *As cruzadas*, *Os barbaros*; mas a alma dellas não logramos, eu ao menos, sentil-a. Artista fantasioso, de mais imaginação que sentimento, amoroso apaixonado da fôrma e da côr, e por isso talvez o primeiro ciuzelador e colorista entre os nossos poetas, é sobretudo aquelle aspecto que o impressiona e commove. Virtuoso de primeira ordem, os themas poeticos são principalmente para elle motivos de composição, que lhe sae sempre brilhante, porém mais scintillante que profunda, mais superficial que intima.

Não sei si a excellencia alcançada de golpe por um artista não lhe será prejudicial, desobligando-o de novos esforços, dispensando-o de procurar novas fontes de inspiração, novos veios d'arte, novos themas estheticos e novos



meios de expressão. O Sr. Olavo Bilac é porventura o mais brilhante dos nossos poetas — poeta brilhante, penso eu, é o appellido que mais lhe convém e que melhor o caracteriza — mas faltam-lhe outras virtudes sem as quaes não ha verdadeiramente um grande poeta. Não sei si não acerto suppondo que, consciente da sua excellencia, elle deixou-se ficar estranho ao movimento social, philosophico e esthetico que por toda a parte renova a poesia. E é grande lastima ; que elle era entre os melhores poetas nossos talvez um dos mais capazes de trazer á nossa anemica poesia o sangue novo que, com mais presumpção do que talento, lhe procuram injectar poetas, ou que taes se supõem, sem nenhum dos dotes que nelle abundam.



II

O « CHANAAN » ROMANCE

DO SR. GRAÇA ARANHA

---

Estudando em um dos precedentes volumes destes ensaios as condições da produção literaria no Brazil, e verificando que a nossa literatura não perdera ainda, não perdera nunca, o caracter ou a falta de caracter que attribuíamos a uma influencia hereditaria da rhetorica arcadiana, sob a qual se criou, perguntavamos: « De facto, que caracteres distinctivos, que significação, que feição propria é possível descobrir em a nossa poesia actual?... Que signal já deu ella, e toda a nossa literatura, de que lhe não são estranhos os problemas, as questões, os mais graves interesses humanos e sociais do tempo presente? Nisto, aliás, é ella



talvez representativa, porque de facto a sociedade em que se inspira, em que se alimenta e de que vive, e que define, tambem não tem nenhuma preocupação dessa ordem. E uma sociedade incaracteristica não póde produzir sinão uma literatura incaracteristica. Resta, porém, saber si a nossa sociedade é totalmente indistincta e apagada, e si o talento verdadeiro não conseguiria descobrir nella aspectos novos, significativos e interessantes. »

Nesta ultima reflexão havia, parece-me, uma insinuação de que não era tão inteiramente incolor a nossa sociedade, como parecia da literatura que pretendia represental-a, e uma esperança de que um real talento lhe saberia descobrir aspectos novos e intimos com que renovasse e realçasse a nossa ficção, embaraçada numa psychologia ás vezes até deslocada, ou no eterno descriptivo da nossa paizagem e dos nossos costumes.

Não tardou muito que eu não tivesse a ventura de vêr provada a justeza da minha insinuação e do mesmo passo realisada a minha esperança. Em 1902 apparecia o romance *Chanaan*, do sr. Graça Aranha, publicado pela casa H. Garnier. Esse livro revelava novos aspectos da vida brasileira até então reconditos á literatura que a pretendia representar, e vistos a uma luz e de um ponto de vista novo e





differente. Elle descobria um momento novo, um novo estado d'alma na sociedade brasileira que, afastada da sua quietação colonial, vendo alterada a sua lentissima evolução social e perturbada a sua constituição racial pela introdução no seu organismo de novos e diversos elementos, sentia vagamente, ainda em uma meia inconsciencia, a transformação que em si mesma se operava. Não creio que os factores dessa transformação tenham alguma consciencia da sua obra; mas tambem não acho impossivel que alguns individuos que os compõem, a tenham e a raciocinem. E' destes essa bella figura de Milkau, de uma realidade tão forte na sua abstracção, em que o A. de *Chanaan* personificou a porção consciente dos elementos estrangeiros que estão em via de transformar o Brazil, mas uma porção que para cá trouxesse uma alta inspiração humanitaria e uma nobre sympathia por nós, o que apenas seria singularmente raro. Depois de definir o destino dos immigrants « de transformar de baixo acima este paiz, de substituir por outra civilização toda a cultura, a religião e as tradições de um povo » e de confessar o que « isto lhes crêa de grande responsabilidade », verifica Milkau que « ha uma tragedia na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobrará mais até ao infinito... »



E' esse momento em que « tudo se desagra, uma civilização cãe e se transforma no desconhecido », é essa tragedia que se passa em nossa alma, embora não nos apercebamos bem della, que *Chanaan* representa e define. E' uma das mais nobres funcções da obra d'arte iniciar-nos, como reveladora que é, naquelles nossos proprios sentimentos e conjuncto de emoções que a nós mesmos nos passariam despercebidas. Essa iniciação a devemos a *Chanaan*, que sendo o romance da nossa existencia num seu momento de crise profunda e suprema, é tambem o romance geral da immigração, phenomeno social e, no seu aspecto americano, novo, creado pela existencia da America.

Para o poeta e para o pensador, a immigração não terá apenas os seus simples aspectos materiaes, a que a vêm estaticistas e economistas. Conforme a sua capacidade, aquelles lhe descobrirão feições porventura mais interessantes, e saberão tirar dellas, não calculos de fomento industrial, mas idéas e sensações, materia de cogitação philosophica e de representação artistica. Que não ha, com effeito, de suggestivo e dramatico nesse abandono, muitas vezes rompimento acerbo e sempre afastamento doloroso, da terra natal, em procura de uma nova patria mais clemente que a propria, com os seus motivos diversos e todos tristes, as suas



illusões tantas vezes desenganadas, as suas esperanças mais fagueiras que realisaveis, e ainda no contacto de gentes de outros climas, outras raças, outros costumes, outro pensar e sentir, com gentes e terras novas e differentes, o conflicto dos sentimentos, das idéas, dos interesses, a raiva surda ou manifesta do indigena ameaçado pela concorrência do estrangeiro mais que elle energico, ambicioso e decidido a vencer? E o tragico da desillusão final, quando a Chanaan sonhada lhes apparece, num contraste cruel com a esplendidez que os enganára, qual as outras, como a terra ordinaria do Soffrimento e da Dôr!

Foram estes aspectos moraes da immigração que suggeriram ao sr. Graça Aranha, que é um pensador e um poeta, algumas feições do seu romance, tão novo e, sobretudo, tão original pela concepção e pela fôrma, na ficção da nossa lingua. Mas, si *Chanaan* é o romance da immigração, ou ao menos de um aspecto bastante característico para que o possamos generalisar, da immigração no Brasil, é tambem a historia de uma alma de eleição, depois de fundos soffrimentos moraes e conflictos espirituaes, convertida, sem nenhuma influencia sobrenatural, pelo só influxo da sua consciencia e do seu sentimento, ao amor dos homens.

Nem as faces differentes que poderíamos



descobrir na ficção do Sr. Graça Aranha lhe destróem, ou siquer alteram, a unidade fundamental e a harmonia da obra.

Filho de um professor allemão, « homem feito de sorrisos suaves e inextinguiveis, mas indeciso na sua vasta cultura, intelligencia subtil que o pudor da audacia entorpecia », Milkau, o personagem central de *Chanaan*, ao sair da juventude para entrar na orphandade, passou por uma profunda e grave crise sentimental e intellectual, que elle mesmo descreve com palavras em que ainda vibra toda a angustia passada. Um momento a morte lhe appareceu como o unico remedio para ella. « Mas, confessa elle a Lentz, seu compatriota, e, como elle, immigrante tambem no Espirito-Santo, a contemplação da miseria moral em torno de mim susteve aquillo a que em minha insania eu chamava o acto da vontade. Todos os soffrimentos estranhos se infiltravam em minha alma; as lentas agonias e os duros sacrificios alheios cram o pasto da minha piedade. No estado de espirito em que me achava, só tinha inclinação para os que se assemelhavam a mim. Eu soffria, e a Dôr pela sua mão forte e santa me conduziu aos outros homens... Reflecti : « si todos soffrem e se resiguam, é porque a vida é mais desejavel que a morte, e não é o suicidio uma salvação que deve ser collectiva. Não se trata



de libertar um só dos martyres, é preciso que todos se salvem. E o suicidio começou a morrer no meu pensamento, enquanto o clarão bem-fazejo da solidariedade ali apontava ». Não posso resumir sequer as paginas de alta belleza em que Milkau completa a sua confissão a Lentz, dizendo-lhe o drama intimo do seu espirito.

Comquanto Milkau e Lentz se tivessem ambos expatriado á procura de uma terra mais propicia á sua expansão pessoal, eram diversos os motivos da emigração dos dois, como diverso era o seu character. Criado ao insolente som dos hymnos da victoria guerreira, na adoração da força e do triumpho, na veneração dos fortes ensinada pelos Nietzches, Lentz era pela Força, contra Milkau que é pelo Amor. Para um « o mundo deve ser a morada deliciosa do guerreiro », outro sonha nelle « um canto da terra, onde não houvesse sombra — isto é, onde não houvesse mal e soffrimento — para a patria do homem ». Nesta terra, para onde um vem cheio de amor, á procura de um lugar de paz e de repouso para a sua alma ainda dolorida daquella crise angustiosa, o outro apenas por fugir revoltado aos preconceitos sociaes que infringira, Milkau vê o torrão abençoado onde possa realisar pessoalmente o seu ideal da situação futura, Lentz sómente a gleba rica em que, destruido



o indigena molle, se levante uma civilização feita pelos immigrants europeus, cada um dos quaes deve trazer « a vontade de governar e dirigir ». No hymno que, commovidos pela sua belleza, ambos lhe entoam, ha num a simples admiração e appetite de a possuir, embora forçando-a; noutra a expansão de um grande amor que a fecundasse, com a intima tristeza de que a violação estrangeira a remodelasse e fizesse outra. A's razões de violencia de Lentz, Milkau responde doce e convencido :

— Nas suas palavras mesmas está escripta a nossa grande responsabilidade. E' provavel que o nosso destino seja transformar de baixo acima este paiz, de substituir por outra civilização toda a cultura, a religião e as tradições de um povo. E' uma nova conquista, lenta, tenaz, pacifica em seus meios, mas terrivel em seus projectos de ambição. E' preciso que a substituição seja tão pura e tão luminosa que sobre ella não cáia a amargura e a maldição das destruições.

No drama curto, rapido e intenso de *Chanaan*, esses dois personagens têm uma importancia desigual. Lentz é apenas um comparsa, mas necessario para dar a replica a Milkau e pôr em destaque as duas doutrinas, da Violencia e do Amor, digamos do Bem e do Mal, que dividem o mundo, e indispensavel para representar as



duas tendencias e sentimentos do immigrante. Na arte, como na vida, este contraste deriva da propria essencia das coisas. Esses dois homens tão differentes, apezar da mesma origem e da mesma cultura, serão, ainda no espirito do romancista, dois typos, duas creações symbolicas, representativas das duas grandes tendencias humanas, mas a sua realidade é tal, é tão poderosa a vida interior que elles vivem, que os sentimos perfeitamente reacs. Não talvez da realidade material e pitoresca dos personagens secundarios de *Chanaan*, mas dessa alta realidade ideal, como a de um dr. Fausto ou d. Quixote, cuja creação é o supremo esforço e porventura o maximo triumpho do poeta. Não merece discussão si immigrantes daquelles, de boa posição social e não vulgar cultura, vêm a estes mundos novos. Não o duvidará quem de todo não ignore a historia da immigração na America. Ha doutores nos colonos allemães dos nossos Estados meridionaes. Fritz Müller, o sabio celebrado por Darwin e Hœkel, era um immigrante estabelecido como lavrador em Blumenau. « Eu proprio, diz elle num dos seus trabalhos scientificos, cortei muitos alqueires de malta virgem, eu proprio despedacei as copas das arvores derrubadas ».

Milkau chega á terra escolhida para viver livre, humilde, procurando criar em torno de si



« uma harmonia infinita » num estado mental e emocional de plena serenidade, purificado pela dôr e pela renuncia de tudo. Mas o conflicto, a que elle fugira, surge-lhe fatalmente ali mesmo naquella terra de paz e de repouso, que elle imaginava; conflicto não mais com a sua consciencia, mas com o meio, uma consciencia contra a generalidade das consciencias. Ali tambem, nessa terra que elle se promettera como a da felicidade simples que almejava « numa vida estavel e livre, » apparece-lhe a Dôr reclamando o apoio da sua solidariedade. Apparece-lhe, quando a sua « felicidade era perfeita », quando « tinha limitado o inquieto desejo, apagado do seu espirito as manchas da ambição, do dominio e do orgulho e deixado que a simplicidade do coração o retomasse e inspirasse », quando trabalhava mansamente no quinhão de terra que occupava », numa miseravel figura de mulher, envilecida pelo soffrimento e pela barbara moral dos homens. Apenas vagamente a conhecia, não lhe ficando dos seus dois rapidos encontros sinão a fugitiva impressão de uma vaga sympathia entre ambos. Não só arroios de leite e de mel corriam em Chanaan; nella havia tambem a miseria e a fome, tambem ella tinha as suas dôres, as suas injustiças, as suas violencias. Tambem ali o homem violava e abandonava a mulher; tambem ali a





violencia alheia era punida, não nos algozes, mas nas victimas; tambem ali era sobre o fraco que caia toda a colera da virtude; tambem ali o decóro castigava nos indefesos os vicios dos violentos; tambem ali a justiça, com a sua complicação burocratica e o seu fundamental espirito de iniquidade, era apenas uma repartição para uso exclusivo dos fortes. Só pela fuga, como um criminoso, consegue elle arrancar ao castigo iniquo a pobre creatura que a inconsciencia dos magistrados ia sacrificar á reputação da colonia allemã, cujos vicios a punição da victima innocente esconderia, realçando as virtudes da sua hypocrisia protestante. Nessa luta a que a Violencia, servida pela Religião e pela Justiça, o chama, esvae-se-lhe a fé em Chanaan, na Chanaan presente, que elle imaginára possivel já e ali. Arrastando por sobre precipicios a misera e mesquinha creatura, por livral-a da Sociedade que a perseguia, o desespero de outros tempos volta a apoderar-se d'elle, a morte lhe apparece outra vez como o supremo recurso ao mal de viver. E' ella quem na energia heroica do seu amor o chama á vida. Essa vida, porém, não será a da sua generosa illusão. Quando o novo dia appareceu aos fugitivos, « Milkau viu que tudo era vasio, que tudo era deserto, que os novos homens ainda ali não tinham surgido. » Mas não o abandonou com-



pletamente a esperança. A terra da Promissão, que elle ia mostrar áquella martyr da maldade humana, e que tambem procurava, fugindo á que lhe ficara atraz, e onde ainda reinava a Violencia, não a via mais, não despontára ainda á Vida. Esperemos, fieis á doce illusão da Miragem, que ella venha vindo no sangue das gerações redimidias. E é com essa esperança, dita nestas e em outras palavras igualmente repassadas de poesia e de emoção, que termina, numa scena symbolica da mais completa belleza, o livro excepcional do sr. Graça Aranha.

Esse livro, do qual desconfio não soube dar ao leitor sinão uma insufficiente idéa, não sendo aliás o meu intento recontal-o, estréa, como não me lembra outra em a nossa litteratura, é a revelação nella de um grande escriptor. Novo pelo thema, novo pela inspiração e concepção, novo pelo estylo, *Chanaan* é a primeira e unica manifestação benemerita de apreço das novas correntes espirituaes e sociaes, que por toda a parte estão influindo na litteratura e na arte. Esse romance traz para as letras, não só brasileiras mas portuguezas, as preocupações humanas e sociaes, e as modernas fórmias de expressão, no que ellas têm de mais bello e significativo, da litteratura, que Tolstoi quizera fosse um meio de comunicação e fraternidade entre os



homens. Chronologicamente, póde ser que outro se lhe tenha adiantado, mas em arte a excellencia prefere á antecipação. E, verdadeiramente superior, esse é o primeiro romance do seu genero no Brasil e em Portugal. Póde-se-lhe notar a falta de acção, isto é, de entrecho mais ou menos complicado, que a maioria dos leitores procura nas novellas, e a carencia da trivialidade com que se cose um romance, ainda os melhores, e que lhe angariam a estima geral do publico. *Chanaan* entra, porém, na categoria dos romances sem enredo, que formam a grande maioria na literatura contemporanea. O drama intenso que o anima, é principalmente interior, mas os sentimentos, as sensações, as idéas vibram nelle como actos.

Apezar da forte personalidade do autor, de que o proprio livro é documento, e da intellectualidade da sua concepção, o livro conservá a impersonalidade distinctiva de uma arte superior. Não se lhe sente literatura nem prédica, embora lhe percebamos a expressão sincera de sentimentos e convicções pessoaes. E' plenamente objectivo, apezar da emoção intima que o inflamma todo num fogo de soberbo lyrismo. Não direi que se lhe não possam descobrir senões. Quando logramos vencer o encanto em em que nos deixam essas paginas ardentes de sentimento ou intensas de realidade ou luxu-



riantes de idéas, podemos talvez notar que em tudo, nas mesmas bellezas, ha superabundancia, riqueza excessiva, viço demasiado. Ha nellas exuberancia de idéas, de imaginação, de seiva emfim, que dariam para muitos livros, mas a exuberancia é o vicio dos fortes, e abençoados os defeitos que apenas são o exagero das qualidades. Estou que em outros livros esses mesmos desaparecerão, quando o Sr. Graça Aranha houver attingido totalmente áquelle momento de repouso e simplicidade que era para Goethe a condição da belleza. Tambem á sua lingua, com todas as qualidades de pittoresco, de animação, de vida que a fazem já um admiravel instrumento de expressão, talvez falte ainda a firmeza, a segurança impecavel do vocabulario e da composição. Nem todos os episodios se ajustam perfeitamente á acção principal do romance ou siquer ao facto geral que elle apresenta, como o da morte do velho immigrante solitario e a horrivel e bella scena da luta dos trabalhadores com os cachorros. Numa analyse particular da architectura do livro acaso seriam ainda possiveis outros reparos, mas contemplada a fabrica no seu conjuncto, e é como deve ser vista a obra de arte, a impressão é de uma belleza solida. *Chanaan* é verdadeiramente um livro de talento na mais nobre accepção e na mais rara applicação desta palavra. Com a sua



generosa inspiração, com o penetrante symbolismo e o commovido lyrismo que o recobrem de uma nevoa de poesia, com a sua profusão de idéas e sensações e a sua rara sinceridade de emoção, o que ha talvez de mais admiravel no romance do Sr. Graça Aranha é a união difficil, mas nelle intima e perfeita, do mais alto idealismo com o mais vivo realismo. Esse livro nos mostra mais uma vez como a unica justificação do idealismo em arte é o seu apoio no real, que, só, pôde ser materia de creação esthetica. Nas paginas de poesia e symbolismo de *Chanaan*, o Brazil, com os seus costumes mais triviaes, com as idiosyncrasias da sua gente, com o seu meio physico e moral, vive não só de uma existencia real e exacta, mais intensa. A sua natureza está nellas palpitante de vida.

Estreitas preocupações de mesquinho patriotismo politico — que não é o bom e são amor da terra em que nascemos e da sua gente — mal-sinaram este livro de faltar áquelle sentimento. E' vêr com olhos e espirito bem curtos uma obra d'arte, cuja simples belleza devia bastar-lhe á defesa contra apreciações tão pouco inteligentes. Observador consciencioso e esclarecido das cousas brazileiras, o Sr. Graça Aranha as viu taes quaes são ; pensador desinteressado e livre, as definiu e explicou sem preconceitos quaesquer, sinão a preocupação



da verdade; poeta, representou-as conforme a commoção que ellas produziram na sua alma de artista. Que podia elle fazer si da sua visão, da sua observação, da sua sensação, resultava sincera e vivida a impressão que elle, com tanta força e belleza nos transmittiu no *Chanaan*? A só cousa que temos o direito de exigir do poeta é a sinceridade da sua emoção e a capacidade de a realisar com belleza. Isso fez o Sr. Graça Aranha superiormente. Mas, para quem sabe vêr, nunca em livro nenhum brasileiro, mesmo naquelles mais intencional e tola-mente patrioticos, a terra brasileira, com a sua gente e os seus aspectos, foi cantada com tal elevação e com tão profundo e ingenuo carinho. Não ha ali nenhuma artificialidade de sentimento, nenhum proposito de agradar ao vulgo com elogios e encomios ainda immerecidos das cousas patrias. Mas a nostalgia que presidiu á composição d'aquellas paginas, com um intimo sentimento de amor e piedade por aspectos e figuras da vida nacional em via de transformação e desaparecimento, uma larga sympathia humana, fizeram dellas as mais sentidas e as mais lisonjeiras que jamais da nossa terra, ficando na rigorosa verdade, se escreveram. Mas exigir aquelle banal patriotismo na arte é uma tolice tal que não vale a pena demórar-nos em consideral-a. *Chanaan* prova que o



Sr. Graça Aranha possúe como poucos o sentimento profundo da vida e da terra brasileira.

Revela-se elle um grande descriptivo, mas, ao contrario dos nossos novellistas que abusam da descripção e a fazem sómente por amor della, sem ás mais das vezes della tirarem qualquer significação esthetica, esquecendo que a descripção pela descripção é um processo que na arte da escripta, a meu vêr, tem a inferioridade da paizagem em pintura e atraz della escondem a pobreza de idéas e de sensações, a sua descripção, toda cheia de umas e outras, vivifica e aninha a natureza e a paizagem. Sob este aspecto, elle é um pantheista. Não é menor a sua commoção quando nos pinta a floresta ou o rio encachocirado, ou o incendio, uma scena rustica ou um quadro campestre, que quando nos reconta enternecido até ás lagrimas a odysseia pungente da dolorosa Maria. A sua larga sympathia alcança tudo, os homens, os animaes, as coisas. Não ha para elle natureza morta. Toda ella no seu livro sente e soffre. Da gente, mesmo quando a sua ironia a satyrisa ou a sua consciencia a condemna, não foge nunca inteiramente a sua sympathia. Sentimolla ainda através da reprovação. Um menino da terra é « um rebento formado de uma raça que se ia extinguindo na dôr surda e incons-



ciente das especies que nunca chegam a uma florescencia superior. » Essa criança tinha « a assombrosa precocidade dos filhos dos miseraveis. » A narração, por exemplo, do encontro de Milkau com aquelles miseraveis crioulos, nas primeiras paginas do livro, exprime fortemente esse sentimento, que é o de todo o livro. E que forte e verdadeira impressão nos dá do fim dessa raça, saudosa da escravidão que a sustentava ! A queixa do velho « Ah ! tudo isto, meu sinhô moço, se acabou... » nostálgico do captivo, com o vestir, o comer, o dormir certos, saudoso da vida garantida da fazenda, até com o bacalhau — « Nunca ninguem morreu de pancada » — é verdadeiramente tragica na sua verdade simples e na sua lingua rude. O romance todo é, aliás, tragico, ainda nos seus quadros mais alegres, pois estes mesmos fazem parte da catastrophe de *Chanaan*, ou põem em evidencia que, na luta das novas gentes com a indigena, áquellas caberá a victoria. A esta não resta outro desforço que explorar o sentimento de disciplina, o respeito da autoridade, característicos do allemão. A visita da justiça ao sitio do colono Kraus representa um dos aspectos desse conflicto, e é, no seu sincero naturalismo, de uma verdade photographica expressiva. Não o são menos quaesquer dos episodios que dão ao romance a variedade e o





regalo da curiosidade, que faltam á acção principal.

Alguns, como a scena de Maria com o pastor protestante e sua familia, têm, do puro aspecto de representação artistica, uma rara belleza; essa é um soberbo quadro de genero do mais perfeito flamengo. E' singular que a exuberancia, a superabundancia, que se podia reparar neste livro, não se nota em taes scenas, quasi todas, de uma sobriedade magistral. Com esta feição não creio haja na nossa literatura nada que, por esta sobriedade, pela simplicidade e pela intensidade da narrativa, se avanteje áquella scena ou ao episodio da menina adoptada pelo dr. Maciel com os ciganos ou ao do parto de Maria. Nem falta graça ao talento do autor de *Chanaan*, si bem não seja evidentemente a graça uma das feições essenciaes do seu genio. Que, entretanto, a possue, basta o typo do agrimensor, que é uma verdadeira criação, e a scena do theodolito, tão expressiva da pacholice, ou da pavolagem, no termo popular, do mestiço.

O merito superior deste romance não está, porém, nos episodios e nas suas partes, mas no seu conjuncto, na sua idéa mãe, para cuja plena realisação esthetica tudo nelle concorre harmoniosamente. Elle não póde, pelo menos não deve, ser lido como um desfastio, um passa tempo.



Sobre commover, com as mais altas e nobres emoções, que são as emoções da sympathia humana, elle faz pensar. Não discute uma these, mas representa, com um singular vigor de desenho e brilho de colorido, e um intimo e profundo sentimento das cousas, um momento tragico da nossa vida nacional, em certo sentido perturbada pelo contacto de novas gentes nos virgens recessos da nossa terra. O modo por que della fala ou faz falar os seus personagens, mostra com que anor profundo, repassado de nostalgia, a ama o poeta de *Chanaan*. Sem hyperbole, sem patriotismo, no corriqueiro sentido desta palavra enxovalhada pelo uso incontinente da especulação politica, ninguem jamais a cantou com mais elevação e sentimento. Mas nenhum preconceito empanna a sua lucida visão dos seus destinos.

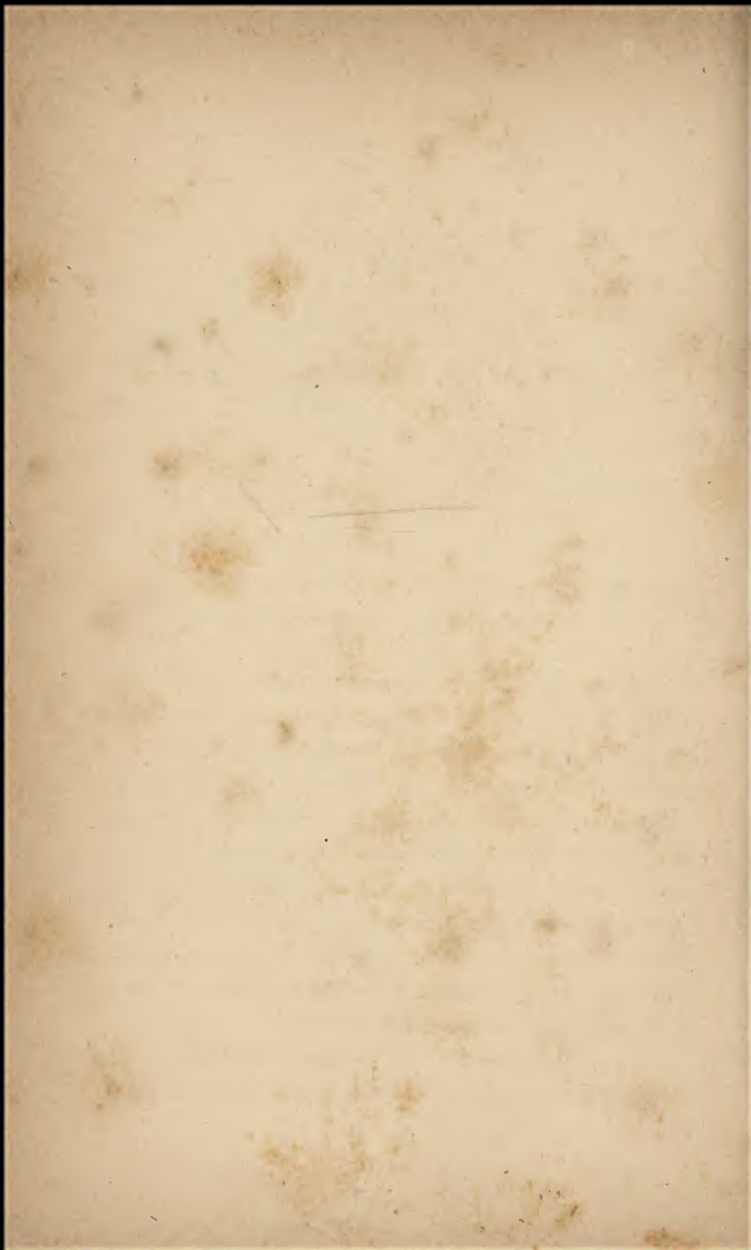
Em todo o verdadeiro poeta, em todo o grande poeta, ha um vate, um propheta. O autor de *Chanaan* descobriu a tragedia que se passa « na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobra mais até ao infinito. Sendo toda a lei da criação, criar á propria semelhança... o brasileiro sente que a não realizará. A tradição rompe-se com a vinda de novas gentes. » « O pai não transmittirá mais ao filho a sua imagem, a lingua vai morrer, os velhos sonhos da raça, os longinquos e fundos desejos da per-



sonalidade emudeceram, o futuro não entenderá o passado... »

Dessa tragedia, que, aliás, nem todos sentirão, o sr. Graça Aranha acaba de escrever comovido, num livro primoroso, o primeiro acto. Que importaria, porém, a catastrophe em que acabam todas as tragedias, si della saisse triumpante a *Chanaan* futura, a magnifica e generosa illusão de Milkau?





III

O SR. JOÃO RIBEIRO, POETA

---

*Versos*, por JOÃO RIBEIRO, Rio de Janeiro,  
Jacintho Ribeiro dos Santos, editor.

Como quasi todos os nossos poetas, o sr. João Ribeiro, segundo informações suas em uma nota posposta a este seu livro, começou a poetar cedo. Os seus primeiros versos, da infancia e da adolescencia, apenas publicados em uma ou outra gazeta da terra natal, teve o bom gosto, que é uma das fórmãs da modestia (que é ella mesma bom gosto) de os não colleccionar. Vindo para o Rio de Janeiro, em 1880, trazia em manuscrito um volume de poesias com o expressivo titulo de *Idyllos Modernos*.

Não obstante a apresentação calorosa que d'elles fez na *Revista Brasileira* de então o seu



eminente conterraneo sr. Sylvio Roméro, o sr. João Ribeiro não publicou esses versos. Estes dois factos, tão raros nos costumes dos nossos poetas, que quanto escrevem julgam digno da publicidade em livros ou em desagradaveis folhetos, já estão revelando no sr. João Ribeiro aquillo que será uma das suas virtudes de poeta: o amor da perfeição. A preocupação do perfeito, na materia, na fôrma e na expressão, a procura do novo, do raro, do distincto, que depois devia generalisar-se com a victoria do parnasianismo, foi elle um dos primeiros a introduzil-a aqui, e logo com pleno resultado. A sua estréa com *Dias de Sol*, em 1883, e a sua segunda collecção, *Ávena e Cythara*, que a seguiu immediatamente em 1884, dois opusculos materialmente insignificantes, revelavam um poeta já senhor dos recursos, regras e até segredos da sua arte. Mas não revelavam sómente isso, si não tambem um espirito de poeta por muitas feições, pelas que apresentava de mais pessoas e characteristics, differente não só da tradição corrente da poesia nacional, do seulyrismosentimental, apaixonado e eloquente, mas dos poetas seus contemporaneos. E differente com uma distincção que não devia ter escapado aos entendedores. E era, infelizmente, para esses que elle poetava. Em 1890 reunia, sob o titulo de *Versos*, os seus dois folhetos em



um só volume, ainda desgraçadamente pouco aprazível ao manusear e á leitura.

Não obstante a relativa excellencia desses versos, a distincção de éstro que revelavam, o sr. João Ribeiro não é tão conhecido como poeta quanto porventura merece. O seu renome como tal não soffre comparação com a sua nomeada de philologo ou grammatico, o que, talvez, no intimo, lhe pese. Creio até que fóra do circulo dos homens de letras e de amadores de poesia, elle é, como poeta, quasi ignorado. Sob essa feição, não penetrou ainda o grande publico, não faz parte obrigada da lista dos nossos poetas, onde certamente figuram constantemente outros de menos valor. Dada a natureza do seu talento poetico, o temperamento artistico que dos seus versos se lhe adivinha, eu acredito que o não mortificará grandemente esta falta de popularidade. Elle não pertence talvez á raça dos que a estimam e requestam.

Para o facto notado, ha mais de uma razão, a época de exclusivas e absorventes preoccupações politicas em que appareceram em melhor edição os seus versos, o aspecto ainda pouco convidativo d'ella, e a propria fama pelo poeta adquirida como autor didactico. Mas, talvez, sobretudo a indole intellectual, quasi estou em dizer cerebral, da sua inspiração e da sua mesma expressão poetica.



Republicando elle agora os seus versos em melhor edição, á qual juntou bastantes inéditos, offerece-nos um estimavel ensejo de o estudarmos como poeta, que de todo o ponto o merece.

A' primeira leitura d'elles se reconhece, principalmente si, como é indispensavel fazer em critica que não seja de pura impressão, nos reportarmos á data dos seus poemas, que elles differem por qualquer coisa da poesia nacional passada e do tempo. Apenas se lhe poderia notar, com um influxo de uma erudição nova, e especialmente philologica, si por philologia devemos entender todas as sciencias historicas, a influencia da corrente poetica naturalista e parnasiana do tempo, mas affeiçãoada consoante o seu temperamento pessoal, e tendo apenas nos seus poemas um ar de familia com as primeiras manifestações aquí do parnasianismo. Afastadas as *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo (1872), este balbuciou talvez primeiro entre nós nas *Télas sonantes*, do Sr. Affonso Celso, que aliás provinham d'aquellas. Si os primeiros versos publicados do Sr. João Ribeiro vêm depois d'estes e dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior, são contemporaneos das *Symphonias*, do Sr. Raymundo Corrêa, e precedem as *Meridionaes* e os *Sonetos e poemas*, do Sr. Alberto de Oliveira e as *Poesias*, do





Sr. Olavo Bilac. E n'esses primeiros versos já os ha como estes de *Em marcha*, pelo rebuscado da fôrma, pelo estylo, pelo sentimento, destoantes da poesia corrente :

O' almas — velhas scentelhas —  
Matemos as nossas dôres,  
Busquemôs como as abelhas  
A medicina das flôres.

. . . . .  
O que não curam doutores  
Hão de curar-nos as rosas ;  
Eu tenho mais fé nas flôres  
Do que no resto das cousas.

Imaginavam outr'ora  
As filhas da arte pagã,  
Que o rosto voltado á aurora,  
A' inundação da manhã,

Dava aos labios tentadores  
Essa humidade rubente  
Que se mostra unicamente  
Sobre a corolla das flôres,  
. . . . .  
E numa estrofe nervosa  
Invoco a musa que eu amo :  
A rima é como uma rosa  
Ao cabo dum verde ramo.

Versos d'estes então só se os acharia na nossa lingua em Guerra Junqueiro, como logo depois no Sr. Olavo Bilac.



Porque este é, dos poetas que começaram a poetar com elle, o de quem mais se aproxima o Sr. João Ribeiro, aquelle com quem lhe acho mais pontos do contacto. Como o poeta fluminense, o poeta sergipano nasceu com uma visível e declarada preocupação da forma, um sentimento vivo da perfeição artistica no trabalho do verso.

A' intenção evidente de tal perfeição como poeta juntava-se desde a sua obra primitiva no Sr. João Ribeiro uma inclinação manifesta por temas objectivos, por assumptos de erudição, que são os mais abundantes do seu livro, e os que lhe dão certamente a sua nota distinctiva. Os poetas da sua geração tambem os trataram, mas nem tão abundantemente, nem sobretudo deixando n'elles a feição dominante do seu éstro. Uma duzia de sonetos de rara factura, de expressão, não obstante formosa, difficil, trabalhados com uma arte caprichosa, eram, com o titulo peregrino de *Museon*, a parte mais caracteristica da collecção. Deixavam elles a impressão de que havia no Sr. João Ribeiro mais um especulativo que um sentimental e que o seu éstro era mais feito de intelligencia, de raciocinio, de erudição que de emoção. Um preludio, ou antes um peristylo, que com o titulo de *Entrada* lhe antepoz o poeta, confirmava esta impressão, corroborada tambem pelo



crescido numero de poemas objectivos da mesma  
inspiração :

Museon! museon! meu templo d'Arte  
Feito de sangue, de meu sangue. Feito  
Das maguas concentradas  
Das ninhas dôres todas amontoadas.

. . . . .

Fil-o de pedras, rochas e diamantes  
E da condensação das coisas fortes,  
A panoplia de tudo  
Que póde ser espada ou ser escudo.

Não lhe escorrem piedades lacrymantes  
Na bruta face, mas as das cohortes  
Imprecações guerreiras  
Das longas linguas rubras das bandeiras.

Não havia, com effeito, nesses poemas, nem em todo o livro, lagrimas de piedade; si algumas havia eram de amor; arrancava-as a sensualidade, no duplo sentido esthetico e vulgar d'esta palavra, e não alguma commoção de dôr humana. O que em todos havia, com a perfeição exterior da fôrma, com certa novidade de expressão, com uma fresca originalidade de sensações, era a marca de um artista, em tudo isso, e mais no colorido do estylo poetico, na maneira de sentir e de exprimir as impressões do mundo externo, no intenso gosto da belleza plastica, e no prazer voluptuoso que ella lhe dava. Este



numero do *Museon* reúne esses elementos todos da arte do poeta :

Simples braço d'um satyro, imagina,  
Que phantasia de escultor gerara.  
Que gesto raro n'esta mão! que rara  
A formosura d'essa antiga ruina!

Ai! quanto não seria peregrina  
A bella voz que a frauta lhe vibrara  
Nos finos dedos e na mão tão fina  
Que transparece á luz do dia clara.

Dizer-se que este braço esteve outr'ora  
Preso ao torso d'um bode! e mais espanta  
Saber que n'esta mão encantadora,

Que dedilhára a citola de flora,  
Onde a harmonia da floresta canta,  
E' n'esta mão que a impudicia móra.

Mas não é só no *Museon* que se nos deparam;  
encontram-se em cada poema dos *Versos*, nos  
mais objectivos, como nos mais lyricos. Leia-se  
*Teu olhar* :

Teu doce olhar purissimo e radioso,  
Minha candida flôr estremecida,  
Teu doce olhar é um fluido perigoso  
Que póde envenenar-me toda a vida.

Tem elle o saibo cru e setinoso  
D'uma exquisita e oriental bebida,



Cujo aroma fatal propina o gozo  
E logo após o tédio do suicida.

Sim! esse fluido ethereo e desejado  
Que desce para mim a toda hora  
(E desce porque eu fico ajoelhado)

Ha de ser-me fatal logo ou agora...  
Porque elle encerra, n'um momento dado,  
A noite escura e ao mesmo tempo a aurora.

Si na indole poetica do Sr. João Ribeiro póde se verificar a predominancia das capacidades artisticas do desenho, da côr, da plastica, qualidades que eu chamaria propriamente estheticas, (Vejam os seus poemas descriptivos, todos de *Museon*, especialmente o soneto « Este vaso quem fez, por certo fel-o », *Para chover*, *Na Berberia*, *Sob o Equador*, *Paizagem americana*, *Na roça*) e as capacidades philosophicas de generalisação sobre as virtudes de emoção sentimental, que são talvez as fontes da grande poesia, fôra certamente desacertado contestar-lh'as. Elle as possui tambem, sómente subordinadas áquellas, e tomando sempre dellas alguma coisa de plastico e de intellectual, que dá ao lyrismo subjectivo do Sr. João Ribeiro uma feição que o não deixa confundir-se com o de outro poeta nosso. Quem lh'as empresta, porém, não são inteiramente os mesmos sentimentos de paixão amorosa e de voluptuosidade



que deram ao lyrismo brasileiro a sua característica. Certo existem no Sr. João Ribeiro, mas sem a tristeza, a nostalgia, a magua plangente daquelle, e existem misturados de elementos que não ha encontrar no nosso lyrismo tradicional, a reflexão, a intelligencia, uma ponta de duvida e de ironia. Como artista, como estheta, e o Sr. João Ribeiro é principalmente um estheta, o poeta dos *Versos* é um sensual, e toda a sua poesia traduz este seu modo de ser, esta feição da sua individualidade de poeta. E é esta sua sensualidade que salva a sua obra poetica da impassibilidade preconizada ou praticada por certos parnasianos e lhe dá o sentimento que sem ella lhe faltaria, diminuindo-lhe o valor.

Ha nos seus *Versos* uns deliciosos poemas com o titulo de *Numeros de intermezzo*, que é preciso não confundir com o *Intermezzo* de Heine, de que vêm alguns numeros traduzidos no livro. N'esses, como em outros (Vejam *Gavinhas, Rimas, Recuerdos*, etc.) o poeta apresenta essa feição subjectiva do seu genio, de puro lyrismo pessoal e sentimental. Naquelles é evidente o influxo do poeta allemão, com cujo espirito o do Sr. João Ribeiro terá algumas coincidencias. Ha nelles, guardadas nesta comparação todas as proporções, a mesma sensualidade discreta, como não o é em geral a do



poeta dos *Versos*, a mesma delicadeza de sentimento e de expressão amorosa, o mesmo gosto e finura de conceitos, o mesmo ligeiro toque de ironia, traindo o intellectual. Mas o facto de, ao cabo, não serem elles sinão uma imitação feliz, provaria talvez que não saem espontaneamente da inspiração propria do Sr. João Ribeiro.

A porção nova d'esta edição dos *Versos* é principalmente composta de traducções ou imitações de poetas allemães. Algumas das mesmas peças originaes revelam tambem a influencia de uma musa que, a julgar pela versão do sr. João Ribeiro, é bastante differente das que nos são familiares. Não sei avaliar a fidelidade das suas traducções; ellas me deixaram, porém, a impressão de ser exactas e sinceras. Mas não é esse o seu principal valor para o estudo do Sr. João Ribeiro como poeta. Esse vejo-o no serem porventura o indicio de um progresso do seu éstro e estylo, quaes os tentei definir, para uma inspiração mais humana, mais commedida, e por isso mesmo mais commovente. No final da nota a que me referi ao começar este artigo, faz-nos o Sr. João Ribeiro esta confidencia preciosa :

« Trabalho neste momento em outro livro de versos, um *romancero* ou um *livro de balladas*, compostos já na madureza do espirito e por



onde espero e desejo ser julgado definitivamente. »

Creio poder suppôr que esse livro realisar a evolução de que esses poemas *De outros ares* são talvez o auspicioso prenuncio. Mu seria, porém, que essa modificação no genio poetico do Sr. João Ribeiro não viesse de um intimo sentimento de sympathia por essa nova concepção poetica, não resultasse de uma sincera correlação entre o seu stro e ella. Até agora o Sr. João Ribeiro é um puro estheta, e o esthetismo, desacompanhado de humanidade, não creio vingue jamais em obras verdadeiramente vivas e grandes em arte. Reconhecendo que como poeta, embora limitado pela estreiteza de sua concepção artistica, o seu renome não corresponde ao seu merito, aneio por esse novo livro, pelo qual elle deseja ser definitivamente julgado, e que, obra da madureza do seu espirito e da influencia de uma inspiração mais humana, sem deixar de ser profundamente intelligente, deve ter, ao contrario d'este, mais alma, mais poesia, do que arte.





## UM LIVRO DE CRITICA

*Homens e livros* por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.  
H. Garnier.

A não ser talvez o novo livro de versos, que nos promete para breve, não podia o sr. Magalhães de Azeredo trazer-nos da Europa melhor « lembrança » que o seu volume de estudos criticos, *Homens e livros*. Tenho tantas vezes dito o meu apreço por este escriptor, a minha estima das suas qualidades literarias e do seu esforçado e honesto labor nas nossas letras, que me não sinto de fórma alguma enleiado para falar de um livro onde ha para mim paginas de grandes finezas.

Não foi sem proposito que qualifiquei de esforçado e honesto o trabalho literario do autor das



*Procellarias*, da ode *A Portugal*, das *Baladas e Phantasias*, do *Poema da Paz*, das *Elegias a Leão XIII* e de outras producções ainda esparsas em jornaes e revistas. O que, tanto como o seu engenho literario, estimo e prézo no Sr. Magalhães de Azeredo, é a sinceridade da sua applicação ás letras, o seu amor, sem cabotinismo, por ellas, e a seriedade com que as considera e trata. Mesmo no seu primeiro livro, *Alma primitiva*, titulo que já de si revela intenções reflexivas, até no das *Baladas*, onde a phantasia corre livre e travessa como os brincos da juventude, não sacrifica jámais o escriptor a essa chamada literatura ligeira, que foi algum tempo, si não é ainda hoje, a praga das nossas letras.

Elle certamente não é desses profanadores

Do Ideal que ha custado ao mundo tantas dôres

dos quaes lhe falava a sua Musa nas *Procellarias*. Sente-se nelle, com um profundo amor, o respeito da sua arte, que não lhe permittirá nunca tratá-la levemente. Si não é impertinente reparar-lhe, e até reprehender-lhe, e eu proprio já o fiz, a abundancia, no duplo sentido, da sua producção, livros, folhetos e artigos que se seguem amiudados, sem a desculpa daquelles que, por mal seu, escrevem para viver, e de certa prolixidade do seu estylo, fóra grande



injustiça não verificar ao mesmo tempo que o seu trabalho não é jámais apressado, e muito menos de afogadilho. Todo elle, prosa ou verso, ficção ou critica, revela reflexão e estudo, aquelle esforço sem o qual não ha, mesmo dos genios, sinão obras falhas.

E' disso exemplo todo este seu livro, especialmente os desenvolvidos e trabalhados estudos sobre *Leopardi*, *Garrett*, *Eça de Queiroz*, *Machado de Assis* e *Sylvio Romero*, *Alberto de Oliveira*.

Propriamente como escriptor, si podemos separar o escriptor do autor, o Sr. Magalhães de Azeredo, sem talvez possuir ainda um estylo seu, distincto, inconfundivel, como por exemplo, é o do Sr. Machado de Assis ou o do Sr. Joaquim Nabuco ou o do Sr. Coelho Netto, occupa certamente um dos melhores lugares da nossa litteratura contemporanea.

De uma grande correccão, ou pelo menos daquella correccão que para o escriptor digno deste nome é condição essencial, tem mais a sua lingua as qualidades de elegancia, colorido e vida, cuja falta desclassifica da litteratura os que não as possuem. Um purista poderia entretanto censurar-lhe vocabulos e expressões que, sacrificando á modernidade, ou ao brazileirismo da linguagem, se afastam do rigor vernaculo. Não apparecem, porém, em tanta copia, nem são de



tal natureza que lhe possam diminuir o merito de escriptor, que o é em todo o alcance e valor do termo. São muitas as paginas que o mostram neste livro de critica, onde frequentemente se descobre o autor de imaginação e o poeta.

Os apaixonados da originalidade a todo o transe, os que tomaram para seu lemma esthetico o verso de La Fontaine

Il nous faut du nouveau n'en fût-il point au monde

não se acharão talvez de todo satisfeitos com a obra critica e imaginosa do joven e já feito escriptor. Embora elle escape sempre á banalidade pela formssura do seu estylo, pelo conhecimento real dos assumptos que versa, pelo seu não vulgar cultivo espirital, pelo sentimento, direi mesmo pela emoção, das coisas de que escreve, a originalidade, principalmente sob a fôrma morbida que anda hoje em moda em certas preoccupações literarias e artisticas, e que com pouco degenera na extravagancia e no malsão, não é uma das feições do seu talento. A essa originalidade, aliás facil para os que não têm o amor da exactidão e um fundo sentimento da medida e justeza das coisas, elle prefere a *humilde verdade*, ou, já que, parece, não nos é possivel jámais alcançal-a, o que se lhe afigura ser a verdade. Não ha no seu espirito nada de paradoxal, e a sua philosophia, que talvez com



prejuizo para a sua arte, lhe enfreia a imaginação, é a trivial philosophia catholica, praticamente esgotada e, penso eu, incapaz de toda a elevação. Para com ella escapar aos percalços das doutrinas anachronicas, que parecem viver quando apenas sobrevivem, é preciso não lhes pertencer sinão pela imaginação, e por um inconsciente trabalho de heterodoxia, evitar o arroxio dos seus dogmas e, sobretudo, accomodar ao nosso sabor e temperamento as consequencias delles.

Taes doutrinas, quaesquer que ellas sejam, mesmo alguma que se pretende scientifica, são uma peia á originalidade e á imaginação que ou transigem com ellas, e se anniquilam, ou com ellas tergiversam e lhes illudem o rigor, ou momentaneamente as alheiam de si ou se alheiam dellas no interesse da sua literatura ou da sua arte. Numa destas duas ultimas alternativas estão esses escriptores de forte imaginação e vigorosa originalidade, como os Chateaubriands e os Lammenais, cujo catholicismo declarado não os salvou da justa condemnação da Igreja. Ha, porém, ainda uma categoria destes poderosos espiritos, a dos Veuillots e dos de Maistres; esses nem transigem, nem tergiversam, mas submettem a sua igreja, o seu ensino e regra, ás exigencias despoticas da sua imaginação.

Não indagarei a qual destas categorias per-



tence o Sr. Magalhães de Azeredo ; creio, entretanto, não errar julgando que á segunda. E embora seja o Sr. Azeredo dos que, como S. Paulo, se não envergonham da sua fé, não toquei neste ponto sinão porque penso poder attribuir á philosophia religiosa do autor de *Homens e livros*, a tal ou qual opacidade de tons, no que respeita ás idéas, que, a meu vêr, diminue e amortece o brilho da sua obra, e que talvez contribuisse para tirar ao seu *Poema da Paz* a intensidade de vida e emoção que era seu intento dar-lhe. No interesse da originalidade, da força communicativa, do talento do Sr. Azeredo seria porventura preferivel que elle, como o Sr. Joaquim Nabuco, frequentemente esquecesse aquella sua philosophia e se alheiasse della. Não quero negar que possa haver um espirito original e forte dentro de uma religião dogmatica, que regulou todas as crenças e actos humanos. Com as restricções apontadas e exemplificadas, póde havel-as, tem-nas havido e as haverá ainda. Sem ellas, só serão possiveis os espiritos que, qualquer que seja o seu vigor intellectual, não tirem de facto a sua originalidade sinão da opposição em que se põem com o seu meio e o seu tempo. E' uma fórmula de genialidade ás avessas : não adianta a sua época mas della retrograda. Mas tem o seu pico, talvez não de todo estranho á adhesão de certos espi-



ritos a ideias obsoletas e doutrinas exaustas. Viu-se cousa igual no fim do paganismo, e nas intelligencias mais altas como um Marco Aurelio e um Juliano. Esses são os reaccionarios, como foi entre nós Eduardo Prado. O que eu penso e digo é que, fóra da reacção franca, e a não ser com aquellas accommodações, já verificadas por Molière, não ha lugar para a imaginação e a originalidade dentro das igrejas, quaesquer que ellas sejam. Para de antemão acudir a uma objecção que me poderia ser feita, reconhecerei ainda que são tambem possiveis nos criadores, nos innovadores, como um Tolstoi, por exemplo, cuja fé religiosa é entretanto fundamentalmente revolucionaria sob o seu aspecto social e politico, e escandalosamente heretica para todos os christianismos.

Gosta o Sr. Magalhães de Azeredo de citar e applicar o conceito de Carlyle da necessidade da sympathia á comprehensão das coisas. Justissimo é esse conceito, comtanto que fiquemos estrictamente na sympathia, e não descambemos na condescendencia. Salvo talvez no ultimo dos seus excellentes estudos, o Sr. Magalhães de Azeredo conservou-se sempre dentro do juizo carlyleano, que applicou constantemente com fina intelligencia e discreção. Não quero dizer que, a meu vêr, acertasse sempre. Quando no seu, aliás argúto e sentido, ensaio sobre Eça de



Queiroz nos quer fazer desse grande ironico, pessimista e sceptico, quasi um devoto e quasi um patriota, acho eu que se engana redondamente. Que me importa a mim que com o espirito abalado pelo abatimento do corpo, a intelligencia enfraquecida pela molestia, a razão anemiada como o cerebro, Eça de Queiroz, como poeta e sentimental, que apesar da sua ironia era, sob o imperio da imaginação a lembrar-lhe as coisas encantadoras do passado, da sua saudosa terra de devoção e lendas, desse mostras, simples mostras aliás, de um regresso ás creanças, sempre amadas para toda a alma bem nascida, dos primeiros annos da sua vida? A sua obra, que é o que nelle me importa e interessa, essa é toda, não só sceptica e descrente, mas irreligiosa, sinão anti-religiosa. O mais certo signalexterior de uma alma religiosa é a incapacidade, por assim dizer, organica, de tratar com menosprezo a religião e as coisas da religião, de rir dellas ou por ellas, de tomal-as para objecto ou estimulo de zombaria, ou de fazer rir servindo-se dellas como assumpto. Não o fizeram nunca um Comte, um Littré, um Herculano, um Strauss, um Renan, um Anthero de Quental, almas profundamente religiosas. Ora, toda a obra de Eça de Queiroz é cheia desse menospreço, dessa zombaria com a religião e as suas coisas cujo mestre admiravel foi Voltaire, e de





quem, por muito, Eça de Queiroz foi, como todos nós, até muitos dos que se julgam catholicos, um discipulo. Não escreve a *Reliquia*, que teria desmanchado de riso as agudas mandibulas do poeta da *Pucelle*, si elle a pudesse ler, quem tem algum sentimento religioso, ou, ao menos, da sua religião tradicional e não só esse largo sentimento de bondade, de piedade humana, tanto mais certo quanto mais desligado de toda a crença religiosa. Quero crer que nesse se resumisse a religião, toda de imaginação e poesia, que porventura, escapado ao naufragio das crenças primeiras, descobriu o Sr. Magalhães de Azeredo no autor do *Crime do padre Amaro*. Não me parece de bom aviso querer a critica, á força de explicações, ás vezes subtis e especiosas, emendar a personalidade moral de um escriptor e, mesmo por sympathia, pretender fazel-o qual desejava que elle fosse. Quaesquer que sejam os subsidios que lhe forneçam a vida do escriptor, a convivencia do critico com elle, ella deve principalmente ater-se ás suas obras. E' sómente por ellas que elle vive e merece a nossa attenção. Já entre nós alguém se lembrou de explicar, negando-o, o pessimismo do Sr. Machado de Assis, como si o pessimismo fosse um defeito, uma má qualidade. E' o mesmo exagero de sympathia que leva o Sr. Magalhães de Azeredo, depois de nos querer convencer da final



evolução de Eça de Queiroz para a religião, tentar demonstrar-nos que elle era um patriota. Si Eça fosse um militar, um politico, um funcionario — não é absolutamente como consul que elle nos interessa — um dos que têm a obrigação profissional do patriotismo, concebo o esforço do critico para restaurar-lhe os creditos de patriota, tanto ou quanto abalados pela sua ironia ás coisas da patria; mas sendo apenas um puro artista, exclusivamente um romancista, não lhe vejo a necessidade. Que elle era profunda e essencialmente portuguez, concordo tanto mais facilmente que julgo havel-o escripto primeiro que o Sr. Magalhães de Azeredo; tão portuguez, mas a seu modo, como Garrett, como Herculano, como Camillo. Não ha na literatura portugueza romances e typos mais portuguezes que os seus; nem nenhum outro escriptor que desse da terra, da alma, do sentimento, da vida portugueza, em summa, representações tão fieis e tão intensas. O amor de sua terra elle certamente o tinha, profundamente radicado, e intimamente sentido; *A cidade e as serras* são o documento, eloquente e cômmodo, apezar da sua ironia, desse seu sentimento e da nostalgia que doia fundo na sua alma intimamente sentimental e romantica.

Mas esse amor se não confunde, e nelle, principalmente, se não confundia, com o vulgar



patriotismo, com os elementos varios, e bem grosseiros alguns, que o compõem. Por isso não poupou satyras á sua patria, como não as poupou á sua religião, mas si a esta nada legou, nem mesmo uma duvidosa e pouco meritoria concessão *in-extremis*, deixou áquella, como testemunho do seu grande amor por ella, das profundas affinidades que os ligavam, uma obra que vale mais que a de todos os seus patriotas profissionaes, politicos, militares, funcionarios, jornalistas, cortezãos do poder ou do povo: a obra immortal com que augmentou o seu patrimonio intellectual, unico que sobrevive ás nações condemnadas, como talvez a sua, a desapparecer.

Si uma ou outra vez a sympathia espirital do Sr. Magalhães de Azeredo, por um excesso que lhe honra a bondade de sentimentos, vicia os seus juizos, quasi sempre se mantém na medida justa e algumas vezes serve excellantemente á sua penetração critica. Nenhuma prova mais brilhante que o seu soberbo estudo *Machado de Assis* e *Sylvio Romero*, contestação triumphante, (e modelo de urbanidade critica), dos conceitos do illustre critico sobre o eminente escriptor, e na qual a mesma sympathia serviu para comprehender e explicar admiravelmente tanto um como o outro dos dois escriptores em questão.



Aliás, — e não penso em diminuir, no que quer que seja, o merecimento que della vem ao critico de *Homens e livros*, — não é difficil essa sympathia, mesmo a benevolencia que a acompanha, quando podemos escolher a nosso talante os homens e livros do que havemos de tratar...



V

## UM POETA

---

*Versos* por Mario de Alencar, Rio de Janeiro.  
Jacintho Ribeiro dos Santos, editor.

O autor do *Guarany* e de *Iracema*, não obstante ter feito versos e iniciado um poema, não era um poeta em verso. Que o era em prosa, e magnifico, bastam esses dois livros para o attestar. O dom do verso, que apenas escassamente possuia, que pelo menos não era a forma natural ou principal da sua expressão litteraria, parece, segundo um facto conhecido da herança psychologica, ter-se desenvolvido no seu filho, o sr. Mario de Alencar. Mas si herança ha na vocação deste pelo verso, é talvez a unica verificavel do engenho paterno nelle, sob este aspecto augmentado, e não só aug-



mentado, mas inteiramente differente, no fundo e na fórma. E' possível que o primeiro livro de versos do sr. Mario de Alencar, *Lgrimas*, publicado aos 16 annos, e que apenas conheço por informações fidedignas, muito chegado, segundo ellas, ao tom casimiriano, á tristeza geral dos poetas contemporaneos de seu pai, e deste mesmo, tivessem alguma coisa da nota elegiaca do poeta de *Iracema* e das *catatrophes* em que, como notou o Sr. Araripe Junior, acabavam quasi sempre os seus livros. Salvo talvez a gracilidade que, segundo a justa observação do mesmo critico, é uma das feições do talento literario de José de Alencar, os *Versos*, publicados agora aos 30 annos, não revelam, penso eu, nenhum parentesco intellectual, ou affinidade siquer, entre o filho e o pai. O facto aliás não é novo na historia literaria, e talvez nenhum mais frisante á minha asserção que o do fino, delicado, gentilissimo, agudo observador e elegante narrador, Affonso Daudet, e o seu filho Leão Daudet que, tendo bastante talento, o tem justamente com as qualidades oppostas. Literariamente é, com effeito, raro se nos depare um caso de maior dissimelhança que o de José de Alencar e do Sr. Mario de Alencar, seu filho.

E' que ha entre os dois uma grande differença de educação, uma evolução intellectual



e uma geração literaria, que os separam e differenciam. Não é que não haja naquelle, ainda sómente como escriptor — e só como escriptores os aprecio aqui — qualidades e feições do seu progenitor. Ha em ambos a mesma delicadeza de sentimentos e de expressão, o mesmo pendor para o grácil (que talvez fôra mais euphónico dizer gracil), e porventura tambem o mesmo idealismo, que José de Alencar levava até ao abuso. Mas estas, além de poderem vir da só educação domestica, da pura herança physiologica, podem ser qualidades communs entre escriptores absolutamente alheios um ao outro.

Diverso por quasi todos os aspectos literarios do seu illustre progenitor, cujo nome glorioso seria até certo ponto uma difficuldade á sua carreira, o Sr. Mario de Alencar — e não lhe estou ainda aquilatando o merito — parece-me igualmente diverso dos nossos poetas actuaes. Dois factos, só por si inculcam, ao meu vêr, uma distincção, si não já uma superioridade. Poeta moço, elle não tem o aqodamento da publicidade, nem, posso affirmal-o por conhecê-lo e observal-o, da vulgar nomeada, a que entre nós pouquissimos resistem. A distancia de quatorze annos que separa os seus dois livros, a raridade com que apparece o seu nome na imprensa, onde acharia facil e grato acolhimento, e a relutancia com que resiste a amigos



que o estimulam ao trabalho literario, demonstram aquelles assertos e, ao mesmo tempo, mostram com que rigor elle proprio se julga, rigor que, tirando-lhe certa confiança que o escriptor, como o soldado, deve ter em si, o tem impedido de continuar, a seu modo, e segundo o seu temperamento literario, a obra da literatura brazileira, de que seu pai foi um dos mais illustres iniciadores. Certo, não é um biôco de autor a razão que, em nota, nos dá do seu livro, que elle provavelmente considera e quer que consideremos como o unico, pois não indica o dos dezeseis annos, o que é um tacito repudio: « Publico estes versos incerto de quanto valem, ou antes quasi convencido que elles valem pouco. A publicação tem por isso mesmo o intuito de submettel-os a isento e desinteressado juizo, e é ainda um meio de preserval-os da irremediavel anniquilação a que a minha desconfiança tem condemnado tanto outros escriptos. » — O autor é um incontentado do que faz e não se vexa de confessar sua inhabilidade critica. Pergunta incredulo a si proprio « si é poeta ou simples versejador. »

Acreditando na sinceridade da duvida e da pergunta do poeta, procurarei, por minha parte, responder-lhe com sinceridade correspondente.

Si o verso é a fórmula mais natural da expressão dos sentimentos e emoções no sr. Mario de





Alencar e, certamente, a mais do seu gosto e predilecção, do estudo attento e sympathico do seu livro me ficou a impressão que ella não lhe é tão facil como á maioria dos nossos poetas. Muitissimos são aqui os que não têm mesmo outra qualidade como poetas sinão a facilidade do verso. Esses são versejadores, e alguns excellentes. Sob esse aspecto, o Sr. Mario de Alencar não é um versejador. O seu verso é correcto, é mesmo ás mais das vezes elegante, tem frequentemente uma distincta belleza, mas não sei si lhe não falta mais do que convinha á distincção da sua poesia, a fluencia, a facilidade, a impressão do não trabalhado, que é aliás o principal encanto da maxima parte dos nossos poetas. Ou me engano muito, ou o Sr. Mario de Alencar não é dos poetas felizes que procream e produzem sem dôr. Não os inveje, porém, que a próle desses pouco vive. Um dos maiores poetas do nosso tempo, sinão o maior, e com certeza o mais fecundo, Victor Hugo, concebia e gerava na dôr, e de todos os da sua raça é verdade dizer o mesmo. E' preciso, porém, que esse trabalho o não sintamos na obra. Ora, eu o cuido descobrir nos versos do Sr. Mario de Alencar. E' talvez o seu mesmo amor da perfeição e, sinão das novidades metricas, á moda dos nephelibatas e quejandos, o gosto das fórmias variadas, menos correntias,



renovadas, remodeladas, distinctas emfim do vulgar, que origina esta sua relativa inferioridade. E' a versos como estes, e que não são muito raros, que alludo :

Que os tristes neste mundo negativo  
Não são cridos e ao escarneo dão motivo,

versos certos, mas prosaicos. .

Mas pela mesma variedade dos seus versos, pela arte com que o poeta lhes soube dar uma apparencia de novidade, fazendo-os como que pessoas, e sobretudo pela visivel distincção — ainda não querendo tomar esta palavra sinão no seu sentido material — da sua arte, da sua inspiração e até da sua expressão, no meio dos nossos poetas actuaes, da nova ou da velha geração, parnasianos ou symbolistas, póde o Sr. Mario de Alencar tomar entre elles um logar não somenos e, o que elle talvez mais preze, como quer que seja a parte.

Tem elle sobre a immensa maioria dos chamados « novos » uma superioridade de cultura, que deve fortificar a sua inspiração, enriquecer o seu éstro, e, como já se sente nos seus *Versos*, avigorar e estimular a sua mesma mentalidade de poeta. E' um livro em que o amor tem, como é natural e forçoso, parte grande, mas onde abundam outros themas, e são cantados ou idealizados outros sentimentos, e no



qual as idéas propriamente poeticas mostram no poeta um homem de pensamento. Cultivando com amor as duas literaturas, grega e ingleza, ha desse culto provas não só nas bonitas ódes á Grecia e á Inglaterra, mas na inspiração geral e nas fórmãs de expressão, e ainda no lindo quadro de *Hera e Zeus*.

Leiam-se os formosos versos :

Existe em mim, bem no intimo do peito,  
Uma vaga tristeza inexprimivel  
Que ás vezes dóe mais fundo que essas dôres  
Communs de todo dia,

em que respira a intimidade dos poetas saxo-  
nios, e que, com outros poemas não menos bons,  
como quasi todos os seus, até aquelles em que  
a mocidade se desforra do temperamento do  
poeta e graceja e ri, mostram que a melan-  
colia resignada e benevolente é o fundo da sua  
alma.

Não é sem razão que elle toma para lemma  
de seus *Versos* os de um poeta inglez :

Under earth runs water,  
Under life runs grief.

Eis como elle fala do olhar da mulher amada :

O teu olhar  
Tem tal bondade e tal ternura,



Fala-me tanto dentro d'alma,  
Que eu não conheço outra ventura  
Maior do que esta, de fitar  
Horas a fio, abstracto, em calma,  
A doce luz do teu olhar.

Na *Valsa* ha o riso malicioso de poeta mais  
maduro do que os annos quereriam :

Entre outros pares, par gentil e airoso

Desliza no salão,  
Da valsa ao lento giro sinuoso.  
Elle, que é moço e ardente,  
E junto ao peito o peito della sente,  
Bate-lhe o coração  
E aperta-a febrilmente  
No subito alvoroço da paixão.

Rosto apoiado ao hombro d'elle, a dama,  
Si a pressão não repelle,  
Nem desvencilha a mão,  
Finge apenas que o ama ;  
A presença do moço abstrae que a abraça,  
E emquanto poisa o rosto ao hombro d'elle,  
Por outro moço esbelto que ali passa  
Bate-lhe o coração.

A' *Lua*, tão cantada e decantada por todos  
os poetas, acha elle ainda palavras proprias  
para endereçar-lhe :

Dizem que és nada mais que o corpo inerte  
Como a terra que pizo, e menos que ella,  
Materia morta, espelho pallejante  
De alheia claridade.



Para a minh'alma, não. Alma erradia  
E's tu e irmã da minha; vives, sentes  
E a tua côr é a mesma côr dos tristes,  
Banhada por teu pranto.

A tua dôr meu espirito não pôde  
Conceber nem sentir, que és sobrehumana;  
Mas a tristeza tuã me entristece,  
Alma saudosa e inquieta,

Creio ás vezes ouvir-te a voz longinqua,  
Voz de divina magua : e em vão a escuto,  
Em vão, porque a linguagem que tu falas,  
Não a conhece a terra.

Com todo o estudo que ha na obra poetica do Sr. Mario de Alencar, ha nella, e é um merito relevante e bemvindo no meio da pompa, geralmente ôca, da oratoria, da eloquencia mais palavrosa que verdadeiramente commovida, de grande numero dos nossos poetas, uma peregrina simplicidade, que não sei si possa attribuir ao seu commercio com os poetas gregos e inglezes. Os versos já transcriptos o demonstram; estes o confirmarão :

Não ha dia, nem hora, nem minuto  
Em que a morte não leve alguem da terra,  
Por cada ser que a vida em flôr descerra  
Muito ser já deixou a terra em luto.

Mas si a morte passou por ti levando  
Alguem que te era estranho ao pensamento ;



Tu que a vês repassar cada momento,  
Só a notas passar de quando em quando.

Assim de arvore antiga e agigantada  
Só quando o temporal violento a investe,  
E' que, olhando-lhe a fronde que a reveste,  
Tu lhe observas a crebra desfolhada.

No entanto a todo instante a leve aragem,  
Cujo sopro mal sentes sobre a face,  
Por mais leve, mais doce que ali passe,  
Folha por folha, tira-lhe a folhagem.

Como as folhas que voam, resequidas,  
Quando entre os ramos sopra a aragem leve,  
Vamos nós um por um na vida breve  
Calhindo, folhas mortas e esquecidas.

Eis outros que não desmerecem destes e em  
que se juntam á melancolia natural do poeta,  
a simplicidade da sua expressão e a limpida  
emoção do seu sentir :

Disse me um dia  
O coração :  
« Si queres ser feliz em mim confia,  
Não busques o prazer da intelligencia;  
Ingenuo e simples, ama e terás tudo,  
Sem a agrura do estudo,  
Sem as ingratas decepções da sciencia,  
Ama sómente e vive na illusão. »

Mas logo disse  
Uma outra voz :



« O amor é o grande mal, traz a velhice,  
O tédio, a luta ingloria, o soffrimento.  
Feliz serás, liberto do contacto  
    Vulgar. O gozo é abstracto;  
Só ha ventura real no pensamento :  
No amor gozo illusorio e dôr atroz. »

Eu quiz amar sómente, mas não pude :  
O espirito sonhava outra ventura :  
Quiz o amor excluir; o amor perdura :  
E eu vou vivendo na vicissitude  
Do dominio do espirito ou do amor.  
Mas nem o amor nem o saber contenta  
    A alma que se atormenta  
Na igualdade monotona da dôr.

Seguramente são de um poeta estes versos, e os outros citados, como os que deixo de citar mas recommendo ao leitor : *Os mortos*, *A alma do poeta*, *O meu phantasma*, *A alma* e outros.

O *Padre Germano* (e só instigado por uma nota do autor me refiro especialmente a este poema) pareceu-me infeliz inspiração. Não ha nesse quadro — de um padre lambendo do chão a hostia vomitada pelo moribundo sacramentado — no qual pôde haver e ha, uma grande e especial belleza moral, nenhuma condição esthetica para a idealisação poetica. O gesto, moralmente bello, é praticamente repugnante, e si lhe attentarmos nas minucias materiaes, até grotesco.



Sem attender á minha escassa competencia, creio poder dizer ao sr. Mario de Alencar que é desarrazoada a sua duvida de si como poeta. Com o seu espirito critico, que o tem e já o mostrou em estudos esparsos, com a sua rara honestidade literaria, a sua cultura e o seu amor ao estudo, possui elle os elementos para desenvolver e aperfeiçoar os seus dotes naturaes, que pódem não ser de primeira ordem — e esses rarissimos os têm — mas que são já assás valiosos. Os poetas, a despeito do velho proloquio, mesmo os grandes poetas, ou porventura principalmente os grandes poetas, fazem-se tambem.





## CAMPANHA DE CANUDOS

---

*Os Sertões* Campanha de Canudos, por EUCLYDES DA CUNHA, Laemmert e C<sup>ia</sup>, editores.

O livro, por tantos titulos notavel, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de sciencia, um geographo, um geologo, um ethnographo; de um homem de pensamento, um philosopho, um sociologo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe vêr e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contacto do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d'alma, commovido até ás lagrimas, em face da dôr humana, venha ella das condições fataes do mundo physico, as « seccas » que assolam os



sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos.

Pena é que conhecendo a lingua, como a conhece, esforçando-se evidentemente por escrevel-a bem, possuindo reaes qualidades de escriptor, força, energia, eloquencia, nervo, colorido, elegancia, tenha o Sr. Euclides da Cunha viciado o seu estylo, já pessoal e proprio, não obstante de um primeiro livro, sobre-carregando a sua linguagem de termos technicos, de um boleio de phrase como quer que seja arrevezado, de archaismos e sobretudo de neologismos, de expressões obsoletas ou raras, abusando frequentemente contra a indole da lingua e contra a grammatica, das fórmias obliquas em *the* em vez do possessivo directo, do relativo *cuyo* e, copiosamente, de verbos por elle formados, e de outros modos de dizer, que, ainda quando philologicamente se possam justificar, não são, de facto, nem necessarios, nem bellos, antes, a meu vêr, dão ao seu estylo um tom de gongorismo, de artificialidade, que certo não estava na sua intenção. Em uma palavra, o maior defeito do seu estylo e da sua linguagem é a falta de simplicidade; ora, a simplicidade que não exclue a força, a eloquencia, a commoção, é a principal virtude de qualquer estylo. Mas este defeito é de quasi todos os



nossos cientistas que fazem literatura, até mesmo de alguns afamados escriptores nossos, que mais sabem a lingua, é quasi um vicio de raça, o qual no Sr. Euclides da Cunha, por grande que seja, não consegue destruir as qualidades de escriptor nervoso e vibrante, nem, sobretudo, o valor grande do seu livro.

Esse livro reconta os sertões, os seus habitantes e a campanha de Canudos, de que o autor foi, parece-me, testemunha presencial. No seu livro, além da descripção, animada e vivida, da terra, e da historia, contada com raro espirito de verdade, e não vulgar vigor dramatico, daquela campanha, intentou elle, segundo declara, esboçar, « ante o olhar de futuros historiadores, os traços actuaes mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brazil » — « E fazemol-o, acrescenta, porque a sua instabilidade de complexus de factores multiplos e diversamente combinados aliada ás vicissitudes historicas e deploravel situação mental em que jazem, as tornam talvez ephemeras, destinadas a proximo desaparecimento ante as exigencias crescentes da civilisação e a concorrência material intensiva das correntes migratorias que começam a invadir profundamente a nossa terra. » Já se vê qual é, neste particular, a doutrina sociologica do Sr. Euclides da Cunha : « o esmagamento inevitavel das raças fracas



pelas raças fortes », no « qual Gumpłowicz, maior que Hobbes, lobrigou a força motriz da Historia. »

« A campanha de Canudos tem por isto a significação innegavel de um primeiro assalto, em lucta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termol-a realisado nós, filhos do mesmo solo, porque, ethnologicamente indefinidos, sem tradições nacionaes uniformes, vivendo parasitariamente á beira do Atlantico dos principios civilisadores elaborados na Europa, e armados pela industria alleman — tivemos na acção um papel singular de mercenarios inconscientes. Além disto, mal unidos aquelles extraordinarios patricios pelo solo em parte desconhecido, delles de todo nos sepára uma coordenada historica — o tempo. »

Não me é de todo possivel analysar, ou siquer expôr um livro, não só longo, mas tão complexo como é o do Sr. Euclides da Cunha. Aquelle seu programma, conscienciosamente desempenhado como foi, diz sobejamente o seu alto interesse. Por um tanto technica, e de um estylo tornado abstracto demais pelo uso da linguagem das sciencias abstractas, não darei ao leitor algumas das paginas, não obstante dramaticas, da sua pintura da terra sertaneja. Este retrato do sertanejo, porém, lhe mostrará que não são exaggerados os meus gabos.



« O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o rachitismo exhaustivo dos mestiços neurasthenicos do littoral. A sua apparencia, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrario. Falta-lhe a plastica impeccavel, o desempenho, a estrutura correctissima das organisações athleticas. E' desgracioso, desengonçado, torto. Hercules-Quasimodo, reflecte, no aspecto, a fealdade typica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quasi gingante e sinuoso, apparenta a traslação de membros desarticulados. Aggrava-o a postura normalmente acurvada, num manifestar de displicencia que lhe dá um character de humildade deprimente.

« A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavallo, si soffreia o animal, para trocar duas palavras com um conhecido, cae logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sella. Caminhando mesmo a passo rapido, não traça trajectory rectilinea e firme. Avança, celeremente, num bambolear caracteristico, de que parecem ser o traço geometrico os meandros das trillias sertanejas. E si na marcha estaca, pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar ligeira conversa com um amigo, cáe logo — cáe é o termo — de cocoras, atravessando largo tempo numa posição de equilibrio instavel, em



que todo o corpo lhe fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável. É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perenne em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadencia langorosa das modinhas, na tendência constante á immobildade e á quietude.

« Entretanto, toda esta apparencia de cansaço illude. Nada é mais surprehendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquella organização combalida operam-se em segundos transmutações completas. Basta o apparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os hombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte, e corrige-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantanea, todos os effeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréo achamboado, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titan acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e agilidade extraordinarias. »



Este contraste revela-se a cada passo na vida sertaneja.

« E' impossivel idear-se cavalleiro mais descuidado e deselegante; sem posição, pernas colladas ao bojo da montada, tronco pendido para a frente e oscillando á feição da andadura dos pequenos cavallos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rapidos como poucos. Nesta posição indolente, acompanhando morosamente a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quasi transforma o *campião*, que cavalga, na rêde amolcedora que atravessa dois terços da existencia. Mas si uma rez *alevantada* envereda, esquivada, adeante, pela caatinga *garranchenta*, ou si uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, eil-o, em momentos, transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria, e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dedalos inextricaveis das juremas.

« Vimol-o neste *steeple-chase* barbaro. Não ha contel-o, então no impeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encálçar o *caruara* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavallo...* Collado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças á pressão



dos jarretes firmes, realisa a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, adeante, nas macegas altas; saltando vallos e ipueiras; vingando comoros alçados; rompendo, celere, pelos mocambos trançados; precipitando-se, á toda brida, no largo dos taboleiros...

« A sua compleição robusta ostenta-se, nesta ocasião, em toda a plenitude. Como que é o cavalleiro robusto que empresta vigor ao cavallo pequenino e fragil, sustentando-o nas re-deas improvisadas de caruá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso collado no arção — *escanchado no rastro* do novilho desgarrado, aqui curvando-se agillissimo, sob uma galhada, que lhe roça quasi pela sella; além desmontando de repente, como um acrobata, agarrado ás crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco apercebido no ultimo momento e galgando, logo depois, num pulo, o sellim; — e galopando sempre atravez de todos os obstaculos, sopesando á dextra sem a perder nunca, sem a deixar no emmaranhado dos cipoaes, a longa aguilhada de ponta de ferro encastado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, serios obstaculos á travessia... Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rez





dominada, eil-o de novo acurvado sobre o lombo retovado, outra vez desgracioso e indolente, oscillando á feição da andadura lenta, com a apparencia triste de um invalido falgado. »

Não são das meños bellas paginas deste livro as que se seguem immediatamente a estas, nas quaes faz o autor o parallelo do gaúcho do Sul e do vaqueiro do Norte.

« O gaúcho, o *peleador* valente, é, certo, inimitavel numa carga guerreira; precipitando-se, ao resoar estridulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entraveros*; desaparecendo, com um brado triumphal, na voragem do combate, onde espadanam scintillações de espadas; transmudando o cavallo em projectil e varando quadrados e levando, de rojo, o adversario no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na lueta, em que entra com despreocupação soberana pela vida.

« O jagunço é menos theatralmente heroico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversario com o proposito firme de o destruir, seja como fôr. Está affeiçoado aos prelios demorados, sem expansões enthusiasticas. A vida



é-lhe uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contracção muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazzarina longa ou o trabuco pesado, *dorme na pontaria...*

« Si, inefficaz o arremesso fulminante, o contrario enterreirado não baqueia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é fragilimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa. O jagunço, não. Recúa. Mas no recuar é mais temeroso ainda. E' um negacear demoniaco. O adversario tem, daquella hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um odio inextinguivel, occulto no sombreado das tocaias... »

Esse vaqueiro, meio bandido, capanga assalariado, capaz de todos os crimes, é tambem capaz das virtudes que em todos os tempos e paizes foram compatíveis com tal regimen social qual o seu: a abnegação sem limites, a probidade nos tratos, e salvo os casos previstos nos usos tradicionaes, que são a sua lei, o respeito da propriedade. Sobre todas nos edifica com exemplos o autor dos *Sertões*. Não o posso, infelizmente, acompanhar na descripção de todos os seus costumes, e noticia da sua vida e gostos, por tantos respeitos e modos interes-



santes. Nesse genero é verdadeiramente curiosa a parte que respeita ás seccas ; muitas noticias desse flagello dos sertões nortistas tenho lido : nenhuma me fez e deixou a impressão desta.

A religião desta gente, que as estatisticas dão como catholica, é uma mistura de um monotheismo acima da sua comprehensão e do fetichismo indio e africano. Como bem diz o Sr. Cunha, a sua religião é, como ella, mestiça, uma mestiçagem de crenças, em que ha de tudo : a doutrina judaica do Deus unico, a idolatria catholica do culto dos Santos, as abusões e crençices do povo portuguez, o animismo inteiramente primitivo dos negros e caboclos, e ás vezes (não creio que o phenomeno tenha a generalidade que lhe attribue o autor dos *Sertões*), um mysticismo, cujo fervor assombra aos que conhecem a indifferença que fórma o fundo do character do nosso matuto. Quando elle nos diz que este mysticismo, que, mesmo accidental ou periodicamente, se desenvolve entre os sertanejos, se complica daquelle extranho phenomeno, o « sebastianismo » portuguez, ao qual o filia, a principio refusamo-nos a crel-o ; mas, depois, somos obrigados a convir com elle á vista das provas fornecidas pela tomada de Canudos, em quadras manuscriptas ali achadas, taes como estas :



- « D. Sebastião já chegou  
« E traz muito regimento  
« Acabando com o civil  
« E fazendo o casamento!
- « O Anti-Christo nasceu  
« Para o Brazil governar  
« Mas ahi está o *Conselheiro*  
« Para delle nos livrar!
- « Visita nos vem fazer  
« Nosso rei D. Sebastião.  
« Coitado daquelle pobre  
« Que estiver na lei do cão!

Não é que por um momento sequer a intelligencia avisada do Sr. Euclides da Cunha possa admitir que o facto de Canudos envolvesse trama ou concepção politica alguma, como o acreditaram ou fingiram acreditar os nossos singulares estadistas e os « patriotas » desvaireados, ou que o pareciam. Elle conhece e comprehende bem o phenomeno de ordem sociologica e psychica que foi, para dizer em uma palavra, Canudos, e o seu livro tem o grande merito de clareal-o para os que ainda de boa fé pudessem ter duvidas, e esclarecel-o melhor para os que, desde o primeiro dia, não viram nelle sinão um producto natural do sertão, e que apenas em proporções e intensidade se differenciava de centenaes d'outros semelhantes que o antecederam.



Mas no Brazil o que menos se sabe e se estuda é o Brazil, o que não quer dizer que se saiba e se estude o estrangeiro, ao menos tanto quanto se suppõe. Explicando o caso de Canudos, dá o Sr. Euclides da Cunha exemplos de outros da mesma especie.

Depois de nos dizer o que é, sob o aspecto physico, ethnico, moral e religioso esse meio do sertão, escreve o Sr. Euclides da Cunha, no seu estylo emphático, abstracto, mas que, sente-se, é naturalmente o seu e não uma postura :

« E' natural que estas camadas profundas da nossa estratificação ethnica se sublevassem numa anticlinal extraordinaria — Antonio Conselheiro... A imagem é correctissima. Da mesma fórma que o geologo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pôde avaliar a altitude daquelle homem, que por si nada valeu, considerando a psychologia da sociedade que o creou. Isolado, elle perde-se na turba dos nevroticos vulgares. Pôde ser incluído numa modalidade qualquer de psychose progressiva. Mas posto em funcção do meio, assombra. E' uma diathese, e é uma synthese.

« As phases singulares da sua existencia não são, talvez, periodos successivos de uma moles-



tia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravissimo. Por isto o infeliz destinado á solidude dos medicos, veio, arrojado por uma potencia superior, bater de encontro a uma civilisação, indo para a historia como poderia ter ido para o hospicio. Porque elle para o historiador não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres differenciaes — vagos, indecisos, mal apercebidos quando dispersos pela multidão, mas energicos e definidos, quando resumidos numa individualidade.»

E por longas e animadas paginas traça-nos, acompanhando-a de notas e rasgos biographicos, a existencia e a psychologia, segundo a concebeu, do famoso sertanejo, já isolado, já agindo, como diria o escriptor, em funcção do seu meio. Talvez demasiado longo, tendo porventura a lucrar em ser abreviado, este estudo preliminar á campanha de Canudos era indispensavel para bem comprehendermos como esse bronco tabaréu pode fanatisar, arrastar após si, manter na obediencia mais completa milhares de creaturas humanas, que por sua vaga e bruta doutrina se bateram como bravos incomparaveis e morreram como heróes — si ser heróe consiste em morrer com coragem, na inconsciencia do merito da causa por que morremos. E não é só o caso de Canudos que essa parte dos *Sertões* nos



ajuda a comprehender, porém, o que é talvez mais relevante, o caso geral da formação das religiões, sem excluir o proprio christianismo. Em outro meio, em outras condições, Antonio Conselheiro é um Christo, um Mohamed, um Messias, um dos muitos Mahdis, creadores de religiões nesse fecundo solo da credence humana, que é a Asia. No sertão, amigos e adversarios, e até as autoridades constituidas, o tem por um homem bom, honesto, direito não obstante a lenda — e seria lenda? — que attribue a um tragico matricidio o seu avatar de negociante em pregador religioso, a sua vida de santo e missionario sertanejo.

« Anachoreta sombrio, cabellos crescidos até aos hombros, barba inculta e longa; face escaveirada, illuminada por olhar fulgurante; monstruoso, dentro do habito azul de brim americano; abordoado ao classico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos... »

Mas, de facto, não é elle, segundo o Sr. Euclides da Cunha, quem se fez tal qual foi, sinão a mesma gente que, sem que elle a convidasse, começou a segui-lo e a fazer o que elle fazia, mais do que a lhe obedecer. Só mais tarde teve elle consciencia do seu poder e da sua acção.

« Todas as conjecturas ou lendas que para logo o circumdavam, fizeram o ambiente propicio ao germinar do proprio desvario. A sua in-



sania estava, ali, exteriorisada. Espelhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo arbitro incondicional de todas as divergencias ou brigas, conselheiro obrigado em todas as decisões. A multidão poupara-lhe o indagar torturante ácerca do proprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa intuspecção delirante, entre os quaes evolve a loucura nos cerebros abalados. Remodelava-o á sua imagem. Creava-o. Ampliava-lhe, desmesurada, a vida, lançando-lhe dentro os erros de dois mil annos. Era-lhe necessario alguém que lhe traduzisse a idealisação indefinida e a guiasse nas trilhas mysteriosas para os céus... O evangelizador surgiu, monstruoso, mas automato. Aquelle dominador foi um titere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de raças. E cresceu tanto que se projectou na Historia...»

Para comsigo, foi sempre duro como um verdadeiro asceta. E assim por mais de vinte annos percorreu os sertões em todos os sentidos, não fazendo sinão bem, reconhecido pelos juizes de direito e até pelos parochos sertanejos :

« A sua entrada nos povoados, seguido pela multidão constricta, em silencio, alevantando imagens, cruces e bandeiras do Divino, era solemne e impressionadora. Paralytavam-se as occupações normaes. Armavam-se as officinas





e as culturas. A população convergia para a villa onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolisava o mando, fazia-se autoridade unica. Erguiam-se na praça, revestidas de folhagens, as latadas onde á tarde entoavam, os devotos, terços e ladainhas; e quando era grande a concurrencia, alevantava-se um palanque, ao lado do barracão da feira, no centro do largo, para que a palavra do propheta pudesse irradiar para todos os pontos, edificar todos os crentes. Elle ali subia e pregava. Era assombroso, affirmavam testemunhas existentes. Uma oratoria barbara e arripiadora, feita de excerptos truncados das *Horas Marianas*, desalinhada, abstrusa, aggravada, ás vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em phrases sacudidas; mixto inextricavel e confuso de conselhos dogmaticos, preceitos vulgares da moral christã e de prophecias exdruxulas... Era truanesco e era pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalypse... »

Bobo não; então bobos seriam todos os creadores de religiões. Lembremo-nos o juizo que de Jesus e dos seus primeiros discipulos fizeram os seus contemporaneos. Eis Conselheiro com os seus em Canudos, em 1893. Alli era a Terra



Santa, a Chanaan, a rapida passagem para o céu, porque, como todas as religiões mysticas, a de Antonio Conselheiro annunciava para proximo o fim do mundo. Num enorme concurso de gente de toda a sorte, apenas da mesma condição social e psychologica, a fé augmenta, a superstição desborda, mas a moral relaxa-se. Leia-se nos *Sertões* a noticia incisiva daquella cidade de milhares de habitantes, vivendo numa promiscuidade abjecta e tomados de um mysticismo sandeu, da sua vida, das suas esperanças, dos seus feitos. Falta-me já espaço para demorar-me nessas paginas cheias de acção como um drama.

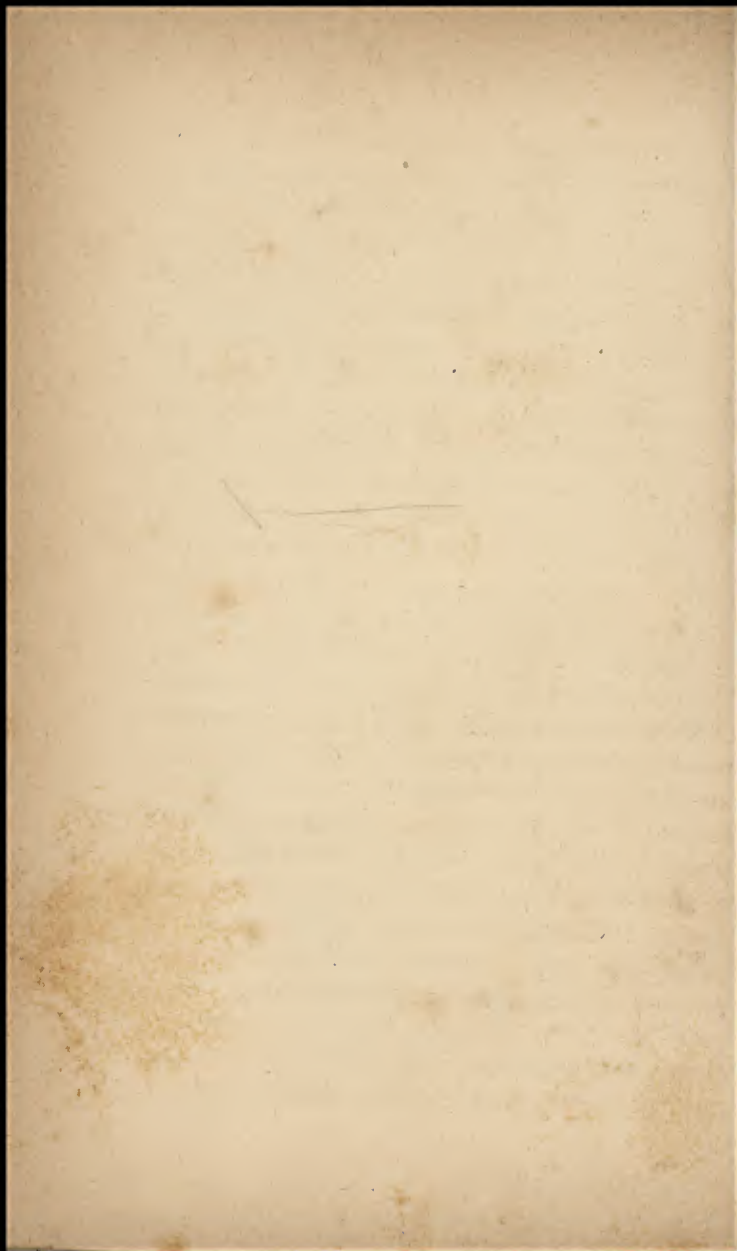
A lucta vae começar. A guerra de Canudos é para o Sr. Euclýdes da Cunha um crime. A campanha em si, parece-me, pareceu-me desde o primeiro dia, como diria Talleyrand, mais do que um crime, um erro, um erro crasso e imperdoavel. Não faltam na nossa historia, mesmo contemporanea, factos de inintelligencia, nenhum, porém, tamanho. Crime ou crimes haverá apenas nos tristissimos successos do cerco final, conforme os conheciamos pela divulgação oral, ou por algum escripto de pouco valor, e os narra agora, com vingadora veracidade o autor dos *Sertões*.

Observador intelligente e bem informado, testemunha presencial da ultima phase da cam-



panha, espirito culto, tecnico, avisado, conhecedor seguro da terra e da gente cujos aspectos e feitos reconta, conservando o respeito da farda que vestiu e timbrando em honrar e glorificar os seus companheiros, actores naquelle drama terrivel, imparcial, justo e veraz, como me parece, o Sr. Euclydes da Cunha fez daquella campanha uma pintura vigorosa e um estudo que estava por fazer. Descreve-a minuciosamente; julga-a como tecnico e como historiador moralista, mostra-lhe os erros, os crimes, as faltas de toda a ordem, como os heroismos, as bizarras, os feitos de valor que foram muitos. Si desassombradamente expõe aquelles, altamente proclama estes. Livro que me deu a impressão da maior sinceridade, alliada a nobres e generosos sentimentos moraes, o seu contém lições que merecem meditadas, e que erro grande fôra esquecer.





VII

UM ROMANCE

DA VIDA PUBLICA BRAZILEIRA

---

*A Todo Transe!...* por Emmanuel GUIMARÃES,  
Lammert e Cia.

Muitissimos aspectos, e mui curiosos e interessantes alguns, da vida brasileira, escaparam até hoje á nossa literatura de ficção, ou apenas foram por ella de passagem ou incidentemente tratados. Por muito tempo, sinão ainda hoje, autores e criticos imaginaram que só era brasileiro, caracteristicamente brasileiro, o que se passava no interior do paiz, em meios ethnographicos, genuinamente brasileiros. De um certo ponto de vista, não direi fosse inteiramente errado este conceito. Certamente nos sertões, na mesma provincia, principalmente nas do



Norte e nas do Centro, o typo da primitiva formação brasileira conservou-se mais puro, a primeira tradição nacional se guardou melhor, o sentimento original brasileiro se conservou mais fielmente do que na capital do paiz e nas mais adiantadas capitaes do littoral, ou nas provincias, hoje Estados do Sul. Mas em nação alguma, maxime quando em plena criação, como nós, ha um typo unico e invariavel de formação. Variando e diversificando-se nos centros de população mais civilizados do paiz, ou em porções delle onde causas externas, como a immigração de novos factores ethnicos, vieram modificar a gente primitiva e alterar as suas feições originaes, a formação brasileira inicial conservou-se ainda brasileira; embora com um novo parecer e feitio. Esquecendo este facto ou desconhecendo a exactidão deste conceito, a critica nacionalista quasi condemnou toda a obra de ficção que saisse do pitoresco sertanejo ou da vida provinciana, com os seus costumes tradicionaes. E o que poderia dar razão á critica e ao pensamento commum dos leitores, que acompanhava, era que de facto, salvo os contos e romances do Sr. Machado de Assis, o que de melhor havia em nosso romance, eram os que descreviam aquella vida : alguns livros de Macedo, da antiga vida carioca, quando esta tinha ainda os aspectos brasileiros 'originaes, os ro-



mances sertanejos de Alencar e de Bernardo Guimarães, a excellente novella colonial de Manoel de Almeida, os romances e novellas provincianas do Sr. Aluizio Azevedo, e posteriormente os dos Srs. Inglez de Souza, Affonso Arinos e outros. De facto, salvo a excepção já feita, o romance da vida fluminense, desta capital onde o typo tradicional da vida brasileira parecia (mais do que de facto era), ter mudado, ficou quasi sempre inferior ao daquella outra vida, que accordemente todos achavam mais genuinamente nacional. Na maior parte delles sentia-se a falta de originalidade e de espontaneidade, a imitação do francez, não só no córte da obra, mas na mesma observação, nas tentativas de psychologia, essa nossa innaudita psychologia litteraria, com que os nossos Bourgetzinhos pretendiam enganar-nos com os seus dons absolutamente nullos de observação e nenhum conhecimento proprio do coração humano. A maior parte delles descreviam a sociedade sem a conhecerem, e a sua psychologia feminina era a dos romances francezes. O que mais faltava na sua pintura da vida e da alma brasileira na capital do paiz, era justamente aquella qualidade, que é a principal virtude do romance russo e que o distingue em todas as literaturas contemporaneas: a sinceridade, nelle levada até ao absoluto.



Em certo sentido nós não temos sociedade, não temos salões, não temos trato social de homens e mulheres, em que, além de noticias de gazetilha ou de observações maledicas, se troquem entre os dois sexos, normalmente, idéas, opiniões, observações, afóra as corriqueiras sobre o tempo e a temperatura, a artista estrangeira que faz aqui uma estação, modas e assumptos de igual elevação. Nas mesmas salas do que chamamos a « boa sociedade », e onde imperam os *gentlemen* feitos atrás dos balcões e ainda mais baixo, ou os doutores cujo unico polimento vem dos bancos escolares, não ha conversa; fóra da occasião das dansas, os sexos estão separados, um silencio geral e glacial interrompe frequentemente por largos espaços algumas palestras isoladas, e para contrastal-os se recorre ao infallivel piano, e ás vezes até aos jogos familiares, que, como troca de idéas, se mantêm no uso das sempiternas e sempre bem vindas facécias, com que riem abundantemente as moças e impam de espirituosos os homens.

Com tal vida social, é difficil, sem o singular talento do autor de *Quincas Borba* e das *Varias historias*, que ainda assim lhe mette muito de seu, dar relevo a uma novella ou a um conto e sobretudo fazer um drama ou uma comedia estimavel. Não ha nessa vida acção, um ca-





racter que a desbanalise, não ha conversação donde se tire o dialogo, que o autor dramatico francez já acha, por assim dizer, feito; os sentimentos são mediocres, e não o são menos as acções; a existencia, na alta roda ao menos, é de pura imitação, quando não de desageitada macaqueação. Não se copia só a moda de Pariz, no vestir, no comer, no viver domestico ou publico, macaqueam-se-lhe os habitos mentaes, a devoção religiosa, como um signal de distincção, os peccados mundanos como um testemunho de elegancia. Em mulheres e homens reina o mais baixo snobismo. Por isso os romancistas que querem descrever esta sociedade, descambam insensivelmente no romance francez, de cuja vida ella é uma caricatura. Mas, caricatura ou não, ella é brasileira, e todo o esforço do escriptor deve consistir em nol-a trasladar fielmente para o seu romance, sem se deixar embair nem pela illusão em que ella mesmo vive, nem pelo que ella propria tenha do romance francez, principal autor desse mundo. A obra prima será aquella que, sem nenhum intento de *charge*, de caricatura, ou até de satyra, mas com verdade e intelligencia, represente, no sentido esthetico deste termo, precisamente essa formação nova da sociedade brasileira. E não só o seu aspecto mundano, mas outros muitos que apresenta, como o politico, o da vida bur-



gueza ou popular, enfim a vida complicada e em suas diferentes feições de uma grande capital em que sob o quadro moderno, de uma civilização exótica e, por muita coisa, superficial, e puramente imitativa, se divisa ainda, percebe-se mesmo claramente, a vida e a sociedade colonial.

Foi o aspecto politico da nova formação social, neste momento, que entendeu representar no seu livro *A todo transe (sic)* o sr. Emmanuel Guimarães. Já a escolha do seu thema, independentemente do modo por que o realizou, mostra no autor uma preocupação de sair da rôta vulgar, e, quem sabe si não tambem de se fazer o romancista da sociedade da capital da Republica, num realmente curioso e significativo instante da nossa existencia nacional. Não é que aquillo a que chamo a nova formação brasileira não tenha tido os seus romancistas, e distinctos; ahi estão os Srs. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Netto e, com uma concepção toda sua, original e profunda, o sr. Graça Aranha com o seu *Chanaan*; e os mortos gloriosos como Alencar, Macedo, Taunay, Pompéa, e ainda outros, somenos ou iguaes, cujos nomes me escapam no momento. Mas de facto o conjuncto do romance brasileiro consagrado á representação dessa formação não nos dá de todo a nova vida brasileira na provincia ou



aqui onde ella é mais profunda e mais interessante, não me dá a mim pelo menos, a impressão completa nem a simples vista panoramica, cabal e perfeita, dessa vida. Quer dizer que ella offerece ainda aos romancistas um campo apenas desbravado á sua exploração — no melhor sentido da palavra.

Comquanto este nome de Emmanuel Guimarães, (evidentemente um pseudonymo) não tenha, parece-me, entrado na publicidade, nem mesmo das rodas litterarias, não é este o primeiro romance com elle publicado. Já se me afigura caso de louvar no Sr. E. Guimarães o não ter começado pelas costumadas fantasias e contos, com que se ensaiam, e onde por quasi sempre ficam os nossos escriptores de ficção. Mostrando ambições mais altas, affrontando difficuldades maiores, o seu primeiro livro foi um copioso romance de mais de 300 paginas, publicado em 1900 e intitulado *Jorge de Barral*. E' um romance de amor, mas que em o novo romancista mostrava um escriptor de, afóra a lingua, raros dotes para o genero, e uma pre-occupação de moralista, conforme esta expressão se entende em literatura. Como tal tive a satisfação de o receber.

Eil-o dois annos depois com outro livro, sem duvida superior ao primeiro pela concepção e execução, trabalhado certamente com conscien-



cia e amor, digno de leitura e apreço pelas muitas qualidades de observação e pensamento que possui manifestamente o autor, mas, desgraçadamente, ainda grandemente desmerecida pela incorrectissima — não é demais o superlativo — lingua em que está escripto.

Não julgo necessario demonstrar a um homem de tanta intelligencia e cultura, como parece-me o Sr. E. Guimarães, esta verdade: que a lingua é o elemento primordial, necessario, indispensavel na arte de escrever, que sem ella não ha escriptor; que é ella que, até no dominio da sciencia, da philosophia e da erudição, e absolutamente no dominio da litteratura, faz valer noções, idéas, pensamentos, sensações, narrações, exposição, a mesma concepção da obra litteraria e maxime da mais essencialmente litteraria nas modernas litteraturas, o romance. Isto que foi sempre verdade, como sabe o Sr. E. Guimarães, que parece conhecer de original as duas grandes litteraturas classicas, o é mais do que nunca hoje, quando em todas as litteraturas uma das principaes preoccupações dos seus escriptores e reformadores é a da escripta litteraria e, á parte algumas aberrações, já hoje definitivamente julgadas e condemna-das, como a famosa e desintelligente « escripta artista » dos Goncourts, e de alguns extravagantes do symbolismo, ao menos todos dos seus



corypheus de talento, um d'Annunzio ou um Fogazzaro, na Italia; um Verlaine ou um Régnier em França, um Rodembach ou um Mæterlinck, na Belgica, um Eugenio de Castro ou um Alberto de Oliveira em Portugal, são cultores apaixonados da lingua, são alguns determinados puristas, e em maioria preocupados em conseguir, sob as fórmulas modernas, a força e a simplicidade classicas. Isto mesmo punha ainda ha pouco em evidencia um dos mais celebrados criticos francezes contemporancos, o Sr. Gastão Deschamps, contestando a affirmação de um escriptor que dizia estar-se a escrever mal em França, e mostrando que, justamente ao contrario, os mesmos novos, como um Henrique Régnier, trabalham com amor e cuidado a sua lingua. Não foi algum grammatico pedante, ou pedagogo caturra, foi Renan quem escreveu que uma lingua não deve ser jámais falada ou escripta por metade.

E o que elle disse da lingua franceza applica-se plenamente a qualquer outra lingua literaria, e, portanto, á portugueza. « Podemos não escrevel-a; mas desde que emprehendemos essa difficil tarefa, temos de passar com as mãos atadas sob as forcas caudinas do dictionario autorizado e da grammatica consagrada pelo uso. » Nós não temos, em portuguez, um dictionario autorizado, mas possuimos uma grammatica e um



lêxico consagrados pelo uso dos classicos e dos por todos acceitos como mestres da lingua. Oh! quem assim fala não tem a pretensão de conhecer a sua lingua como devia, ou de escrevel-a como desejára, mas esforça-se e trabalha para, ao menos, provar o seu respeito por ella. Compreendo que o purismo, sobretudo num povo novo, mestiço e apenas civilizado, é hoje impossivel, quasi uma aberração; que, no sentido que lhe dão os grammaticos, não ha, em lingua alguma, verdadeiro purista. Sei que o portuguez não chegou jámais ao seu pleno policiamento e disciplina; que ficou, até hoje, cheio de divergencias e duvidas, do que é prova uma recente e famosa discussão linguistico — parlamentar, na qual se trocaram reciprocas e differentes lições e emendas, todas apoiadas em classicos. Não ignoro que no Brazil passa a lingua portugueza por uma modificação, sinão transformação, natural, fatal, logica, contra a qual não prevalecerão os grammaticos ou os pseudo-puristas. Nada obsta, porém, que haja um typo, um padrão geral, da boa linguagem portugueza, obrigatorio para todos os que se prezam de cultos, e principalmente para aquellos que a escrevem. E aquelle que, por desconhecer ou menosprezar esse padrão, escrever mal, qualquer que fôr a força de seu talento, não será jámais um escriptor. E' o que, com



sincero sentimento, receio venha a acontecer ao Sr. Emmanuel Guimarães, apesar dos reaes predicados de romancista que nelle ha. Porque no Sr. E. Guimarães não ha só o deleixo da rigorosa correccão, que, infelizmente, não é raro, ainda em os nossos mais reputados escriptores, o pouco apuro grammatical e lexico facil de notar em muitos, si não em quasi todos elles. Isso seria um peccado venial, à vista da sua generalidade em as nossas letras. Não, o Sr. Emmanuel Guimarães ou desconhece quasi inteiramente a lingua, ou intencionalmente a menospreza. Mas então porque a escreve? Não lhe faço a injustiça, pois o tenho, repito, por um homem de cultura, e espirito, de imaginalo capaz de suppôr-se, por dons superiores de concepção e de exposição, acima da vulgar necessidade de escrever a sua lingua ao menos com um minimo de correccão. No documentar esta censura eu não teria sinão o embaraço da escolha, pois no seu livro os gallicismos de palavras e de phrase, os mais injustificados e mais feios neologismos, as impropriedades, que são talvez o mais grave dos vicios de linguagem, os erros de vulgar syntaxe, o abuso até ao aborrecimento de certos termos, que são como um cacoete no escriptor, as construcções defeituosas, pululam em cada pagina. Perdô-me elle haver-me demorado neste as-



pecto do seu romance, e nesta censura, feita francamente, mas, creia-me, sem acrimonia, antes com sympathy. E' que achando no autor de *Jorge do Barral* e de *A todo transe* (é *A todo o transe*, que elle devia escrever), um romancista de nascença, com manifestos dotes para ter entre os nossos um dos primeiros lugares, vejo-o, com sincero sentimento, ameaçado de os perder e inutilisar numa obra que será inferior e desvaliosa, si elle teimar em escrevel-a na lingua em que escreveu esses dois livros.

*A todo o transe!*... é uma pintura, muito impressionista, mas, salvo os erros de desenho e de technica, isto é, os defeitos da lingua, bem feita. E' a historia de uma dessas vulgares ambições e de um desses vulgares ambiciosos que da politica se servem para satisfazer os seus anhelos, ao principio, ainda não de todo indignos de gloria, renome e posição, mas que logo, ao contacto dessa Messalina, como lhe chamou um jornalista e politico que foi um dos nossos melhores e mais elegantes escriptores, perdem todo o freio, todo o desgeito e acanhamento provincianos, o resto de pudor que nelles podia acaso ainda haver, e querendo « a todo o transe » chegar aos seus fins de alta posição social, o barato renome dos noticiarios e dos lugares publicos, que elles tomam pela gloria e





os fascina, a grandeza, a fortuna, o mando, não se lhes dá mais dos meios de alcançal-os, nem ha mais torpeza perante a qual recuem para o conseguirem. Assim o protagonista do romance do Sr. Emmanuel Guimarães é um mineiro ambicioso, mas canhestro; e, por sua descendencia de ciganos, interesseiro e cúpido. Ao principio estas paixões escondem-se sob as apparencias de um mais ou menos sincero amor da gloria, embora vã. Logo, porém, accendem-se nelle ambições de um maior theatro que Ouro-Preto, um lugar na representação nacional, no Rio de Janeiro. Dons naturaes de orador e uma intelligencia esperta e relativamente cultivada, dão-lhe a preeminencia na assembléa mineira para onde entrára e onde se fizera temer do governo estadual. Membro da opposição, passou-se facilmente para aquelle partido a cujo serviço o seu progresso seria mais facil. No Rio de Janeiro, já deputado federal, toma logo posição entre os deputados mais conhecidos. Como o physico se lhe mudou com as roupas do alfaiate da moda, tambem se lhe mudaram, si não a alma, os ultimos restos de algumas illusões generosas que porventura tinha. A vida de gôso apresentou-se-lhe primeiro nos saráus de um Pimenta, do Conselho Municipal, um cynico que vivia de tudo, inclusive das filhas, meninas despejadas por completo da pudicicia da



sua idade, dessas « festeiras » constantes, que no Rio de Janeiro a gente tem a certeza de encontrar em toda a parte onde haja divertimentos, até nas igrejas, si estas são as da elegancia e da moda. A pintura deste meio do Pimenta, dos seus saráus, e da roda que os frequenta, é excellente, ao menos como verdade e representação de um canto da nossa sociedade. O dr. Julio Cesar Betarry (é o nome do nosso heróe) quasi simultaneamente entra de namôro com uma das pequenas do Pimenta, realta amores com uma sua antiga conhecida de Ouro-Preto, agora uma das mulheres damas, como se diz no Maranhão, mais illustres do Rio e amante do ministro da viação, o dr. Moreira, e apaixonou-se pela bella e virtuosa esposa deste ministro que, marido da mais formosa e digna mulher da cidade, a despreza e maltrata, por amor de cortezãs, si é que essas damas merecem ser appelladas por este euphemismo italiano. Quando elle chega de Minas, é o grande chefe politico, o *leader* da Camara, a potencia da occasião, um deputado do Pará, Juca Lima, como familiarmente lhe chamam; matuto solerte, homem de letras gordas, mas que por um certo geito, bem descripto pelo romancista, certas qualidades médias, e dado o baixo nivel intellectual e moral da Camara, conseguiu empolgar a chefia e ser o arbitro da politica do paiz. Be-



tarry põe-se-lhe sob as azas. Mas a todos, á namorada, á amante, á adorada d. Heloisa, á até então virtuosa esposa do ministro da viação, que acaba por amar a Betarry de um grande amor (e este episodio é das boas paginas do livro) e ao *leader* Juca Lima, elle atraiçoa e sacrifica, por casar com uma filha bastarda e feisissima, mas legitimada, de um barão, de quem, além do dote, esperava herdar dois mil contos, e para tomar na Camara o lugar de *leader*, e chegar ás grandezas e riquezas a todo o transe.

E' esta, em defeituoso epitome, a acção principal do romance que, como é proprio do romance moderno, pouca acção tem. No prefacio, que lhe poz, defende-se o autor de que seu livro seja um romance de chave; apesar desta declaração prévia, ao autor faltou, ou elle não a quiz ter, a arte de nos illudir a respeito de seus personagens. Os que conhecem o Rio de Janeiro, quasi que sob cada um dos pseudonymos dellas porá um nome verdadeiro. Isso dará ao livro o pico da actualidade e da malicia, sem lhe tirar o seu valor de obra d'arte; só prejudicado, e grandemente, pela má lingua em que foi escripto, pois, ainda copiando alguns dos seus typos, o Sr. E. Guimarães não deixará de realisar o pensamento de Nietsche posto como epigraphê ao seu romance: « Almas ha que se não descobriria si se não começasse por invental-as. »



E' de admirar e louvar neste romance, (sempre feita a reserva da lingua), a arte da composição e disposição, uma certa sobriedade, o amor e a capacidade das idéas geraes, que infelizmente perdem em relevo por aquella falha, e outras qualidades, por assim dizer technicas, mas necessarias ao exito de livros deste genero. Sem profundeza ou originalidade notavel, a observação do Sr. Emmanuel Guimarães não é, todavia, banal, e não lhe faltasse o destaque da fórma, nos pareceria, porventura, distincta. O seu romance é um livro de idéas, de pensamento, de opiniões, além de um livro de observação. Esta não será, talvez, tão desprevenida e isenta, como fôra para desejar, mas sem embargo o quadro é, em summa, verdadeiro e vivo. Pena é, repito para terminar, que ás qualidades de intelligencia, capacidade manifesta para o genero, observação, do Sr. Emmanuel Guimarães, não corresponda a virtude elementar do escriptor, que é escrever bem. Sem essa falha, elle nos teria dado uma excellente representação da nossa vida publica actual, e um precioso documento das novas formações da sociedade brasileira.



VIII

TRES POETAS

---

O Sr. Lucio de Mendonça. — O Sr. Affonso Celso.  
— O Sr. Antonio Salles.

*Murmurios e Clamores*, poesias completas por  
Lucio de MENDONÇA, H. Garnier, 1902.

*Poesias Escolhidas*, por Affonso CELSO, H. Garnier. —  
*Poesias*, por Antonio SALLES, H. Garnier.

Seguindo o bom exemplo primeiro dado, si não erro, pelo Sr. Alberto de Oliveira, e de perto acompanhado pelos srs. Machado de Assis, Valentim Magalhães, Mello Moraes e outros, continuam alguns dos nossos poetas a republicar em edições mais cuidadas que as primitivas, podadas e revistas, as suas primeiras collecções de versos. Tem sido a principal editora d'essas reimpressões a casa Garnier, que acaba de pu-



blicar mais tres : *Murmurios e Clamores* do Sr. Lucio de Mendonça, *Poesias Escolhidas* do Sr. Affonso Celso e *Poesias* do Sr. Antonio Salles, e que sei tem outras nos seus prélos.

Reunindo em um só volume as suas diversas collecções de versos, publicou agora o Sr. Lucio de Mendonça as suas poesias completas, revistas e corrigidas. Tenho tido mais de uma vez ensejo de louvar a preocupação que leva os nossos poetas contemporaneos da penultima geração a republicar os seus versos, em edição mais cuidada que as primitivas.

Entro, porém, a receiar que elles fiquem nestas reedições, a que alguns chamaram definitivas, e que esta segunda publicação não esconda um esgotamento de inspiração ou signifique um apartamento da poesia; não seja uma especie de testamento poetico com que fazem esses vates as suas contas com a Musa. O Sr. Lucio de Mendonça lisamente declara e acredita « firmemente que é a ultima vez que, como fazedor de versos », comparece ao tribunal da opinião publica. Como elle não affirma, e como resoluções de poetas são variaveis conforme os caprichos do seu éstro, não é ainda occasião de lhe lastimarmos a deserção do Parnaso. E' um peccado commum nos nossos doutores o verso. Relativamente raros serão os que o não tenham commettido. A maioria fica nos primeiros, justa-



mente envergonhada do delicto; muitos chegam a renegal-o, não sem razão, confusos de o haverem praticado tão feio, outros apenas o negam sem convicção e acaso saudosos delle. Em geral, a literatura e a poesia não perderam nada com este pudor de que se tomaram em tempo os desembargadores e conselheiros precoces ou futuros. Mas quando a garnacha de um doutor esconde um poeta — e quantos e illustres não têm escondido! — não ha, Deus louvado, tal respeito humano, que o véde de vir com a sua canção á rua. Na nossa lingua então a poesia lhes está autorisada por uma longa e gloriosa tradição, e sabe-se que « não fazem mal as musas aos doutores ». Não fizeram ao Sr. Lucio de Mendonça que, embora despedindo-se dellas, confessa agradecido as consolações que lhe deram — e certo as deixa — si definitivamente as deixa — cheio de saudades.

A primeira collecção de versos do Sr. Lucio de Mendonça, *Névoas Matutinas*, é de 1872. Vinha de uma inspiração facil, de cantiga, sem alguma característica pronunciada. Com excepção de Castro Alves, a poesia brasileira então não possuia nem um cantor notavel, quero dizer, significativo. Este mesmo acabava de morrer, e Varella não fazia sinão repetir os poetas da segunda geração romantica, sem nenhuma nota distincta ou mais nova. A poesia de Castro



Alves não tinha ainda effectuado a sua reacção social e hugoana. A das *Névoas Matutinas* era o mesmo sentimentalismo lyrico reinante no tempo, com um pronunciado espiritalismo lamartineano. O Sr. Lucio de Mendonça tinha que mudar bastante, ao menos de philosophia poetica. Acompanhava o primeiro volume do poeta uma carta preliminar do Sr. Machado de Assis, um modelo de alta condescendencia, sem nenhum sacrificio essencial da verdade. Que maravilhosa habilidade tem o grande escriptor para se sair galhardamente destes lances difficeis! Não é que no caso das poesias do Sr. Lucio de Mendonça fosse o rasgo dos particularmente arduos; offerencia-se-lhe, ao contrario, facil; benigno, elle podia sem sacrificio tirar ao joven poeta um horoscopo feliz. E o fez com sinceridade mais de critico que de prefaciador. Reconheceu-lhe francamente defeitos, mas declarou logo que os não podia deixar de ter, e asseverou que « defeitos não fazem mal, quando ha vontade e poder de os corrigir », que a sua idade os explicava e até os pedia. E apontava com segurança o character prematuramente melancolico da sua poesia, uma corda sensivelmente elegiaca na sua lyra, que o poeta tinha o defeito de tornar exclusiva, cedendo á tendencia commum. E resumia : « Sentimentos, versos cadentes e naturaes, idéas poeticas, ainda que





pouco variadas, são qualidades que a critica lhe achará neste livro ». Trinta annos depois — oh! o Sr. Lucio de Mendonça começou cedo a poetar — a critica, julgo eu, póde subscrever o juizo do Sr. Machado de Assis; que o concluiu deliciosamente assim : « Si ella lhe disser, e deve dizer-lh'o, que a fórma nem sempre é correcta, e que a linguagem não tem ainda o conveniente alinhô, póde responder-lhe que taes senões o estudo se incumbirá de os apagar. »

São das mais meigas e calmas e sentimentaes poesias do tempo os poemas das *Névoas Matutinas*; não terão nenhum relevo que os façam celebrados, mas valem entre os bons da época, e trazem a propria marca.

As *Alvoradas*, publicadas em 1875, eram um progresso sensível sobre as *Névoas Matutinas*, e eu não sei si ellas não ficarão como a melhor das collecções de versos do Sr. Lucio de Mendonça. E' ao menos aquella ao meu vêr em que ha mais sentimento e espontaneidade, mais emoção, e emoção e espontaneidade já realçadas por uma arte mais segura e mais talento de poeta. A nota melancolica, que é a fundamental do engenho poetico do Sr. Lucio de Mendonça, perdura nella e se apura mais delicada e elegantemente. Perpassa na sua inspiração suavemente a nostalgia indefinida, sem



objectivo preciso, que é tão do lyrismo brasileiro. Leia-se *A Tarde* :

Quando a fogueira do poente arde  
E começa um torpor suave e lento,  
Embebe-se tambem o pensamento  
Na tristeza monotona da tarde.

Esbatem-se os contornos; quanto existe  
Lento esmorece em ondas esfumadas;  
Tudo amenisa-se; as paixões veladas  
Tornam-se calmas como a hora triste.

Como os passaros vôam mollemente  
Demandando dos ninhos o repouso,  
Passaros d'alma, vão buscando o pouso  
Os pensamentos, no saudoso ambiente...

. . . . .

Ou *A Volta*, thema repetido na nossa poesia,  
mas a que o poeta dá uma expressão pessoal e  
sentida :

E' tudo o mesmo. No arvoredo ao lado  
Inda as brisas murmuram como d'antes;  
Inda no céu da tarde avermelhado  
Grupam-se as mesmas nuvens cambiantes.

Os mesmos grillos cantam no terreiro;  
Inda embebem-se as auras nos perfumes  
Do morro agreste. No hervaçal fronteiro  
Accende a noite os mesmos vagalumes.



Era assim mesmo outr'ora. Pela estrada  
Volta o trabalhador e vem cantando,  
E das aves em busca da pousada  
Passa nos ares o ligeiro bando.

.....  
Nada mudou aqui... Só eu que venho  
E' que o mesmo não sou!  
Ai! não sou, não! sómente as fórmulas tenho  
De um outro que sonhava, e que acabou.

Os puros acessos de amor têm toda esta  
toada, média e sentida, verdadeiramente íntima,  
e talvez por isso mesmo sem brilhos nem reful-  
gências. Era um lyrismo que corria da fonte,  
uma fonte límpida, de um doce murmúrio entre  
seixos claros sem asperezas, mas em fio tenue.

A ternura desta nota mudou-se de repente  
nas *Vergastas*, em 1889. E' verdade que alguns  
dos seus poemas trazem datas de annos atrás,  
ainda dos annos das *Névoas Matutinas*. O  
maior numero, porém, é posterior ás *Alvora-  
das*. O título lhes indica a inspiração, onde ha  
a influencia dos *Châtiments*, infelizmente sem  
o magnífico lyrismo que salva esses poemas de  
Hugo para a poesia franceza. Confesso que não  
posso achar no nosso segundo imperio despo-  
tismo e tyrannia bastantes para me revoltar com  
o poeta, e lidos hoje esses cantos só me parecem  
rhetóricos. As *Visões do Abysmo* têm outro me-  
rito, e até belleza. E' poesia objectiva, social,



que o poeta tentou sem mediocridade, mas, a meu vêr, com menos distincção que o lyrismo subjectivo das *Alvoradas* e depois das *Canções do Outono*. Eis della uma amostra :

Na senzala, no clião, numa esteira amarella,  
Jaz o filho de Cham, o maldito. E' um velho,  
No mal coberto hombro os vestigios do relho  
Traçaram-lhe uma cruz, — a unica que o vela.

Cruza no peito as mãos roidas do trabalho.  
Sobram do cobertor os grossos pés informes.  
—Dorme, descança emfim, que do somno em que dorme  
Já não pôde accordar-te a sanha do vergalho!

Como unica oração que tua alma proteja,  
Por sobre a podridão de tua bocca fria  
Vibra no ar zumbindo a mosca de vareja...

Emquanto, ao longe, o sino, em voz cançado elenta,  
Reza, doce christão, a sua *Ave Maria*  
E o moribundo sol as nuvens ensanguenta.

A philosophia era o sentimentalismo revolucionario, as idéas absolutas e jacobinas, com elementos socialistas.

Nas *Canções do Outono*, publicadas em 1897, mas que têm versos desde vinte annos antes, voltou o poeta á « luz da alma contemplativa. » Não me parece que haja nessa sua ultima col-



lecção de versos originaes alguma coisa que indique uma evolução ou desenvolvimento do seu éstro, uma modificação sensível da sua inspiração. As preocupações sociaes foram um momento na sua vida de poeta, e para melhor caracterisal-o é preciso notar que foram de um periodo de opposição politica. São uma poesia intencional, « querida », sem a espontaneidade do seu lyrismo sentimental, pouco intenso, mas legitimo, e a que a correcção da fôrma desde as *Alvoradas* ajudava a dar relevo.

Traducções de varios poetas estrangeiros, em geral não só poeticas mas fieis, com o titulo de *Musa peregrina*, completam o livro do Sr. Lucio de Mendonça.

## II

Louvando o sentimento que leva os nossos poetas a reimprimirem os seus versos, emendando-os e desbastando-os dos defeitos e demasias dos annos verdes em que por via de regra os publicaram, noto que em geral lhes falta resolução para sacrificarem alguma coisa da



sua primitiva producção. Não seria aqui que se achariam Virgílios que tentassem queimar Eneidas. Longe dessa operação lhes servir a cortar, é-lhes antes ensejo de accrescentamento. O titulo de *Poesias Escolhidas* pareceria indicar uma eleição do Sr. Affonso Celso entre os seus poemas já mais de uma vez publicados; não é, porém, assim, pois ás mesmas suas antigas collecções, *Versões*, *Sonetos*, elle accrescentou novos e não tirou algum. Não ha de facto escolha, como talvez fosse melhor houvesse.

Mas entre as suas *Rimas de outr'ora*, denominação que elle ultimamente deu aos seus versos da primeira mocidade, do seu inicio nas letras logo abandonadas pela politica e a que só as circumstancias o fizeram voltar, e os « Versos avulsos », primeira parte desta sua collecção, deu-se no talento poetico do Sr. Affonso Celso uma modicação que não é sinão o resultado da propria evolução do seu espirito. E é o que torna interessante o seu livro de versos. O Sr. Affonso Celso era um moço exuberante, entusiasta, liberal, cavalleiro, enamorado, lyrico, com uma limpida e tenue veia poetica, brilhando por sobre as margens risonhas de uma juventude embalada pelas mais fagueiras esperanças. Elle cantou quasi naturalmente como a ave canta, sem esforço, mas tambem sem intensidade, repetindo aqui um dos primeiros a can-



ção parnasiana. Com a nota namoradeira e meiga, graciosa e feminina, que era talvez principalmente a sua, de *Que pés! Vestido curto, Rosa, No Templo*, misturava vagas preocupações de um socialismo literario, ou de uma indefinida objectividade poetica, ainda aqui não vulgar. O seu talento, porém, estava nas coisas intimas e faceis; alegre, bom, gentil, delicado, mas sem profundez. Não ha indiscreção em alludir ao que se passou na vida do sr. Affonso Celso, que todos sabem, porque elle proprio o recontou com deleite e minucia. Desses successos, elle saiu, sob o aspecto mental, um homem differente e, o que sobretudo me interessa como critico, um poeta differente. Não havia nada no antigo poeta, de melancolico; era uma natureza alegre, primaveril, inconsequente, mais de representação que de sensação. Uma ou outra nota triste, recoberta de uma ironia sympathica, era principalmente litteraria; sentia-se que não vinha do fundo. Temperamento optimista, e contente de viver, tudo lhe apparecia côr de rosa. No fundo sempre uma adoravel puerilidade — que é uma força, e uma candidez de impressões que, estheticamente, é uma fraqueza.

O poeta dos *Versos avulsos* é outro. Não é mais aquellé espirito faceiro e risonho do principio, versejando por exuberancia de mocidade.



Tem uma melancolia nova, meio mystica, uma inspiração religiosa; os seus poemas destoam de uma collecção profana, alguns, como *Imprecações*, poderiam figurar num hymnario catholico. O que não havia d'antes nelle, desconfiança, scepticismo moral, antipathia, duvida do mundo, egoismo religioso, a preocupação pessoal e interesseira de salvar a sua alma, medo das penas infernaes, hoje o assoberba. Eu não gosto absolutamente desta sua poesia nova, acho-lhe todos os defeitos espirituaes e estheticos, mas, como me esforço por ser capaz de apreciar o que não gosto, acho-a entretanto superior á antiga. E' pelo menos mais distincta; tem um sainete de novidade, uma emoção differente da sua primeira maneira, que era, sem destaque notavel, a maneira de todo o mundo. Não duvido absolutamente da sinceridade do poeta; sómente o seu erro me parece ter sido levar a sua humildade christã á sua contricção de peccador, até a uma singeleza de fórmula que põe alguns dos seus versos a par da poetica das cartilhas.

Muito soffreste  
Doce Jesus!  
Sim! fêl bebeste,  
Foste ultrajado  
Foste açoutado,  
Por fim, pregado  
Foste na cruz.





Eu duvido que ainda a alma mais pia, que se conserve, porém, intelligente, experimente uma emoção, mesmo religiosa, com esta longa e banal enumeração dos soffrimentos de Christo. Ora o fim da arte é commover-nos. Não ha nestes versos nem um elemento de commoção, porque elles não fazem sinão repetir, sem nenhuma variedade, que é a só originalidade da arte e a fonte da emoção, uma velha e gasta historia, de todos sabida, e que ainda nas almas crentes acha de todo esgotada a capacidade de commover-se com ella. Nenhuma pessoa mediocremente sensivel deixa de chorar aos fingidos infortunios de um personagem de ficção; a mais sentimental devota lê, de olhos enxutos, a eterna historia da paixão de Christo. E' que a emoção que nella havia se gastou pela repetição, nunca variada, ou tambem porque, no intimo, todos pensam como o Sr. Affonso Celso, que a historia de Christo

Contém prazer :  
Morrer com gloria  
Não é morrer.  
Quando a doutrina  
Que a morte ensina  
Vence e domina  
Gozo é soffrer.

Si é gozo, não vale a pena commover-nos,  
passado ainda tanto tempo.



E' naturalmente propositada a simplicidade rebuscada da nova maneira do Sr. Affonso Celso, e eu de facto só tenho contra ella o ser rebuscada, como evidentemente é. Reduzindo ao minimo as exigencias da sua fôrma poetica e metrica, adoptando intencionalmente uma versificação rudimentar, o poeta dos « *Versos avulsos* » talvez houvesse procurado fazer corresponder na sua nova poesia á simplicidade, á humildade dos seus novos sentimentos, a singeleza da sua expressão. Mas eu penso que geralmente desceu demais nesse proposito, ultrapassando as raias da arte para cair no arranjo facil das cantigas devotas, como no citado exemplo das *Imprecações*. Uma outra poesia, *Tem dó*, de igual inspiração e feitio, tem um logar certamente distincto nas anthologias de piedade metrica catholicas. Ella é seguramente muito superior como concepção e como execução a quejandos poemas com que se deleitam as almas devotas, mas não sei se estrophes destas

Oh! Tu que no infinito  
Reges o sol e o pó,  
Senhor ouve este grito  
De um pobre ser constricto  
Que em tí põe o seu fito :  
Tem dó, Senhor, tem dó!

Tem dó desta incerteza,  
Tem dó desta oppressão,



Tem dó desta fraqueza,  
Tem dó desta tristeza,  
Tem dó dest'alma preza,  
Tem dó desta prisão!

não destoam de um livro d'arte profana.

N'este e em outros poemas, e em geral em toda a sua nova maneira, a inspiração do Sr. Afonso Celso é menos religiosa que devota. O que o impressiona e commove, não é nenhuma das grandes preocupações religiosas da alma humana, esses problemas que tantas imaginações poderosas e tantos espiritos superiores fizeram graves e terríveis, mas a doutrina, as coisas do cathecismo, a parte banal da devoção. O que lhe lembra é por exemplo, que « dezembro »

... E' mez de coisas sérias :  
A Conceição de Maria  
Celebra, no oitavo dia.  
Mas é tambem mez de férias.

Tem um padrão, além disto,  
Que de orgulho o deve encher :  
Foi o mez que Jesus-Christo  
Preferiu para nascer!

Mas eu reccio estar revelando não ter comprehendido as intenções secretas do poeta, des-



conhecendo que elle não quiz fazer sinão aquillo mesmo que eu lhe reparo ter feito : mostrar-nos como o seu sentimento evolueu numa direcção de piedade simples e de ingenua devoção, que lhe não deixou sequer lugar para as preoccupações peccaminosas do estylo e da fôrma, pompas diabolicas. A simplicidade que é a grande excellencia da arte, não é, porém, esta, e o Sr. Affonso Celso o sabe pertinentemente. Si sacrificou a ella, foi com certeza de caso pensado, mas não receio julgar que sem proveito para a sua reputação de poeta, não obstante reconhecer que ha na sua nova maneira, pelo menos alguma coisa de menos visto—o que não é desprezivel nesta época de tantas repetições.

### III

Si a inspiração, como a fôrma de expressão poetica, do Sr. Affonso Celso mudou, dando-lhe em todo o caso um destaque entre os nossos poetas, não se alterou nenhuma nem outra no Sr. Antonio Salles. A « edição definitiva » das



suas poesias que elle acaba de dar, accrescentando alguns poemas novos e recentes ás primitivas *Trovas do Norte*, não se póde dizer revellem alguma alteração do seu éstro ou progresso da sua musa. Elle é, sobretudo, predominantemente um descriptivo, e o abuso da discreção foi o principal vicio do parnasianismo, e o que o matou.

A nova poesia não deu infelizmente nada que deva viver á nossa poesia, que o parnasianismo esgotou com o soneto descriptivo e com os quadros em verso, mas pelo menos em alguns dos seus poetas procurou suggestionar sensações, suscitar idéas, imaginar representações que saissem do cançado thema da paizagem, da natureza morta, do quadro de genero, feitos com linhas regulares de palavras e rimas mais ou menos difficeis, e a que um conceito charactístico pretendia dar um sentido.

Não são despídos de sentimento e emoção os versos do Sr. Antonio Salles, que os faz sempre bem feitos. Faz o poeta um grande uso do soneto, fórma que começa a cançar a gente. Alguns tem bonitos realmente, como *Barra a fóra*, *Pesca da perola*, um dos melhores da nossa poesia contemporanea :

O coração é concha bipartida :

Nós guardamos no peito uma metade,



E a outra, quem o sabe? — anda perdida  
Entre as vagas do mar da humanidade.

Do escaphandro das illusões vestida,  
Rindo, mergulha a affoita mocidade,  
Buscando um ser que lhe complete a vida,  
Que lhe povôe do peito a soledade.

Encontra algum essa affeição sonhada  
E á tona sobe erguendo a nacarada  
Valva que guarda a perola do amor...

Outro, porém, debalde as aguas sonda,  
Desce, a rolar, afflicto, de onda em onda...  
E não mais torna o audaz mergulhador!

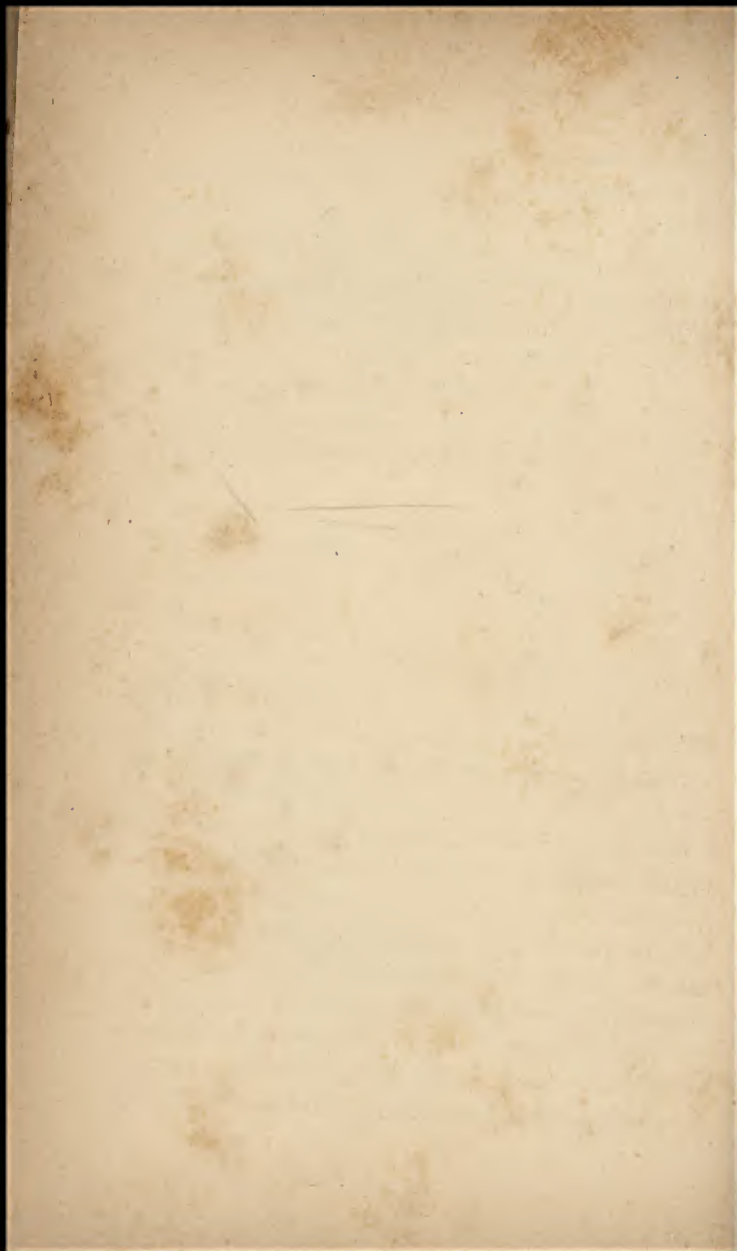
Outros poemas deste livro, *Manhã de luto*, *Em villegiatura*, *Ode á natureza*, *O sino*, *O sacrificio*, dão ao Sr. Antonio Salles um bom lugar entre os nossos poetas, e mostram talvez nelle ecapacidades para uma fôrma de poesia menos estereotypada que a dos sonetos descriptivos. Podemos ainda esperar mais do moço poeta.

Quero terminar por uma observação do começo. Que os nossos poetas não se limitem á republicação de suas obras em edições completas e menos defeituosas que as primitivas. Isso é bom e louvavel e commodo para o leitor, mas importa que os que se sentem com inspiração e



éstro, e disposição de poetar, dêem á nossa poesia estacionaria, que não faz senão repetir-se ou repetir os outros, sem de facto trazer nenhum sentimento novo, nenhum grande reflexo pessoal da vida e das aspirações contemporaneas, algumas vozes diferentes das que já andamos de algum modo fartos de ouvir.







IX

FRANKLIN TAVORA

E A « LITERATURA DO NORTE »

---

*O Cabelleira*, historia pernambucana por Franklin Tavora, nova edição. — *O Matuto*, chronica pernambucana, por Franklin Tavora, nova edição. — *Lourenço*, chronica pernambucana, por Franklin Tavora, nova edição. Rio de Janeiro, H. Garnier.

Estes tres livros, agora republicados pela livraria Garnier, e cuja primitiva edição é para os dois primeiros dos annos de 70 e para o ultimo dos de 80, constituem o que o autor respectivamente denominou primeiro, segundo e terceiro livro da « literatura do Norte. »

O quarto devia ser *O Sacrificio*, romance que appareceu na *Revista Brasileira*, no seu segundo periodo, da qual era Franklin Tavora



um dos directores e mais esforçados sustentaculos... Este não foi ainda, que eu saiba, publicado em livro.

Franklin Tavora é uma das mais queridas e saudosas recordações da minha vida literaria. Fomos amigos, desses amigos, porém, que nunca se viram, nem se conheceram, siquer de retrato. Nos poucos annos que infelizmente duraram as nossas relações, que de puramente literarias ao principio, haviam passado natural e insensivelmente a pessoas, e que a sua morte prematura e inopinada intempestivamente cortou, correspondemo-nos assiduamente. Era então o periodo da sua maior actividade literaria, nos annos de 80, quando elle dirigia e dava o melhor de si á *Revista Brasileira*, fundava a gorada Sociedade de homens de letras do Brazil, e procurava, entrando para o Instituto Historico, e como seu orador, dar vida nova e movimento á senil e respeitavel associação. As suas cartas são documentos interressantes para a vida literaria da época, aqui no Rio de Janeiro, contra o qual Franklin Tavora parece ter conservado sempre os seus preconceitos provincianos, nos quaes de regra se misturam, procurando aliás esconder-se, uma admiração ou gosto exagerado da nossa capital e a desconfiança do matuto.

Eu não saberia dizer si não foi deste senti-



mento, feito de duas impressões desencontradas, que se gerou na mente de Tavora a sua idéa da « literatura do Norte ».

Segundo a concepção de Franklin Tavora, exposta na carta prefacio do *Cabelleira*, « as letras têm, como a politica, um certo character geographico », « e mais no norte, porém, que no sul, abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra ». A razão deste facto parece-lhe obvia : « o norte ainda não foi invadido, como está sendo o sul, de dia em dia, pelo estrangeiro ». A sua primitiva feição « unicamente modificada pela cultura que as raças, as indoles e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, póde-se affirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuina expressão ». E elle lamenta que os nortistas, « que figuram com grande brilho nas letras patrias », não tenham « cuidado de construir o edificio literario » dessa parte do paiz, que lhe parece, « por sua natureza magnificente e primorosa, por sua historia tão rica de feitos heroicos, por seus usos, tradições e poesia popular, ha de ter, cedo ou tarde, uma bibliotheca especialmente sua ».

Nesta concepção de Franklin Tavora ha, parece-me, com uma parte minima de verdade, uma illusão de bairrista e de romantico. A preponderancia que na primeira colonisação e orga-



nisação do Brazil teve o Norte, as lutas e guerras que, nos seculos XVI e XVII, sustentou, por se conservar portuguez e refugar toda invasão estrangeira, primeiro de piratas inglezes, francezes e hollandezes, depois, destes mesmos, já em expedições mais consideraveis que piratarias, a precedencia de sua colonisação, desde a Parahyba até a Bahia, a preponderancia ahi do elemento indigena e do elemento portuguez, não contrabalançada, como no Sul, por elementos de outras raças, concorreram fortemente para dar ao Norte uma feição que foi achada, e a si mesma se achou, mais « brasileira », e ao nortista uma certa arrogancia, ou, mais exactamente, um sentimento de vaidade bairrista, menos individual, porém, que regional, que achou representação no canto dos poetas, como no

Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte,

de Gonçalves Dias, o grande idealizador da bizzarria nortista, e em expressões que glorificavam essa região ou alguma das suas partes, como a de « leão do Norte » applicada a Pernambuco, ou a de « terra da luz » applicada ao Ceará. Para a differença em que Franklin Tavora assentou o seu conceito do fraccionamento da literatura brasileira em septentrional



e meridional, além daquellas razões de ordem historica e social, ha a razão geographica, a que elle alludiu. Geographicamente, Norte e Sul são distinctos, e talvez, ao contrario do sentimento bairrista de Franklin Tavora, sob o aspecto da belleza e o do pittoresco, com vantagem do Sul. Essa manifesta differença geographica das duas regiões não podia deixar de concorrer para accentuar differenças nas gentes que as habitavam, quando pela diversidade da vida, que diversos aspectos physicos e outro clima de cada uma das partes creavam, ellas, mesmo sem as razões historicas e moraes, tenderiam a differenciar-se. Mas como, qualquer que fosse, ou seja, essa differença não chegava a constituir dois typos ethnicos differentes, com feições physicas e moraes distinctas, com diversos sentimentos, sinão num gráu que apenas aproveita ao pittoresco, e não perdiam os caracteres communs que physica e moralmente as igualam e os sentimentos geraes que as irmanam, dellas não podia sair, sob o aspecto esthetico, uma manifestação especial, particular a cada uma das suas fracções.

Não quero negar que entre o Norte e o Sul, isto é, entre a gente do Norte e a do Sul, haja differenças notaveis. São evidentes. O filho do Norte viajando no Sul; ou o do Sul viajando no Norte, a sentem, ás vezes com surpresa,



vendo por todos verificada a sua procedencia. Esta differença de typo physico, que não convem entretanto exagerar, pois a raça do individuo, os cruzamentos de que elle procede a attenuam muito, encontra-se tambem nos costumes, usos, terminologia industrial e domestica, sotaque, habitos sociaes e mais feições da vida das duas porções do Brazil. Mas differenças identicas existem, verificam-nas todos os viajantes, assentam-nas nos seus romances todos os romancistas, nos mais unos dos velhos paizes europeus, como a França, apezar de quinze vezes menor que o Brazil, de quatorze seculos de trabalho de unificação e da extrema facilidade de intercurso dos seus habitantes, todos por assim dizer convizinhos. E ali tambem cada uma das suas regiões, cujo particularismo a revolução procurou acabar com a sua repartição em departamentos, tem os seus romancistas especiaes, que lhe descrevem a vida, procurando fazer-lhe sobresair as originalidades ou singularidades. Quem, fóra do provençalismo, que tem lingua especial, pensa em dividir a literatura franceza consoante a differente viver, costume ou paizagem que ella representa? Mas, no Brazil, o mesmo Norte, ou o mesmo Sul, não são homogeneos e iguaes. No Norte, a Amazonia é, pelo aspecto physico e pelos costumes e usanças, tão differente do Ceará ou da Bahia, como de



S. Paulo, como S. Paulo ou Paraná são quasi tão differentes do Rio Grande do Sul como da Bahia ou de Pernambuco.

Verificadas em porções diversas das duas grandes divisões communs do paiz, essas differenças não podem servir para nellas assentarmos, como quizera o meu saudoso amigo Tavora, o criterio da divisão regional da literatura brasileira. Demais essa diversidade de Norte e Sul, por grande que seja, e não quero por fórma alguma diminuir-lhe a importancia, ou por maior que a façamos, tende a desaparecer com a maior communicação, cada dia mais consideravel, entre as duas regiões, com a entrada de novos elementos, tanto nacionaes como estrangeiros, em cada uma dellas, com a dissiminação da instrucção e com o progresso das relações economicas entre ellas. Ha disto já probantes exemplos na invasão, na Amazonia, de cearenses, desde a secca de 77, e de brasileiros de todas as partes do Brazil, attraidos uns pela fama dos lucros fabulosos da borracha, outros pelo encarne das delapidações governamentaes, que um momento fizeram daquillo um simulacro de Klondike equatorial, e tambem na emigração dos estados orientaes, desde o Ceará até a Bahia, para S. Paulo, quando foi dos altos preços do café. Si em S. Paulo o italiano ameaça predominar sobre o indigena, uma forte colonia



nortista contrabalança com os paulistas a sua supremacia. Sou dos que não têm medo dessas pacíficas e uteis invasões. Todas hão de acabar fatalmente por fazer corpo com o paiz, com o povo brasileiro; todas, apesar da nossa fraqueza, hão de ceder ás influencias do clima, dos nossos costumes, do conjuncto de condições que, quaesquer que sejam as nossas falhas, já fazem de nós uma nacionalidade.

Outra causa do que me parece o erro de Franklin Tavora, e que foi geralmente de toda a critica brasileira, sem excluir a parte somenos que nella tenho, é a sua concepção do que é Brazil e do que é brasileiro. Segundo essa concepção romantica, só é Brazil e brasileiro o que, em qualquer das nossas feições nacionaes, deriva immediatamente da mestiçagem, physica e moral, do portuguez com o indio e com o negro. Que o Brasil é um paiz mestiço e de mestiços é uma verdade por todos os que o têm estudado reconhecida, e que a estatistica, si tivessesmos estatistica, confirmaria.

Mas si o Brazil foi, e ainda é isso, ou sobretudo isso, como com Martius averiguaram todos os estudiosos de cousas brasileiras, não pôde ser só isso. Aquelle é o velho Brazil, o Brazil do portuguez, do indio e do negro, formando com a contribuição de cada um, um todo mais ou menos homogeneo, de crenças, de linguagem,





de costumes, de usanças, de sentimentos comuns, com a sua originalidade, o seu pittoresco, a sua graça propria e, por mim falo, seductora.

No tempo, não muito remoto, em que escrevia Tavora, o Norte, da Bahia á Amazonia, representava melhor, como ainda hoje representa, esse Brazil que, volvido um seculo, começará talvez a não ser sinão uma tradição. E'ahi que, como Tavora afirma com razão, se conserva, « em sua pureza, em sua genuína expressão », a feição primitiva do Brazil, já mais obliterada no extremo Sul pela concurrencia de elementos estrangeiros. A verdade, porém, daquelle conceito da nossa nacionalidade, é relativa. Indiscutivel nestes quatro primeiros seculos da sua existencia, já não terá a mesma exacção ao cabo do quinto ou do sexto sinão para as porções mais centraes e retardatarias do paiz. Na America essas transformações se operam muito mais depressa que na Europa, onde, por virtude de fortes e seculares tradições, de arraigados preconceitos, os usos e costumes sobrevivem, mais pertinazmente, ás innovações e aos contactos estranhos. Quando o Sul, de S. Paulo ao Rio Grande, ao cabo de mais um seculo, se haja modificado sensivelmente com a convivencia de outros elementos estrangeiros que não o portuguez, a extincção do indigena e o desaparecimento, já ahi muito adiantado,



do negro, a que se formará ahi não será por isso menos brasileiro. Será apenas um novo Brazil, por muitas feições differente do primeiro Brazil, mas politica e socialmente, si se não desagregar, a mesma nação. Esse Brazil primitivo, ainda bastante vivo no Norte e no centro do paiz, e que levará certamente alguns seculos para desaparecer de todo, que segundo um conceito romantico devia ser a base immutavel da nossa nacionalidade, tende fatal, melhor direi, necessariamente, a desaparecer ou, mais exactamente, a transformar-se. O portuguez apenas nos póde fornecer um fraquissimo contingente immigratorio, o indio, dobrado menos de um seculo, se terá extincto, sendo já o seu contingente nos cruzamentos, fóra da Amazonia e dos estados do grande oeste brazili-co, diminutissimo, a cooperação do negro é cada dia mais escassa e com a cessação da sua vinda da Africa não levará muito tempo a acabar. Só estes tres factos bastariam para determinar uma transformação, que a immigração estrangeira, uma nova educação, outras idéas, novas tendencias, necessidades diversas virão ajudar e apressar.

Mas mesmo ao tempo em que escrevia Franklin Tavora, uma literatura que fosse a expressão sincera da vida no Sul do Brazil, não seria menos brasileira que a que exprimisse a do



Norte. Si ambas fossem a representação perfeita dessa vida, achar-se-iam forçosamente entre ellas pontos communs, idéntidades manifestas, desses característicos com que através das variedades mais pronunciadas a especie revela a sua unidade. Ora, si a literatura brasileira, agrilhoada pela lingua e até pelos sentimentos que deixou em nós a raça portugueza, não é, qualquer que seja a sua autonomia, si não um ramo da portugueza, não se separa della no mesmo grau que ella da hespanhola ou esta da franceza, como admittir dentro della a distincção de literatura do Norte, que presume uma literatura do Sul? Evidentemente o bairrismo, o irreductivel provincianismo do meu saudoso Tavora, e a sua concepção romantica do que é brasileiro, empannaram-lhe a visão. No fim da sua carta manifesto, declarava elle que neste seu conceito critico não ia « um baixo sentimento de rivalidade » que não aninhava no seu « coração de brasileiro. » « Proclamo uma verdade irrecusavel. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um ha de ter uma literatura sua, porque o genio de um não se confunde com o genio de outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e ha de ter, si já não tem, sua politica. » Parece-me ter mostrado como não é uma verdade irrecusavel o criterio de Franklin Tavora, e como não só tendem a



se obliterar as diferenças interessantes para a literatura do Norte e do Sul, mas o mesmo conceito da nacionalidade brasileira em que elle o assentava,

Si a sua theoria apenas contém uma parte minima e muito relativa de verdade, os tres livros com que a exempliou, são das mais exactas e mais bellas representações em nossa literatura do velho Brazil, do Brazil tradicional, daquelle que, sem embargo da bruteza da terra e da gente, e não obstante todas as razões acima, me parece, á minha alma apezar de tudo ainda romantica, enamorada do passado, o mais interessante, o mais pittoresco, o mais encantador, quasi estou em dizer o mais amavel.



## UM ROMANCE DA VIDA FLUMINENSE

---

Com o seu novo livro *A Fallencia*, a Sra. d. Julia Lopes de Almeida toma decididamente lugar, e não somenos, entre os nossos romancistas. Tive já occasião de observar quão pouco é relativamente cultivado aqui o romance, genero abundantissimo em todas as literaturas contemporaneas. Em a nossa producção litteraria, sobrepujam-no de muito os versos e os contos. Assim, muitos aspectos da nossa vida ficam sem uma correspondente representação litteraria. Os românticos, ainda por esse lado, são, sinão superiores, mais completos, e creio poder dizer tambem, mais comprehensivos, do que os seus successores, os naturalistas, realistas, modernos ou que nome tenham. Macedo, Alencar, Teixeira e Souza, Manoel de Almeida,



Bernardo Guimarães, Taunay, o Sr. Machado de Assis, da primeira phase, si é licito pôl-o, sinão chronologicamente, entre aquelles, porventura abrangeram mais inteiramente nas suas obras, e não me importa agora o seu valor, a vida nacional, cidadan ou roceira, que os romancistas que lhes succederam. Então só se escreviam romances ou novellas, que pela sua mesma extensão e natureza permittiam dar á descripção e pintura completa do meio e da vida mais desenvolvimento. Não sei si alguém já reparou, e si a observação é de todo o ponto exacta, que o Sr. Machado de Assis é o introductor do conto em a nossa literatura. E si o conto com elle e com os seus outros cultores, que são hoje legião, continuou a obra do romance, certamente não a completou, deixando ainda muitas lacunas por preencher. Aliás aquelles romancistas, uns pela natureza do seu temperamento literario, nimiamente idealista, como Alencar, outros por falta de talento, como Teixeira e Souza, outros pela superficialidade da observação, como Macedo ou Bernardo Guimarães, não lograram dar da sociedade brasileira a representação exacta que certamente pretenderam, ou pelo menos o retrato que della deixaram, sem ser de todo falso, sendo mesmo ás vezes bastante parecido, carece entretanto do vigor, da expressão, da significação das boas



pinturas dos mestres. De todos elles o que parecia mais bem dotado para a arte forte das representações expressivas, Manoel de Almeida, morreu estreiante, mas o seu unico romance que nos resta, *Memorias de um sargento de milicias*, é, sob esse aspecto, o mais notavel producto dessa época literaria. De Macedo e de Alencar para cá, a vida social brasileira, principal e absorventemente a que se passa aqui, na capital do paiz, tem sido sobretudo representada, ou estudada, como se gosta hoje de dizer, no conto. Mas a verdade é, ou parece-me, que toda essa sua representação pelo conto ficou deficiente. Não se me afigura que contrariem esta asserção alguns romances do Sr. Aluizio Azevedo ou do Sr. Coelho Netto. Ha, certamente, nos contos e nos romances do Sr. Machado de Assis uma representação, mais exacta talvez que a dos nossos naturalistas, da sociedade brasileira, isto é fluminense, ou antes carioca. Mas essa representação que, unico entre os nossos escriptores de ficção, elle teve o talento de generalisar, é por assim dizer transportada para um tom especial, pouco apreciavel do leitor commum, por processos de allegoria, de ironia, de satyra, de generalisação e de synthese philosophica ou symbolica. E demais é restricta e limitada, e segue, talvez com demasiado escrupulo, o preceito do bom gosto



francez do *glissez, n'appuyez pas*. Como quer que seja, não penso que a leitura de todo o nosso romance contemporaneo nos dê, da nossa sociedade e da nossa vida, a representação, a definição, como queria Taine, com a impressão de fidelidade que, por exemplo, nos dão, da sociedade russa e da vida russa, os romances de dois romancistas apenas : Tolstoi e Dostoievsky. Será porque a qualidade preeminente dos romancistas russos é, como quer um pensador seu compatriota, e sente o leitor, a absoluta sinceridade e esta em nós é, de algum modo, deficiente ?

Entre os poucos romances da vida brasileira, tal qual ella é pelo menos aqui vivida, que possam realisar ou idealisar pela arte essa vida, figurará desde hoje em bom lugar o romance de d. Julia Lopes. Mui resumidamente é este o seu assumpto. Um laborioso portuguez, Francisco Theodoro, á custa de trabalho e economia, chega a formar uma grande casa de café, das primeiras do Rio de Janeiro. Em meio da fortuna casa-se, mais pela necessidade de casar-se que por amor e menos por paixão, com uma moça pobre, de familia provinciana, bonita e com disposições nativas para o luxo e a alta vida. Feita e solidificada a fortuna do cafésista, passaram da rua da Candelaria, onde foram habitar depois do casamento, para um palace e





em Botafogo. Ahi, a doença grave de uma filha fez entrar na sua vida e intimidade um medico, com todas as qualidades phisicas e espirituaes proprias para impressionar uma mulher como Camilla, que assim se chamava a do cafésista. Com pouco foram amantes, sem que jámais o soubesse o marido, sabendo-o aliás toda a casa, inclusive o filho mais velho, uma sobrinha pupilla, os famulos e toda a cidade. O caso é aliás commum e no romance nada tem de inverosimil. E a situação de Camilla e do dr. Gervasio, que tal era o nome do medico, nada tinha de tragica ; ao contrario, não podia ser mais commoda e mais facil. Ainda aqui o romance fica inteiramente na verdade. Assistimos ao desenrolar calmo desses amores, ás pequenas scenas de familia, a episodios de casa ou de sociedade, a incidentes e casos da vida commercial e mundana, todos bem contados, verdadeiros, communs, emquanto o sr. Francisco Theodoro, cuja unica satisfação era o trabalho, a prosperidade da sua casa, e poder dar largamente á familia o que gastar, seduzido por um especulador sem escrupulos, que consegue illudil-o e desvial-o da sua velha rotina de portuguez pé de chumbo, como elle mesmo se reconhecia, deixa-se arrastar a especulações arriscadas que o levam á fallencia. E' a parte mais fraca, e a parte verdadeiramente fraca do ro-



mance, em que se sente a impericia da mulher, mesmo bem informada, para tratar um assumpto que lhe não é familiar ou adequado. E o assumpto não está, com effeito, tratado com a individuação e segurança de desenho e colorido que, sente-se, foi empenho da escriptora dar-lhe. Não ha em nenhum daquelles negociantes um traço vivaz, naquellas scenas nada que realmente viva. Sente-se em tudo o arranjo.

Aliás a força, o talento, no sentido especial da capacidade de distinguir aspectos novos e verdadeiros nas cousas, não é a qualidade revelada neste livro, apesar do que ha nelle de viril. A lingua é boa, mas sem distincção nem excellencia notavel. O estylo, como o modo caracteristico do escriptor, não é ainda bastante visivel. O processo de composição e de descripção nada tem de pessoal, é o mesmo do romance naturalista em geral, menos a nota crúa e os escusados atrevimentos de linguagem. Seria, entretanto, injusto não reconhecer a belleza de certas paginas, como essa que nos reconta a volta de Camilla á casa, depois da sua ultima entrevista com o dr. Gervasio.

Francisco Theodoro entrega aos credores a sua casa e suicida-se. A familia, acostumada á opulencia, fica na penuria. O filho mais velho, Mario, casára-se rico antes da catastrophe; a filha, habil violinista, dá lições de musica;



todos trabalham para viverem parcamente, na pequena casa que Francisco Theodoro na prosperidade dôara a uma sobrinha da mulher que com elles vivia, doce creatura, uma das mais bem desenhadas do romance. Voltando inesperadamente da Europa, onde se achava com a mulher, por occasião da morte do pai, Mario encontra a mãi conversando com o dr. Gervasio, na pequena sala da sua pobre residencia de agora. Elle sempre o detestára e ainda em vida do pai tivera por causa do medico uma forte altercação com a mai, a quem lançára em rosto o seu adulterio. Gervasio sae, e Mario exprobra ainda á mãi o seu comportamento. Esta, como aquella outra scena, são ambas bem feitas. Mario aconselha á mãi que se case com o medico. Ella aceita-lhe o alvitre e vae procurar o amante, que se mostrára honrado no infortunio. Descobre então, lh'ó revela elle proprio, explicando o seu caso — abandono da mulher por adúltera — que o dr. Gervasio era casado. E' para ella a ultima catastrophe e com o rompimento daquelles velhos e bons amores acaba o romance.

Ha nelle excellentes qualidades, já manifestadas nos antecedentes que da mesma autora conheço, a *Familia Medeiros* e a *Viuva Simões*. A acção desenvolve-se natural e logicamente, e os episodios ligam-se-lhe do mesmo



modo natural e logico. A disposição do livro não offerece motivos notaveis de reparo á critica, e menos ao leitor, que apenas procura um prazer ou um passatempo. A composição corre simples, correcta, natural, sem esforço visivel e sem rebusca que traia a literata na romancista. Os acostumados a julgar esta especie de obras, si leram outros livros da autora, não custarão a perceber que é um livro trabalhado, mas daquelle trabalho que honra e eleva o artista, em vez de diminuil-o. Julgando-o comparativamente á nossa producção sómente, este novo romance de d. Julia Lopes é uma obra de merecimento, de bastante merecimento, sem ser entretanto nem uma obra superior, nem uma obra forte, como hoje se diz. A observação é justa, mas não excede ao commum; a sua expressão é exacta, adequada, bem feita, mas sem distincção especial. Não ha erro, falsidade ou incoherencia nos caracteres e personagens do livro, mas nenhuma se destaca por uma d'essas feições e modalidades especiaes que o talento crêa ou faz viver na ficção com a intensidade da vida real. São todas mais ou menos verdadeiras, a nenhuma falta a dóse de realidade necessaria para viverem um momento na nossa imaginação e para que por ellas nos interessemos; algumas são até bem feitas, como o cafésista, Nina, Ruth, Nóca, a devota do Cas-



tello, o capitão Rino, embora um pouco convencional, e a excellente silhueta de sua irmã Catharina. Justamente os dois personagens principaes, Camilla e o dr. Gervasio, pareceram-me menos felizmente traçados. Ha nellas, no dr. Gervasio principalmente, alguma convenção. Mas não ha em todo o livro, como acontece em tantos romances nossos, nenhum disparate ou despropósito, quer nas figuras, quer no desenvolvimento da acção, quer nos episodios. O romance é bem architectado e bem construido, sem elevação proeminente, mas tambem sem nenhuma fraqueza. Tem algumas scenas excellentes, como a de Camilla e do medico seu amante, quando este lhe communica a fallencia do marido, a quem na desgraça ella volta a amar, sem deixar por isso de amar o medico. Toda a psychologia deste caso, em que a autora teve o bom gosto de não insistir, é finamente feita, e, parece-me, verdadeira. As scenas mais caracteristicas da nossa vida, a beataria de d. Joanna, a existencia das suas irmãs na sua casinha do Castello, as festas e arranjos domesticos na casa do ricoço, as suas visitas, e ainda outras, são em geral excellentes, de uma observação facil, mas sincera, e exprimidadas com intelligencia e arte. O dialogo tem, embora em gráu inferior, o defeito commum ao dialogo da nossa ficção, aquella falta de natural,



de facilidade, que revê as mesmas falhas da nossa sociabilidade.

O dialogo dos nossos romances, e principalmente do nosso mofino theatro, deixou-me sempre a impressão de uma traducção do francez, de alguma cousa que não tinha o correntio, a despreocupação, o abandono do dialogo ordinario da vida commum. A explicação deste facto me não parece outra que o mesmo defeito do dialogo na nossa vida social. Esta, num certo sentido, quasi não existe; não temos salões onde a lingua de sociedade e o dialogo se apurem no commercio natural entre o homem e a mulher. Nos que existem, ainda hoje, á velha moda portugueza, os dois sexos separam-se. Na nossa chamada alta sociedade, em que o elemento masculino é principalmente representado por adventicios endinheirados, mal desbastados da grosseria primitiva, com uma educação de balcão, de hotel e de paquete, e em que o elemento feminino lhe é em tudo superior, não é quasi possivel que aquelle commercio pudesse fornecer ao dramaturgo ou romancista os dialogos vivos, naturaes, finos, intelligentes que o escriptor francez não tem sinão de transcrever. Aqui os terá sempre de inventar, e esta invenção, fóra de um exemplar que possa imitar, tira-lhes a naturalidade. Ha neste romance de d. Julia Lopes mais de uma corroboração



destas observações. Notei acima, como excellente, a scena de Camilla com o dr. Gervasio quando este lhe vem annunciar a quebra do marido. No seu primeiro momento de indignação, sabendo por alto os motivos do desastre, mas ainda com uma esperança, ella exclama para o amante :

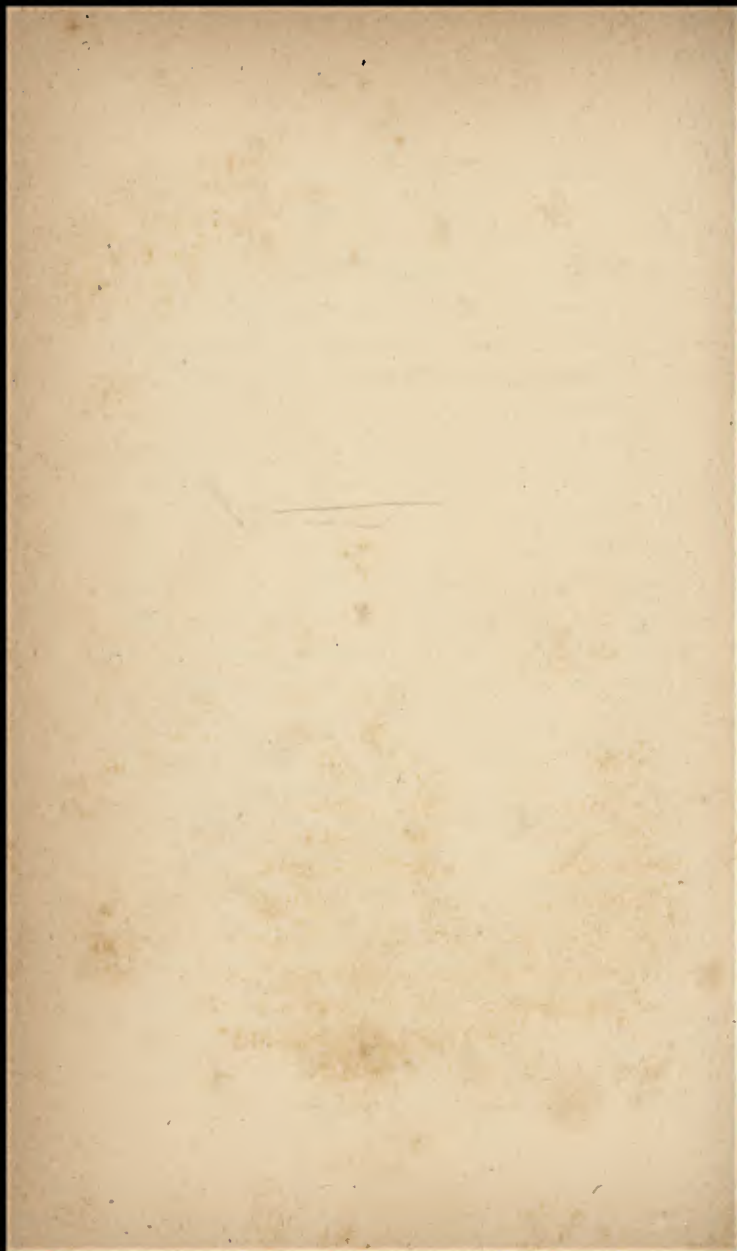
- Si fosse mentira?!
- Eu seria um miseravel.
- Podiam ter-te enganado. Quem te disse?
- Elle.
- Burro!

Este « burro ! », endereçado ao marido, cuja fallencia a reduz á pobreza, na bocca de uma figurona de palacete em Botafogo, é excellente de verdade, é typico. Não é menos excellente, já o disse, a reviravolta que se dá na alma dessa mulher, que entra logo a amar o marido desgraçado, sem prejuizo do amor culpado.

Mas ao lado de dialogos naturaes apparecem outros, não frequentes, é certo, como o de paginas 84-85, entre o capitão Rino e Ruth, que são verdadeiramente « preciosos » e não escondem de todo a literata.

E é pena, porque um dos melhores elogios deste livro, é que ella se não divulga nelle, que é de um escriptor já na posse de todos os seus meios.







## ALGUNS LIVROS DE 1902

---

Não sei o que os chronistas politicos, economicos, mundanos, artisticos, cada um na sua parte, dirão deste anno. Por mim declaro, como noticiador literario, que não tenho a queixar-me d'elle. Talvez até com demasiada abundancia, forneceu-me sempre materia ás minhas chronicas. Certo a maxima parte dellas não era de boa qualidade, e só por extrema condescendencia mereceria uma apreciação, ou mesmo simples menção da critica. Mas esta, aqui, para ter em que empregar-se, ha de ser nimiamente accessivel e bonacheirona. Do contrario arisca-se a ficar longos periodos sem assumpto. Sem embargo, não se póde queixar do anno passado. Um anno que deu esses dois extraordinarios livros, cada um no seu genero, *Chanaan*, do



sr. Graça Aranha e *os Sertões*, do sr. Euclides da Cunha e romances como *A Fallencia*, de d. Julia Lopes e *A todo o transe*, do sr. Emmanuel Guimarães, viu estréas na poesia como as dos *Versos*, do sr. Mario de Alencar e de *Turrís Eburnea*, do sr. L. Edmundo — e edições ou reedições, augmentadas, de poetas, os srs. João Ribeiro, Lucio de Mendonça, Affonso Celso, Olavo Bilac, Antonio Salles, Magalhães de Azeredo — e eu poderia citar, entre novas ou renovadas publicações ainda meia duzia de bons livros, como a nova edição da *Historia da literatura brasileira* do sr. Sylvio Roméro, e o livro com que se estreou na critica o sr. Magalhães de Azeredo, *Homens e livros* — não é, no nosso meio e condições, um anno sáfaro para as letras nacionaes.

Não foi principalmente sáfaro na poesia, antes feracissimo, a não attendermos sinão á copia de versos. Mas, segundo um antigo,

Quando o anno é mais de safra, em versaria,  
Tanto é mais escoimado, em Poesia.

Estes versos são da Fabula de Anaxarête, do obscuro poeta Lazaro de Caina, traduzidos por Filinto Elysio, que com elles epigrapha a sua ode *Atenção!* no tomo III das suas *Obras completas*, edição de Pariz, de 1817. Não os dou por bons, e para ser franco direi mesmo que



nunca achei versos bons em Filinto. E' um dos meus espantos que esse atiladissimo Garrett, genio de fino gosto e de arguto espirito, pudesse ter feito tanto caso desse sensaborão versejador, o mais duro e desintelligente dos poetas afamados da nossa lingua. Porque afamado o foi e é; Bocage, é verdade que num impeto excessivo, como elle era em tudo, de gratidão, chamou-lhe o « grão cantor » ; os velhos de duas gerações atraz, em Portugal e no Brazil, o tinham por uma especie de Horacio domestico, e ainda ha pouco o sr. Theophilo Braga, no seu livro *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*, o procurou levantar acima da craveira em que elle proprio anteriormente o havia posto, com mais justiça. A nossa literatura critica copta um livro sobre Filinto e o seu tempo do finado Pereira da Silva, e de um e de outro lado do Atlantico houve filintistas, que o admiraram e seguiram. Além do grande Garrett, Antonio de Castilho, grande nome de exagerada estimação, tambem foi um dos seus discipulos.

Raro terá havido reputação literaria, penso eu, menos merecida. Como prosador, Filinto é um dos mais feios escriptores, permittam-me dizer assim, da nossa lingua, duro, deselegante, sem nenhuma intuição de belleza, incolor, mas-sudo, de uma graça grosseira e insulsa; como poeta, elle é apenas o mais claro exemplo de



que se póde ser um poeta copioso, variado, correcto, sabedor da sua arte, sem ser de facto um poeta. Raros o terão sido menos do que elle. Não lhe dou, pois, aquelles dois versos, traduzidos como a maior parte dos seus, mesmo os que dá por originaes, como bons, mas são verdadeiros :

Quando o anno é mais de safra em versaria,  
Tanto é mais escoimado, em Poesia.

Os annos d'elle, que foram muitos, oitenta e cinco, foram feracissimos em versos ; a poesia é o que se sabe. E na sua ode elle justifica o conceito da sua epigraphie.

Veu-me ella á memoria diante da cópia, inteiramente desproporcionada, acho eu, á nossa cultura mental, e ás nossas necessidades espirituaes, da versaria neste anno, e, para ser exacto, nos que o antecederam, e da qual tenho aqui numerosos especimens.

Abro o primeiro que me vem da livraria Magalhães, da Bahia. Tem o titulo *Eterno Incesto*, que eu não poderia copiar tal e qual, com signaes de multiplicação entre cada palavra em tinta encarnada, sem dar aos srs. typographos um trabalho massante. « Eterno Incesto, predicas de um Religioso, por Almachio Diniz, recitadas para communhão da Villa Forte da Cidade Humana Salvador Bahia. Brasil. MDCCCII. » Os



srs. leram o *Homem que ri*, de Victor Hugo? Lembram-se de Ursus que na sua carroça de feira fazia e representava uns dramas que elle modestamente dizia « no genero de um tal Shakespeare, »? Pois a obra do sr. Almachio Diniz, elle a podia dizer, com não menor modestia, « no genero de um tal Nietzsche. » E' em prosa, mas eu posso pôl-a nesta revista de poesia, pois é de poesia certamente o espirito com que a concebeu o autor, nesta lingua, que eu deixô ao leitor apreciar.

« A um dilucuto selvatico de esplendores edenicicos, e risos paradisiacos, quando entre as harmonias de uma NATUREZA que desperta se ouvia o estranho ruido de uma cachoeira de palhetas lampejantes, ROLANDO estava em frente da cascata portentosa... » Aquella quéda d'agua ali estava « collocada como o embellezamento mais sumptuoso do inquiescente rio. Era um grito estridulo, medonho, um grito de triumphamento. » E por perto de duzentas paginas é esta a lingua e o estylo.

Mais ou menos da mesma inspiração, porém em verso, é o CYSNE ENCANTADO, do sr. Baptista Cepellos, de S. Paulo, um poema romantico, temperado com molho de symbolismo. Afim de, sem atraçoal-o, dar delle ao menos uma idéa ao leitor, transcreverei para aqui as duas primeiras paginas :



Disfarçado em mendigo, de farnel e bordão, Ophir, o joven Sonhador, vae seguindo por uma estrada. Setembro sorri pelas flores, e pelos rebentos novos da Primavera. Agita os bosques um sussurro de azas, como si as arvores estivessem trocando beijos... No crystal da manhã, passa vibrando, como um passaro invisivel, a cantiga saudosa de um tropeiro. E o sonhador, parando em meio do caminho, encosta-se ao bordão e fica melancolicamente a contemplar, num derradeiro adeus, a doce villa natal, que, ao longe, mal se avista, como um punhado de cinza no horizonte... Nisto surge repentinamente do bosque uma Visão Branca, branca e serena, como o Lirio dos lirios...

## VISÃO BRANCA

Rodando sobre chammas, no horizonte,  
Sobe o carro do Sol, num resplendor...  
Eia ! levanta a pensativa fronte  
E esses olhos azues de sonhador !  
Depõe esse bordão de peregrino  
E despe esses farrapos de viajor...

## OPHIR

Não posso ! hei de seguir o meu destino,  
A estrella de Bethlem do meu amor !

## VISÃO BRANCA

Por esta longa estrada, quem te espera,  
Louco?! Verás a fome, o inverno, a dôr !



## OPHIR

Que importa? Levo n'alma a primavera,  
Com que hei de engrinaldar o meu amor!

## VISÃO BRANCA

Não me fales assim, que te amo tanto,  
Meu amigo, meu rei e meu senhor!  
Pois não quero te ver, um dia, em pranto,  
Sobre a fatal desillusão do amor!

Não persigas a sombra fementida  
De uma nuvem, que ao sol roubou a côr...  
A vida é sempre esta enganosa vida!  
E o amor da gloria é um doloroso amor!

Não me abandones, pelos teus desejos;  
Fica! Vem aquecer-te ao meu calor,  
Que estes meus labios, virgens de outros beijos,  
Guardam-te os fructos do mais puro amor!

Das nossas penas, que serão bem leves,  
Ninhos faremos para o nosso amor...  
Mas não debes partir, partir não debes,  
Como um doido mendigo sonhador!

## OPHIR

Devo partir, partir, e sem demora!  
Não me detenhas, não!  
Bem vês que vou por este mundo a fóra,  
Seguindo outra visão!  
E, antes que tambem vás sumindo e voando,  
Na direcção do Céu,  
Ouve-me, e saberás de como e quando  
O meu amor nasceu.



O sr. Souza Lobo, de Porto Alegre, manda-me também um poema *Meu coração*, com um coração grande e rubro na capa, traspassado, como nos lenços dos namorados roceiros, por uma espada. No delles é verdade que a arma assassina é mais geralmente uma séta — a lendaria séta de Cupido. São versos chorando a sua « adorada companheira », e abrem com este soneto :

Ainda me faltava esta amargura  
— as minhas dôres traduzir em verso, —  
desejando que fique no universo  
a memoria da minha desventura.

Antes em tristes lagrimas immerso  
quedasse do que andar sempre á procura  
da flagrante expressão, marmorea e pura,  
que estereotype o meu destino adverso.

Mas é preciso que eu cultive a magua,  
e, tendo os olhos carregados d'agua.  
sob a impressão da dôr que me recorta,

edite o coração sanguinolento  
e lhe confie todo o meu tormento,  
toda a saudade da querida Morta.

Chamam-se *Uhlanos* os versos, excellentemente impressos na typographia Leuzinger, do sr. Jonas da Silva, de Manáos. Porque *Uhlanos*, e não *Ussares*, ou *Zuavos* ou *Fuzileiros*?





Segredos de poetas, que devemos respeitar. No anterosto apparece a cabeça do poeta, decapitada num prato, como a de João o Baptista, e elle explica :

O' Salomé das flores e alvoradas  
Por quem sorrindo entrego-me ao cilicio,  
Trago-te hoje a cabeça em sacrificio  
Deste S. João de Trovas e balladas.

Tu, que longe dos páramos do Vicio  
Fulges do Sol nas rútilas estradas,  
Abre do riso as petalas rosadas  
E darei por bem pago o meu supplicio.

Triste de mim se apresentando a salva  
Dos teus olhos á dupla estrella d'Alva  
Pareça a offerta miseranda e louca...

Do desgraçado era a loucura tanta  
Que ainda a espada cortando-lhe a garganta  
Teu nome em festas lhe cantava á bocca.

Não caracterizou mal o sr. Annibal Amorim os seus versos chamando-lhes *Pompas* (Laemert e C.). O que elles têm de mais sensível é a pompa, o grandioso, o exaltado da adjectivação. Eu creio que os louros « do celebrado poeta dos *Brazões* » tiram-lhe o somno. Ora, a maneira do sr. B. Lopes com os seus defeitos e qualidades, com os seus vicios e virtudes, é d'elle ; elle se a afeiçãoou por tal modo que ella



já o distingue como poeta, lhe dá o relevo que possa ter, e que, em bem ou em mal, o destaca. A imitação d'ella, tão de perto, tão estreitamente, como o faz o sr. Annibal Martins, priva-se, só por isso, de todo o merecimento. Eis disso um exemplo neste soneto, *Estrangeira*, que é apenas um reflexo dos defeitos do sr. B. Lopes, sem alguma das suas qualidades boas:

Bella estrangeira. Tem a côr do arminho  
Seu todo esculptural onde ha lampejos  
De uma belleza estranha. — E que bocejos  
Sob a cortina alvissima do linho!

E a partilhar da embriaguez do vinho,  
Essa mulher convida... e que desejos!  
— Labio entre-aberto, supplicando beijos!  
— Cabelleira fidalga em desalinho!

Como um luar desabrochando em sonho,  
Em pleno céu de purpura; risonho,  
Ella beijou-me, lubrica, nervosa

E o seu beijo aromatico (não mintó!)  
Teve o sabor das uvas de Corintho  
E o paladar dos vinhos de Mendoza.

E' o triumpho do bordão e do vasio. E a maior parte dos versos das *Pompas* são assim, pomposos sem solidez, sem riqueza, nem opulencia real.

No meio, porém, de todos estes livros de



versos, de que nenhum é bom, mas em que ha porventura promessas e esperanças, embora a maioria dellas não venha talvez a ser cumprida, ha já um que é uma realidade, acaso uma dessas estréas que dispensam as condescendencias da critica, a *Turrís Eburnea* do Sr. Luiz Edmundo (edição da *Revista Contemporanea*). Da primeira parte, em que o poeta nos diz a fatalidade do seu amor, eu, ainda estimando-a pela belleza e vigor de alguns dos seus versos, poderia dizer-lhe o que adiante direi dos versos de puro amor de um outro poeta, o Sr. Daltro Santos. Os seus, certo, me tocaram mais, si bem eu lhes note muito mais eloquencia, emphase, pompa, que sentimento no sentido poetico desta palavra, porém continuo a não descobrir nelles, não obstante os seus meritos, aquella nova expressão de amor que debalde procuro ha muito em a nossa poesia, e que nella renove esse thema.

Por isso, preferi, nesta sua collecção de versos, os seus poemas de *Umbra*, *Alma do Vento*, *Beatrice*, *O cyclo da Fatalidade*, e outros em que o seu lyrismo, de uma exuberancia juvenil ainda, mais entusiasta que sentidamente commovido, talvez demasiado pomposo, embora de uma bella pompa, alça-se a concepções, de uma belleza mais alta e de uma arte mais nobre que as nossas vulgares cantigas



de amor. A interrogação deste soneto tem atormentado a humanidade; muitos poetas a tem repetido; sem embargo quem a renovou é indistintamente um poeta:

De onde vim? De onde veio a fôrma que me veste?  
De onde veio esta luz que em meus olhos fulgura?  
Porque não sou montanha e porque sou creatura?  
Espírito do Céu, que consciencia me déste!

Onde vou? Quem me leva a esse sonho de agrura?  
E' o espirito que a Carne inconsciente reveste...  
Porque nascem na terra as flores e o cypreste?  
Mas, sobretudo, dize, onde vou, por ventura?

Dize si o Coração é um fructo de Verdade,  
Porque elle não me diz quem me conduz e que ha de  
Desvendar-me amanhã o segredo da vida!

A Descrença é um punhal que se me volta em riste,  
E eu soffro por saber ainda mais porque existe  
Este Sonho de Paz que é a Terra Promettida.

E' bom, e desmente o absoluto da epigraphie filintista. Ainda bem.

Mas não acabam aqui. Ha muitos outros. Eis um novo grupo de quatro, vindos ao mesmo tempo, com seus folhetos. *Taça partida* do sr. Daltro Santos já é um livro e o autor um poeta conhecido já por outra collecção, *Obe-liscos*. E' menos um poema, como lhe chamou indevidamente o autor, que uma collecção de



sonetos e como tal, sem embargo do merecimento metrico e até poetico que possa ter, e que lhes não contesto, monotono.

Este thema de amor, por grande, e vasto, e complexo, e profundo que seja, e certo dos themas lyricos é o maior, não póde mais ser exclusivo e absorvente. Era mesmo impossivel que insistentemente tratado desde o inicio da poesia, de modo a quasi não deixar mais nada á invenção dos poetas, ainda dos mais ricamente dotados, elle não acabasse por fatigar-se e fatigar. Não se podendo renovar o proprio sentimento do amor, que, embora sob modalidades diversas, mas essas mesmas, ao cabo, mais superficiaes que profundas, é no intimo sempre o mesmo, e só sendo possivel variar-lhe a expressão, e essa tambem em limites relativamente estreitos, principalmente depois do mais rigoroso policiamento dos costumes e de uma mais rigorosa disciplina moral e social, a arte que o representa, ou manifesta, teve forçosamente de repetir-se enfadonhamente. Desde mais de dois seculos pelo menos, que o amor, nas nossas sociedades, adquiriu uma uniformidade que lhe tirou o melhor talvez do seu interesse e, si posso dizer, pittoresco. Os gregos, que são os nossos mestres e iniciadores em tudo, e que são o desespero da nossa difficil originalidade, o conheceram quasi em sua vir-



gindade literaria e assim nos deixaram delle os modelos que não temos quasi feito sinão repetir. Elles conheceram de facto não só o amor tragico, a grande paixão sagrada, proxivamente divina, e o amor amavel, o doce sentimento deliciosamente gostoso cantado pelos Anacreontes, pelos Theocritos e pelos Moschos. Deste, desde os romanos, nós não conhecemos sinão a imitação literaria, a imaginação criada por nós. Acaso sómente num rapido momento da Renascença elle se revelou ainda uma vez para desaparecer para sempre. O seculo passado viu talvez os ultimos grandes poetas do amor, e nenhum como tal vale qualquer dos antigos, ou um Petrarcha, ou um Camões, ou um Shakespeare. E nenhum é, a não ser talvez Musset — que é duvidoso, si é um poeta para se emparceirar com esses — um puro poeta de amor, como em porções consideraveis da sua obra poetica foram aquelles. Goethe foi um poeta universal, objectivo, social. Elle, como nenhum outro, fez servir á sua inspiração, póde-se dizer á sua arte superior, á sua esthetica, os seus amores; elles foram um elemento de vida com que elle trabalhou e que elle, com uma serenidade olympica e antipathica, transformou em materia de arte. Byron mistura á sua paixão amorosa tantos outros sentimentos diversos de revolta contra a sociedade, de idéas, e suas



sensações d'arte e da vida, que consegue dar ao thema do amor uma nova intensidade. Mas em Byron, como aliás, em Musset, a vida foi uma vida de poeta romantico, fóra da sociedade, e os seus poemas de amor são positivamente vividos, mesmo quando imaginados. A analyse dos outros poetas que merecem citados com estes, Lamartine, Garrett, Wodsworth e os seus companheiros, mostrariam a mesma coisa. Victor Hugo, o maior delles, não é propriamente um poeta de amor, si bem o cantasse nos versos mais bellos da lingua franceza. Não o são tambem os grandes poetas contemporaneos. Todos, certamente, cantaram o amor, e quasi não comprehendemos que um poeta não o cante; é já como que uma obrigação profissional, do que vem o enxovalhamento desse thema e a sua degradação literaria. Mas cantal-o a elle sómente, obsediado por elle, estreitado á affeição pessoal, sensual (e não ha meio de o não ser), do homem e da mulher sem reacções externas, sociaes, humanas, sem estimulos moraes ou intellectuaes internos, nenhum poeta verdadeiramente notavel o fará mais, o faz ao menos agora.

Só este facto, que me parece incontestavel, e que é de facil observação, indica que os verdadeiros poetas, com a intuição que é um dos seus dons, sentem-se instinctivamente afastados



de fazer delle um uso exclusivo e abusivo. Tambem elles, e é o que tambem os faz poetas de valor, por seu genio e por sua cultura, pelos muitos interesses espirituaes que se criaram e donde se inspiram, são solicitados por outros themas, por outras paixões e sentimentos, e mesmo quando se occupam de amor sabem misturar-lhe elementos de conscienciã, dar-lhe a generalidade e complexidade que faz da pura paixão individual um interesse humano.

A' fadiga natural do amor, não como sentimento, mas como thema poetico, sobretudo o canção da sua repetição, junta-se, para nos tornar os puros poemas amorosos despiciendos, quando elles se nos apresentam em massa, o proprio espirito do nosso tempo, positivo, pratico, materialista, si quizerem, que nos faz avessos ás lamurias pessoaes dos namorados. E o abuso que dellas têm feito os poetas não é certo para lhes conciliar a benevolencia dos que são obrigados a escutal-os. Prejudica-os ainda que nós, que estamos dispostos a crer piamente no amor dos antigos grandes poetas enamorados, que nos commovemos com as penas do Dante, de Camões, de Petrarca, de Musset ou de Byron, e até do nosso Casimiro de Abreu, desconfiamos da sinceridade da paixão que estes de hoje nos gritam nos seus versos cuidadosamente trabalhados. Vemol-os tão lepidos,





tão alegres, tão equilibrados na vida, tão diferentes do que a nossa imaginação, mau grado nosso, fantasia um poeta apaixonado, que desconfiamos. Decididamente faz-lhes muito mal a esses poetas esta carencia de perspectiva em que os vemos ; mas os seus versos lhes garantirão o tempo de ganhá-la ?

Demais, para almas de outra tempera, que embora em minoria se devem considerar, faz-se em poesia e na literatura uma verdadeira profanação do amor. E eu creio que não ha talento de versificador, desde que a sua obra soffreu a prova do tempo, unica decisiva, capaz de enganar, e de nos fazer aceitar por verdadeiro o que é falso.

Estas considerações não m'as determinou agora a leitura da *Taça partida* do Sr. Daltro Santos, seguida da *Rosa, rosa de amor* do Sr. Vicente de Carvalho, das *Paginas Simples* do Sr. Herculano de Brito e das *Nuvens Errantes*, do Sr. Sebastião de Campos. Nenhum destes trabalhos, qualquer que seja o seu merito, como nenhum desses poetas, qualquer que seja o seu valor, tem, por ora, as condições que nos impõem, ou permitem indagar de uma feição literaria, estudar uma tendencia espiritual ou esthetica a proposito delles. O estudo da nossa poesia contemporanea, que quasi não conhece sinão esse thema, e não o trata de



modo sensivelmente capaz de o renovar, desde muito m'as suggerira. Estes poemas apenas m'as confirmaram, revelando, como os outros, sob a abundancia da nossa producção poetica a pobreza real da sua inspiração, a mesquinhez dos seus motivos, a sua insignificancia para a definição de nós mesmos, si nós não somos nós mesmos — e talvez seja a explicação verdadeira — tambem insignificantes.

São uns setenta poemas, todos metricamente bons, os do Sr. Daltro Santos, cantando directamente, estrictamente, o seu amor, a principio feliz, depois desgraçado. Afóra um uso immoderado de maiusculas — que é ainda a feição por que mais se distinguem os nossos novos poetas e poetas novos nada ha nelles que, mesmo na expressão do amor nos dê a sensação da novidade, que da arte temos o direito de exigir. Abro literalmente ao acaso uma pagina, caio em *Força immortal* :

Eis que me não conheço, eis que me sinto fóra  
Do meu proprio entender, do meu proprio pensar :  
Jámais gosei na vida a sensação de agora  
Em que se me depara a Ventura sem par.

Que exquisito sentir, que Força singular  
Essa, que me dissipa as tenebras d'outr'ora  
E na qual — por gloriosa ha os impetos do Mar  
E — por timida o fel da Lagrima que exora!...



Eis que me vejo erguido, alevantado á Luz,  
Feliz, glorificando o Bem que me conduz  
Entre os homens, a rir, como o mais venturoso :

Amo Aquella — a mais pura entre as puras — Aquella  
Por cujo Amor esqueço o dever de esqueceel-A  
E em cujo Amor concentro o derradeiro goso...

Não ha contestar : ha belleza e um certo  
vigor neste soneto, mas, salvo no penultimo  
verso, tudo nelle está dito quasi da mesma ma-  
neira por dezenas de poetas, mesmo nossos.

Abro novamente, ao acaso tambem, procu-  
rando apenas o fim do livro. Depara-se-me  
*Gloria* :

Alma impolluta e sã, Lyrio orvalhado,  
Este culto de Amor, que purifica,  
E' um nobre affecto desinteressado,  
Que os teus encantos todos multiplica.

De longe venho a faee alva e pudica  
Contemplar-te, num extase sagrado :  
Que a alma, por ver-te, mais amante fica,  
Fique, embora, este amor mais desgraçado...

Não te peço o teu Riso, nem te eliamo :  
Bem sei que segues, insensivelmente,  
Os inmutaveis tramites da Sorte...

Mas esta Gloria de sentir que te amo  
Hei de cantar, eantar continuamente,  
Até que um dia me anniquile a Morte.



Talvez ainda com mais razão, não preciso dizer deste sinão o que daquelle disse. Tudo aqui, sem reserva, emoção, e expressão é commum. Dizer por isso, que não ha no sr. Daltro Santos um poeta, não direi, porque, em consciencia, me parece que não seria verdade. Não se faz *Taça partida* sem o ser, em algum grau. Sómente, um poeta que canta sem distincção, embora bem, um thema gasto, e num tom tambem usado. Ora, não basta mais cantar bem; qualquer que seja o thema, é preciso cantal-o superiormente. Superiormente digo. E' já agora o unico meio de se não perder na multidão que entulha o Parnaso.

Prefiro pela graça e delicadeza da sua emoção, pela gentileza do seu verso, pelo seu doce tom geral enamorado, e tambem pela sua curteza, a *Rosa, rosa de amor* do sr. Vicente de Carvalho. E' talvez mesmo esta ultima qualidade, a sua brevidade e a sua variedade de metros comparada com os setenta sonetos na mesma nota e tom do sr. Daltro Santos, que o torna preferivel. Admitte-se facilmente na obra de um poeta um poema destes; já é mais difficil aceitar um daquelles. Depois, o amor aqui cantado, comquanto de uma profunda melancolia, o é em um tom de serenidade e simplicidade muito mais penetrante e commovente que as declarações e exprobrações calorosas do



Sr. Daltro Santos. Em poesia, na poesia do coração, é bom sempre desconfiar da sinceridade da eloquencia. Foi justamente esta simplicidade, sem banalidade, certamente trabalhada mas que se não deixa perceber, que me encantou no poema, que não hesito em chamar encantador, no Sr. Vicente de Carvalho. Elle achou para uma historia de amor uma fórma de contal-a que nos fez acceitar com gosto o seu thema. Felicito-o, mas não o animo a repetir a tentativa. No mcio da obra mais variada de um poeta a póde enriquecer e completar; por si só, apenas dará delle uma boa opinião. Tem coisas simples e bonitas como esta :

» Deixa-me, fonte! » Dizia  
A flor, tonta de terror,  
E a fonte, sonora e fria,  
Cantava, levando a flor.

« Deixa-me, deixa-me, fonte! »  
Dizia a flor a chorar :  
« Eu fui nascida no monte...  
« Não me leves para o mar. »

E a fonte, rapida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flor.

« Ai, balanços do meu galho,  
« Balanços do berço meu ;



» Ai, claras gottas de orvalho  
« Cálidas do azul do céu... »

Chorava a flor, e gemia,  
Branca, branca de terror,  
E a fonte sonora e fria,  
Rolava, levando a flor.

« Adeus, sombra das ramadas,  
« Cantigas do rouxinol;  
« Ai, festa das madrugadas,  
» Doçuras do pôr do sol;

« Caricia das brisas leves  
« Que abrem rasgões de luar...  
« Fonte, fonte, não me leves,  
» Não me leves para o mar... »

As correntezas da vida  
E os restos do meu amor  
Resvalam numa descida  
Como a da fonte e da flor...

As *Paginas simples* do Sr. Herculano Brito justificam o seu titulo, e, como nove decimos dos livros de versos que aqui se publicam, promettem um poeta. Que promettam um poeta diferente da maxima parte dos que temos, não direi. Creio que este é de todo moço; é o seu primeiro folhetinho de versos, cerca de duas duzias de poemazinhos, com um certo sentimento, mas sem nenhum relevo ainda; tudo visto. Esperemol-o em provas futuras e de mais



alcance. E' só o que posso dizer do sr. Sebastião de Campos e das suas *Nuvens Errantes*. Esperemol-o.

Não é ainda, infelizmente, penso eu, tempo de variar de conceito sobre o estado da nossa poesia de hoje : a uma extraordinaria facilidade de versejar e certa habilidade, que estou quasi em chamar manual, que a sonoridade da lingua facilita, que chega a dar ás vezes a illusão de talento, não correspondem reaes qualidades de criação poetica. As variações que porventura se notam são superficiaes, apenas de fórma.

O fundo da poesia resta intacto, sinão está tambem empobrecido. Não se sentem nella as manifestações das modernas correntes de pensamentos e de sentimento. O amor, talvez cantado sem a sinceridade dos nossos antigos poetas, é quasi o seu thema unico. O proprio influxo da renovação da poesia na Europa, de tão excellentes resultados já, é aqui quasi inteiramente um producto de imitação exterior, sem nada verdadeiramente de sentido e de profundo.

Não quero dizer que absolutamente não existe alguma coisa de novo : já verifiquei a existencia de modificações externas nesta nossa poesia. Já tive mais de uma vez occasião de notar, com sympathia, uma ou outra manifestação das novas tendencias nella, mas não só



não me parecem bastantes vivas e significativas, para lhes reconhecermos uma inspiração natural e sincera, uma corrente espirital, mas não vejo que os mesmos poetas que quizeram renovar a nossa poesia a trabalhem com o ardor de neophytos convencidos e honestos, e não só com o facticio entusiasmo da juventude, congenialmente presumida.

A *Flora de Maio*, poemas do Sr. Osório Duque-Estrada, não revela, não as descobri ao menos, nenhuma fortes qualidades de criação, de representação, de idealisação e de emoção que são as primaciaes da poesia ; mas é sem duvida um bom exemplar da nossa facilidade de poetar sem ter grande coisa a dizer, ou com que de facto commover-nos. São versos faceis, simples, sem nenhuma profundeza de sentimento, nem algum signal caracteristico que os distinga. Si nesta nota média e incolor se pôde ser um poeta, o sr. Duque-Estrada o é, e não desagradavel.

Abre elle os seus cantos com uma *Symphonia*, que dá bem a medida do seu éstro, e cuja primeira estrophe é a seguinte :

Musa piedosa e austera,  
Volve agora a cantar !  
Concerta a voz e espera,  
Porque as aves e o sol e a primavera  
Já não devem tardar...





Aquella qualificação de « piedosa e austera » á sua musa ali está sómente por amor do verso e rima, que não são esses os seus attributos. Si alguma característica se lhe descobre é a fa-ceirice, a leviandade, a alegria facil; ella é sobretudo brincalhona, azevieira, inconsequente, sem nada de intenso nem de profundo. Não duvido que seja capaz de piedade, mas essa mesma será superficial, e ainda risonha; de austeridade, não dá mostras de ser capaz, sinão forçando o seu temperamento.

O Sr. Osorio Duque-Estrada parece-me, pelo seu livro, um poeta que ficou de todo alheio não só ao grande movimento de idéas que tanto influio na poesia dos ullimos trinta annos, mas ás mesmas novas tendencias estheticas que, no meio de muita coisa desprezivel ou extravagante, como sóe sempre acontecer em taes crises, trouxe uma renovação util e salutar á poesia contemporanea. Elle está todo no nosso velho e gasto lyrismo tradicional, sem o vigor ingenuo de paixão e de emoção que o distinguia.

Não ha nelle nenhuma originalidade, nenhum sentimento poetico proprio, o que as suas numerosas traducções comprovam. Masa expressão em geral é graciosa, o verso facil e harmonioso, a impressão final que deixa, embora passageira, aprazivel. Este soneto, penso, confirmará esse juizo :



## PRIMEIRO BEIJO

Leio a um canto da sala; e, enquanto, lendo,  
Perscruto, em torno, os mudos corredores,  
Vejo-te entrar, na leve mão trazendo  
Um leve ramo de olorosas flores.

Mensageiras gentis dos teus amores,  
Junto de mim o olor ficam vertendo;  
E um longo beijo, cheia de rubores,  
Deixas cahir na minha face, ardendo...

Bem dita redempção! Bem dito dia  
Que em vez do vão fulgor de uma chimera,  
Minh'alma encheu de luz e de harmonia;

Porque este beijo, que assim canta e espera,  
É a primeira cigarra que annuncia  
Do nosso amor a eterna primavera!

Não ha nos poemas de *Flora de Maio* nenhum verdadeiramente ruim e, ao contrario, a maior parte tem as qualidades e o sainete deste.

Não é um estreante em poesia o sr. Alberto Ramos, o poeta cheio de vibração da *Ode do Campeonato*. Além de traductor dos *Poemas do mar do Norte*, de Henrique Heine, é o autor original dos *Versos prohibidos*, uns poemas de amor de uma sensualidade exquisita e fina, em uma fórmula bem distincta das banalidades aqui correntes no genero. Essas suas produções assignavas-a, porém, com o pseudonymo de Marcos de Castro, de sorte que, parece, sob o



seu nome real, a *Ode do Campeonato* é o primeiro poema seu que vem á luz. Dá-lhe o titulo o certame das sociedades de regatas recentemente havido na bahia de Botafogo pelo campeonato desse sport, ultimamente, e, ainda bem, muito desenvolvido entre os nossos mancebos. « Offereço o meu poema, declara o poeta nas suas ardentes e pomposas paginas preliminares, aos jovens compatriotas que com ardor nobilissimo, infatigavel se dedicam á incessante pratica salutar dos exercicios nauticos e ao desenvolvimento das energias physicas corporaes. » A alta offerta é digna dos que lhe mereceram a honra; não obstante ha talvez uma desconexão como quer que seja desagradavel para o leitor, entre esse canto vibrante e eloquente, ao mar, ao mar alteroso e bravo, e o feito nautico realisado numa mansissima enseada. Mas si tirassemos aos poetas, filhos e pais da hyperbole, até estas licenças, que seria delles e da sua arte? E, demais, aquelles faceis exercicios supõem esforços arduos, lutas nem sempre benignas, perigos affrontados com coragem, um preparo para mais duros e difficultosos committimentos, que os do formoso lago maritimo de Botafogo. E foi isso certamente que determinou e inspirou o poeta deste poema que melhor se chamára *Ode ao mar*.

Comquanto traductor e admirador de Heine,



e amador da poesia allemã, toda de emoção interior e de conceito, o sr. Alberto Ramos é um poeta da nossa gente : mais eloquente que commovido, e deixando-se facilmente embriagar pela musica e sonoridade, uma sonoridade em tons altos e vibrantes, do « verso e rima ». E' disso documento essa sua ode. Sob o aspecto da eloquencia, da valentia das expressões, do arrojado de algumas idéas — (« oceano... immenso como o desejo humano, e como elle insoffrido e amargo e nunca satisfeito ») ella é verdadeiramente um bello trecho de poesia, dessa poesia que, dita a moços entusiastas e ingenuos, com todo o fogo da facundia que a inspira « ... o peito accende e a côr ao gesto muda. »

Poesias destas, com effeito, são mais, como notou D'Annunzio, um dos restauradores do genero, para serem recitadas que para serem lidas, e o seu effeito, como a sua mesma belleza, depende muito da sciencia do recitador. Só a declamação pôde valorisar cabalmente esses longos e amplos versos de quatorze syllabas.

Não pensa, talvez, assim, um outro poeta nosso que, modernamente, (pois já houve em tempo tentativa semelhante), ensaiou introduzir na poesia portugueza as innovações metricas praticadas, ao que parece com successo, na italiana por Carducci, D'Annunzio e outros poetas. Refiro-me ao Sr. Magalhães de Azeredo. Este,



porém, como aquelles poetas, não admitte a rima; com pequenas concessões á indole das nossas linguas modernas, a sua innovação metrica nellas é uma restauração do verso latino, a volta dos pentametros e hexametros latinos. A proposito das *Elegias a Leão III* do Sr. Magalhães de Azeredo já tive occasião de dizer (1), o meu sentimento respeito a essa innovação. Ingenuamente confessei que ella me não era sympathica, e que embora admirando a factura dos seus productos, o que nelles poz o nosso poeta de engenho e éstro, não me agradavam. Com a mesma lisura declarei que esta minha impressão não seria talvez sinão da falta de habito, a mesma que temos quando acostumados á facil e encantadora melodia da musica italiana fazem-nos de subito e sem preparo ouvir os classicos da musica alleman. Para apreciar de novo a innovação, aguardo o volume em que o sr. M. de Azeredo vai reunir os seus versos barbaros, como lhes chamam na Italia, e não duvido que o talento do poeta acabe por vencer a minha repugnancia.

Transigindo com a difficuldade e o desacostumado desses longos versos sem rima, o Sr. Alberto Ramos nol-os torna mais accessiveis o bemvidos, pondo-lhes rimas aos pares, como

(1) *Estudos de literatura brasileira*, 4ª serie.



aos alexandrinos. Assim já elles não repugnam aos nossos ouvidos, totalmente desafeitos aos rythmos latinos. Mas assim não obedecem mais ao pensamento innovador daquelles poetas italianos, trasladado para a poesia portugueza pelo nosso poeta, Sr. Magalhães de Azeredo, de restituir á metrica das nossas linguas modernas (pois que os allemães e inglezes tambem o fazem) as fórmulas metricas dos poetas do Lacio.

O novo livrinho de versos, « Lyrios de quatorze petalas, do » sr. B. Lopes, é seguramente inferior aos que elle publicou desde os *Brazões*. Nunca regateei ao sr. B. Lopes os louvores que merecidamente poderia fazer-lhe, a ingenuidade do seu éstro, que elle aliás prejudica com rebuscas pretenciosas; a rara melodia do seu verso; a nota melancolica, verdadeiramente sentida da sua sensibilidade, quando elle não falsifica a sua inspiração nativa com as suas preocupações de poesia fidalga; a grande espontaneidade da sua musa, quando elle a não obriga a tanger outra lyra que a sua propria.

Com uma porção de qualidades boas, porém, que fazem d'elle um poeta que tem a sua feição propria, e, com aquellas restricções, um poeta distincto entre mil outros nossos, não tem o Sr. B. Lopes a força, a variedade, a originalidade que lhe permittam a copiosa producção a que se dá. Sonora e afinada, a sua lyra só tem



uma corda, e por mais harmoniosos que sejam os sons della tirados, acabam por cançar pela monotonia. Os *Hellenos* são a repetição já como quer que seja fatigada do mesmo themia, no mesmo diapasão, com as mesmas notas e tons, sem nenhum elemento novo.

O Sr. Magalhães de Azeredo, que tambem é, e talvez não faça bem em o ser, um poeta e prosador copioso, não possui talvez a doce e facil melodia do Sr. B. Lopes, nem as qualidades de ingenua e espontanea inspiração popular, que são as características deste poeta, mas tem uma incomparavelmente maior força e sobretudo variedade de engenho, de sentimento e de poesia. Elle é — grande merito, por isso que o é dignamente — um dos nossos poetas objectivos. Tambem o commovem e inspiram os aspectos exteriores do mundo e da vida. Esta sua nova producção, *O poema da paz*, ainda é disso documento. « Na aurora do seculo xx », o poeta canta pela paz, dizendo como Virgilio, o « altissimo poeta » que, cantando embora a guerra, muito a detestou : Todos queremos a paz, que da guerra nenhum bem nos veio, *Nulla salus bello : pacem te poscimus omnes*. Elle nos diz Christo nascendo ha vinte seculos á voz da « paz na terra aos homens », e a cuja morte talvez



Córos de Seraphins e córos de Almas justas  
— Como a exhortar de longe ao bem as novas éras  
Clamaram, protendendo as suas mãos augustas :

« Com teu sangue, Jesus, Martyr e Soberano!  
Santificaste a terra ávida que o bebeu. [mano  
Basta de excidio e horror! basta! outro sangue hu-  
NÃO corra nunca mais na terra após o Teu! »

Diz-nos depois a Historia ensanguentada, desde  
a ephemera paz octaviana, e maldiz os que a  
louvam e cantam

Os cúmplices quaes são desse Moloch eterno?  
Vates! artistas! não sois vós?

Diz-nos « Hoje », e a guerra continuando a sua  
obra de devastação, apesar de todo o desejo hu-  
mano da paz, a voz do povo que « protesta,  
chora e se lamenta » mas

A sorte

Não muda. O Fado crú que nos governa  
Quer o tributo regular da morte.

Não quero querellar de um poeta espiritua-  
lista e catholico por aquelle pagão « Fado crú  
que nos governa » com que elle, revoltante-  
mente parcial, desobriga o seu Deus dos males  
que sente e deplora. Depois, no melhor trecho  
talvez deste seu poema, no qual achei o seu  
éstro inferior ao seu proposito, com mais de





uma fraqueza que o assumpto não tolerava, logares communs de pensamento e de fórma, invoca a America, na illusão que aqui neste mundo novo pudesse a paz florescer.

Mas a descrença entra com elle e as suas palavras são de duvidosa interrogação :

America, em teus seios bemfadados,  
Resurgirá o incomparavel Eden,  
Que em angustiosos brados,  
Ha seculos, debalde as gentes pedem !...

A America ? Sully Proudhomme que lhe responde :

Ta fortune est vulgaire, et nous la croyons belle,  
O terre de Colomb ! et, quand la liberté  
A travers l'Océan, volant à tire-d'aile,  
Veut jeter dans tes bras son corps ensanglanté,  
Nous la croyons ravie aux soufflets de la guerre,  
Et notre amour jaloux l'accompagnait là-bas,  
O terre de Colomb ! ta fortune est vulgaire,  
Nous te croyons bénie, et tu ne l'étais pas.

E ao cabo este poema da paz acaba num grito desesperado ;

Então, então a paz será nossa afinal,  
A incomparavel paz do Nada Universal...

O Sr. Mario de Artagão é um poeta rio-grandense, cujo nome, com o seu ar de pseudonymo, não é já de todo desconhecido, mas si o



seu novo livro, *Musica sacra*, confirma o juizo que merecia o *Psalterio*, de sete annos atraz, não revela infelizmente nenhum progresso notavel. E 'um livro, no que tem de mais distincto, intimo e sentido, e é o seu melhor elogio, e o poeta de *Trevas*, que é a primeira parte dos seus poemas, tem o dom de communicar-nos a sua emoção.

O Sr. Orlando Teixeira, que ignoro si é um estreiante, denuncia elle proprio o seu *Magnificat* de « collecção de versos sentidos ». Não me deram nenhuma impressão de especialmente o serem; deixaram-me, porém, o da maioria das nossas collecções de versos, a facilidade entre nós quasi banal de versejar, a igualdade geral com a maioria dos nossos innumerossimos poetas, sem de facto alguma qualidade excepcional ou siquer distincta, nem tão pouco qualquer inferioridade manifesta.

E' um estreiante — mais um! — o sr. Tristam da Cunha, que da Europa me manda seu primeiro livro de versos. E' dos que pretendem que a lingua poetica seja como a musica ou como uma musica que em vez de impressionar e commover, com os processos ordinarios da palavra humana, nos suggira, por meio de imagens symbolicas, o pensamento, a sensação do poeta. Fóra d'aqui, essa escola, como escola e tendencia exclusiva, já tive occasião de o mos-



trar longa e documentadamente, está acabando, sinão acabada, ou é apenas cultivada pelos retardatarios, por systema, snobismo ou falta de talento real que, no dizer de um dos proceres da sua época heroica, « trabalham com perseverança admiravel no artificio fóra de moda e na teimosia esteril ». Sem pôr em duvida a sinceridade do sr. Tristam da Cunha — e na moda pôde haver sinceridade — não duvido crer que no seu gosto por essa tendencia esthetica vai muito do arrastamento da idade e da voga. Li os seus versos não só com sympathia, mas com prazer, porque lhes achei uma nota menos vulgar que a costumada, alguma coisa emfim, sem ser certamente a que Chénier descobriu em si mesmo, mas espero que, pago esse tributo á primeira mocidade, e tirado da escola o que ella incontestavelmente tem de bom, elle volte á larga e natural corrente da grande arte, deixando as valas e canaes das modas literarias, e uma certa affectação, que julgo descobrir-lhe. O verso livre, creia-me, nunca vingará em portuguez — e em nenhuma outra lingua. E' uma fórmula de excepção com que um grande poeta poudo conseguir algum raro effeito, como rasgo de habilidade technica, mas não será jamais, penso ao menos, um modo normal de expressão poetica.

O Sr. Sabino Magalhães, que eu de todo des-



conhecia, parece-me, estreia tambem com o seu *Livro de Maria*. Com razão ou sem ella, os poetas, no que chamamos aqui inpropriamente burguezia, que é toda a nossa sociedade, excluido o « Zé povinho », têm uma pessima reputação de maus maridos, ruins pais de familia, fracos homens do lar. Si é assim, os Srs. Castro Rebello e Sabino Magalhães são, ao menos a julgal-os pelos seus poemas, excepções que desmentem aquella, cumpre reconhecer, generalisada presumpção contra os poetas. E si o meu testemunho alguma coisa valesse, eu estaria prompto a declarar que outros poetas conheço e bem bons, que sem cantarem especialmente o lar e a esposa, ou siquer alludirem jámais nem a um nem a outra, são (quanto estas coisas se pódem julgar de fóra) exemplares pais de familia. A proposito de já não sei que poeta nosso, tive eu occasião de dizer que o amor conjugal, as affeições domesticas, salvo casos especialissimos e raros, são, aquelle sobretudo, antiestheticos. Não é difficil descobrir-lhe a razão; a propria pureza, intimidade, e respeitabilidade, do ponto de vista social, desse amor, impede as expansões e communicações de que a arte vive. Renan poude escrever essa commovedora narrativa de *Ma sœur Henriette*, talvez as mais bellas paginas da prosa franceza : á sua mulher nunca consagraria certamente sinão as poucas e



quasi impessoaes linhas, tão commovidas e tão commoventes como aquellas paginas, da dedicatória da *Vie de Jésus*. Os dois poetas, cujos poemas estou noticiando, cantam expressamente as delicias do seu lar, as suas esposas, os seus filhos. E' tão pessoal, tão individual o seu cantar, que não lhes consentiu a generalidade que a arte deve ter para nos tocar a todos. Victor Hugo deixou em mais de um poema inspirado em emoções domesticas alguns dos mais bellos exemplares do lyrismo francez, sómenteporque, com a belleza superior que em tudo punha, fez das suas dôres ou alegrias domesticas idealisações e syntheses das dôres e alegrias humanas. Tal não souberam fazer os nossos dois poetas, o que aliás não impede que os seus poemas, os do Sr. Castro Rebello, mais do que os do Sr. Sabino Magalhães, sejam bons como poesia, sinceramente commovidos, embora não excedam de um plano inferior por falta de generalidade. Como poeta, parece-me ha no autor do *Poema do lar*, não só mais éstro, mas tambem maior segurança e força no versejar. O sr. Sabino Magalhães precisa corrigir-se de versos destes :

Oh! mãos angelicas ! não nos descreve  
O verso o mais sublime  
Não ha pincel, por mais eximio e leve,  
Que a pintar-vos se anime.

11.



Não imagina talvez elle como isso que ahi fica é banal e ao alcance de todo o verzejador; tambem as suas preferencias em poesia, a julgar por alguns — a maioria — dos poetas das epigraphes que põe aos seus versos não abonam o seu bom gosto. Creia-me, só no estudo dos mestres. e não na imitação dos fructos pecos da arte divina, dos quaes talvez alguns não o valham, pôde achar com que se desenvolver e aperfeiçoar.

Convém dar ao leitor ao menos um especimen destes dois poetas. Do sr. Castro Rebello, *Lembrança* :

Quando as roridas brisas da saudade  
Eehos me trazem da florida infaneia,  
De envolta com a purissima fragancia  
Dessa innocente e descuidosa idade...

Quando, através da immensa escuridade,  
Dos teus risos a modula sonancia  
Me ehega assim de toda essa distaneia,  
No mais lyrico tom da felieidade...

Desatinado perco-me na vida,  
Não... procurando-lhe a fatal saida,  
Mas... querendo voltar para o passado,

Onde, tão meiga e de olhos tão risonhos,  
Eras, Elisa, a estrella de mil sonhos,  
Penhor eeeste do mais doce fado.

Do Sr. Sabino Magalhães, *Noivado* .



Canta! canta! meu Verso, em magnificos harpe-  
O ineffavel prazer e a intermina alegria [jos,  
Que hoje invadem meu ser. Uns canticos de beijos  
Como que julgo ouvir em modula harmonia!

De um riso a maga luz de celica poesia  
Beija-me agora a face em tremulos adejos!  
E essa luz de offuscar, que limpida irradia,  
Tem do alvor da manhã os rubidos lampejos!

Canta! que hoje afinal a trefega e insinuante  
Maria, essa visão de pallido semblante,  
Que na expressão do olhar tem dulcidos carinhos,

E' minha noiva, é minha! E alastra-se de flôres  
Agora est'alma! E sonho angelicos amores...  
E escuto a vibração da musica dos ninhos.

O poeta da *Via Sacra* (Porto Alegre), o Sr. Marcello Gama, não obstante a dedicatória do seu livro « Aos Meus », e a julgar pelo que elle proprio de si diz, justificaria aquella opinião do publico sobre os poetas como homens do lar. Com bem mau gosto, acho eu, elle começa por confessar-se mau filho, inutil, vadio, sujo « — um typo de imbecil, grotesco e extravagante... » que só uma coisa adora, e o consola no mundo, o verso.

Eu tenho pelo verso um culto excepcional,  
e amor á sensação, á saudade, ás mulheres,  
á originalidade, á lua, aos malmequeres  
e a tudo que tem sido a causa do meu mal.



Não obstante ditas em versos de poeta (embora alguns não isentos de bordão, como aquelles « malmequeres » só para riniar com « mulheres ») estas coisas melhor é calal-as, quando nos falta o genio necessario para as idealisar, como eu dizia acima, até a generalisação synthetica e de um caso particular fazer um caso geral. Lembre-se o poeta do seu *Rolla*.

Quero, porém, dizer já que por menos sympathico que me seja o alardo de maldade e cynismo que de si mesmo faz o Sr. Marcello Gama, e no qual, tenho quasi certeza, é preciso antes ver um caso frequente de pathologia litteraria que a realidade, não posso deixar de reconhecer nelle um poeta de merecimento não commum, talvez um dos que mais verdadeiramente o sejam, na capoeira grossa dos que abrolham cada dia por dezenas, neste nosso fecundo sólo brasileiro, mais feraz em versos que em café.

Si elle se nos apresenta por aquella maneira, que se repete em outros poemas seus, é por obedecer a um preconceito litterario, e, perdoe-me dizel-o, tolo, do genio e da desordem, preconceito romantico, e portanto anachronico, desmentido por toda a liistoria litteraria, com o exemplo dos maximos genios que, salvo rarissima excepção, todos viveram na ordem e na moral, humana e social. Mas o preconceito





ficou, e não faltam poetas e literatos que ponham todo o seu talento — e ás vezes de facto não têm sinão esse — na cabelleira arripiada, na frequentação da taberna, no desregramento da vida, na bebedeira e até na gravata mirabolante. Vai n'isso, com aquelle tolo preconceito, uma grande dóse de macaqueação de typos estrangeiros, quasi todos de segunda ou terceira ordem, um mau gosto de postura e um grande e funesto gosto pela vadiação que, como sabeis, é um dos mais certos signaes do genio.

O Sr. Marcello Gama é moço; si, como elle confessa, tem aquelles vicios e defeitos, ainda está em tempo de descobrir o vasio, a inanidade, o ridiculo mesmo dessa postura, pois quero crer não seja mais que uma postura. *Sursum corda*. Ha no poeta de *Via Sacra* talento, emoção e sympathia bastantes para arrancal-o a essas preocupações archaicas e immoraes de bohemia literaria. Para o demonstrar eu quizera poder pôr aqui toda a sua bella poesia *Suggestões do occaso*:

Não sei porque será que os aspectos de agosto  
me convidam á scisma, á hora do sol posto!

Hontem fazia frio, era roseo o arrebol,  
e céus e terra e tudo, as arvores e as aguas,  
pareciam estar carpindo as suas maguas...  
Choravam de saudade, ao ver partir o Sol.



E eu tambem fiquei triste, até eu, que sabia  
que a tréva era um instante e o sol resurgiria;

A Natureza tem desses fundos mysterios...  
Sei que uma sepultura é o nada, a eterna paz,  
e entretanto, meu Deus, não me sinto capaz  
de penetrar sósinho, á noite, em cemiterios !

Segredos que a razão não nos explica : o caso  
é que eu participei da amargura do occaso.

Erguendo os braços nús, despidos pelo outono,  
o arvoredado guardava attitudes de prece,  
O silencio rezava. Era como se houvesse  
romarias no espaço. A tarde tinha somno.

Da paizagem subia, espiralando, o incenso  
que me fazia ter o coração suspenso.

E estavamos nós dois : eu e minh' alma, ali ; [a...  
Eu sentado, e ella em frente, puz-me a interrogar-  
Pois embora ella fosse um doente sem fala,  
não conto, por pudor, certas cousas que ouvi.

Mas não posso, por longa, dal-a toda. São de  
muita delicadeza e formosura os versos do *Vil-  
lancete*.

Os tristes olhos que ouvistes  
implorando a vossa graça,  
são viuvos, por desgraça,  
e, além de viuvos, tristes.  
Dizei-me vós, si já vistes



Olhos mais desventurados  
Que os meus olhos descasados!

assim como os *Versos do meu coração* :

Senhora, lêde estes versos,  
que os escrevi com as aguas  
em que os olhos tenho immersos.  
São capitulos dispersos,  
do livro das minhas maguas.

E a estas paginas delicadas e meigas, juntam-se outras scepticas e tristes como *Fumaças*, ou desesperadas, como *A' Morte* :

Morte ! Supremo bem, refugio dos malditos !  
tu, só tu és a paz que a gente sempre alcança !  
Tu curas todo mal, e, emfim, quando os afflictos  
já não têm esperança, és ainda a esperança !

Ao contrario do habito geral dos seus confrades, o Sr. Belmiro Braga estréa na poesia com um copioso volume, *Montezinas* — mais de 350 paginas ! de versos — com dezenas e dezenas de poemas. Eu desadoro os voluminhos, as *plaquettes*, as brochurasinhas pretenciosas e vasias, mas um tomo tão abundante tambem me parece, para uma estreia ao menos, demasiado. *Inter utrumque tene*. E com tanto maior razão faço o reparo, que o sr. Belmiro Braga é um poeta espontaneo, simples, natural, e, como todos os dessa especie, de vôo curto. Agrada-



vel, encantador, bello, por vezes, o seu canto é monotono, como o dos nossos trovadores, a cuja linhagem elle pertence. Para que eu pudesse receber o seu livro com os elogios sem restricções que elle por muitas qualidades merece, fôra preciso que a escolha do poeta fosse mais rigorosa, mais severa, e que da sua copiosa producção não dêsse sinão a metade. E já era bastante. Ha muita cousa interior nesses seus numerosos poemas.

Os poetas precisam ser cada vez mais exigentes e difficeis consigo mesmos. Não direi, como outros, que a poesia está para morrer. Mas talvez não seja errado dizer que, neste momento ao menos, não é grande, nem aqui, nem alhures, o gosto do publico por ella, ou antes pelos poetas contemporaneos, « novos » ou « velhos ». Elle prefere-lhes imparcialmente os antigos. Salvo quatro ou seis entre os nossos, os mais não encontram editor nem venda. Si as edições se esgotam, é em dadas dos autores, e a propria liberalidade com que se dá um livro lhe diminue o valor, e com elle o gosto de o ler. A reacção que se ha de fazer contra este estado de coisas, não a fará a quantidade — sob este aspecto eu creio que a nossa literatura poetica é, relativamente, uma das mais ricas — sinão sómente a qualidade. Para que o nosso lyrismo não tivesse sossobrado de todo



bastaram aquelles quatro ou seis poetas vivos a que acima alludi. Mas esses mesmos não pódem indefinidamente sustentar alta a lyra ; são precisos outros que os substituam condignamente — é a lei do progresso — e esses ainda não me parece tenham surgido em numero e com a força de o fazerem.

Não será talvez desses o Sr. Belmiro Braga, mas é já, no seu genero, no resumido campo da sua inspiração e éstro, um bom poeta espontaneo, como eu disse, de um sentimento sem grande força, mas sincero e natural, simples sem rebusca ; um poeta de amor casto, sem violencias de paixão, nem originalidades de sensações ou idéas, e em tudo melancolico. Eis um soneto seu, *Othando o rio* :

Nas noites claras de luar, costume  
ir das aguas ouvir o vão lamento ;  
e, após o ouvil-as, cauteloso e attento  
que o rio tambem soffre, eis que presumo.

Nesse que leva tortuoso rumo,  
que fado triste e por demais cruento :  
Vae deslizando agora doce e lento  
e agora desce encachoeirado e a prumo.

O dorso aqui lhe encrespa leve brisa,  
ali o deslizar calhau lhe véda ;  
além, de novo, sem fragor, deslisa...

E's como o rio, coração tristonho :  
Si elle vive a chorar de quéda em quéda  
vives tu a gemer de sonho em sonho.



E poemas destes não são raros no seu livro.

Grande foi, como acabam de vêr, o numero de poetas e livros de versos publicados, e nem todos conheci e noticiei. Certo ainda faltam muitos, mas não creio que nenhum de maior valor que os mencionados. O destes é, aliás, ainda benevolmente julgados, escasso; o da maioria até nenhum. Essa é de nascidos mortos. Vejamos os prosadores.

Não tome o pio leitor esta palavra sinão no sentido estreito de escriptor em prosa. Sem esta advertencia, para a maioria dos que me occupo, seria talvez impropria accepção mais alta. E a propriedade é uma das primeiras regras do estylo.

O chronista literario que se queixasse de falta de materia para as suas revistas de livros, não teria razão, si elle se quizesse e pudesse e devesse occupar de quanto, com pretensões de literatura, sae dos prelos. Ha demais, e não é sem uma secreta e sentida piedade que o especulativo pensa no fim que levará em curtos annos, dois, tres, seis, dez ou vinte, a maxima parte, a quasi totalidade dessa massa enorme de publicações literarias que entulham as livrarias e que todas, ainda as mais mofinas, as inteiramente ruins, as absolutamente pessimas foram escriptas e publicadas como um desejo, uma ambição, no fundo, nobre, si se lhe



não misturaram preocupações menos dignas, á sobrevivencia, á immortalidade, a não morrer logo e de todo. Como cabe ahí o estafado, mas sempre verdadeiro e de circumstancia *Vanitas vanitatum* do desabusado e encantador Cohelet! Diante do enormissimo e sempre crescente acervo da producção litteraria, publico e critica sentem-se assoberbados, e realmente incapazes de ler e de julgar, sinão ás pressas, precipitadamente, sem tempo para a meditação. Quasi lhes é impossivel distinguir sufficientemente o bom do máu, descobrir nessa indigesta móle de livros o que porventura mereceria mais demorada attenção e mais legitima estima. E neste exame feito de corrida não é impossivel que alguma obra de valor passe despercebida; sendo evidentemente certo que, muitas, de todo desvaliosas, com elle ganham. Lucro ephemero, aliás, que o tempo logo desfaz, pondo as obras e os homens no seu lugar, e, frequentemente, não lhes dando lugar algum. Porque, no fim de contas, os juizes da humanidade, na sua generalidade, são justos, sobretudo no dominio espirital ou, mais particularmente, litterario.

Mas que producção enormemente superabundante, mesmo aqui onde relativamente se não escreve nada, si a computarmos por sua qualidade! E toda ella espera clientela, compradores, leitores e criticos. Repito, não é sem



melancolia que faço estas considerações. Sentindo a caduquez e a inandade da immensa maioria da nossa obra literaria, quasi toda simples e defeituosa repetição, não pôde deixar de soffrer a nossa sympathia pelo mallogrado esforço, pela nobre ambição, pelos elevados anhelos de gloria nella perdidos. E' verdade que nos pôde consolar a intima convicção de que o que mais se perde nella é a vaidade, ingenua ou presumida, mas vaidade. Deixemos, porém, ao tempo fazer a sua obra; façamos nós a nossa, o melhor que pudermos. A mais alta ambição que podemos ter é que esta se possa alguma vez encontrar com a delle, como o meu modesto desejo presente é que me não julguem illudido sobre a importancia do material em que trabalho — ou sobre a do meu proprio trabalho.

O Sr. Aluizio Azevedo é, dos nacionaes, o escriptor mais consideravel que concorre a esta revista. Elle é mesmo (vêm-me pruridos de dizer « foi », tanto o vejo afastado das letras), pela sua obra de romancista, um dos mais consideraveis da nossa literatura contemporanea. Os seus romances *O Muláto*, *Casa de pensão*, *O Coruja*, *O Cortiço*, e, por alguns aspectos, *O Homem*, espero ficarão na nossa literatura, como representações, por muitas feições excellentes, da vida brazileira e, talvez, como os





melhores productos do naturalismo aqui. A sua obra, porém, como sabem os leitores, divide-se numa parte propriamente literaria, digna do apreço dos homens de letras e dos leitores de cultura ou bom gosto, e noutra de romances folhetim, quasi estou em dizer de fancaria, de pura industria literaria. Pertence a esta segunda porção o livro que elle agora republica, em edição revista, com o titulo expressivo de *A Condessa Vesper* (H. Garnier), e que foi a primeira vez publicado, em 1882, com o de *Memorias de um condemnado*. Como o sr. Aluizio Azevedo é entre os nossos romancistas um dos que mais têm a arte da composição propria ao genero, o senso do enredo, e escreve bem, os que gostam dos romances desta especie — e em certas occasiões somos todos — acharão um agradável divertimento na leitura deste.

Eis aqui um outro romance (« conto historico » chama-lhe o subtitulo) brasileiro, *Os Guaynás*, « edição definitiva da novella que sobre a fundação de S. Paulo » escreveu em annos academicos o fallecido general Couto de Magalhães, e foi primeiro publicado naquella cidade em 1860. Esta data indica o espirito e o tom geral do livro. E' um producto do indianismo, na mocidade ainda mais entusiasta e exuberante que nos seus corypheus mais maduros e mais illustres. Ha muitos productos identicos esque-



cidos em antigas revistas e publicações academicas, em collecções de jornaes, ou em folhetos, nos esconderijos das bibliothecas. E' nenhum, por via de regra, o seu valor literario, e não me parece que seja util republical-os. Sómente, porém, do ponto de vista da nossa historia literaria, não é ocioso conhecel-os, ao menos de existencia: elles demonstram a impressão, a generalidade, a intensidade do indianismo romantico. Sob este aspecto a republicação do romance de Couto de Magalhães não é desestimavel. Pena é tenha sido feita, materialmente, pelo formato e impressão, tão pobre e defeituosamente. Seria muito para desejar que as outras obras suas, no prefacio desta annunciadas, tivessem um melhor aspecto de livro.

Dois livros de contos. São, com os versos, o genero mais abundante em a nossa praça literaria. Um, *Contos singelos*, é de d. Georgeta de Araujo. São contos de moça para moças, genero de literatura pelo qual não tenho nenhuma especie de estima. Dizer que foram escriptos, segundo declaração da autora, dos doze aos quinze annos, basta para lhes indicar a qualidade e merito. São apenas provas de composição que em aula de portuguez poderiam merecer nota optima, com maior desembaraço sómente feitas que, de regra, se encontra nas



nossas meninas dessa idade. Esperemos obras da escriptora.

Os *Quadros* do sr. Azevedo Junior têm algumas qualidades boas de observação, de toque, de reproducção, sem, porém, ainda nada de notavel, de especialmente promettedor. Vê-se que o autor está ainda em cheio no periodo da imitação inconsciente, pelo qual quasi todos passamos e do qual nem todos conseguimos jámais sair.

Com o tilulo de *O Sorvedouro* (H. Garnier), publicou agora o sr. Cardoso de Oliveira a « edição brasileira » do seu *Le Gouffre*, drama em cinco actos representado na Suissa o anno passado. Nesta versão parece-me melhorado, sem entretanto obrigar-me a modificar o meu primeiro juizo: é um trabalho que deve ter o seu merecimento scenico, que sem duvida o tem, mas que me não parece tenha valor literario.

Ainda assim, com as correccões e modificações que lhe fez o autor, passando-o para o portuguez, *O Sorvedouro* não deslustra a nossa mofinaliteratura dramatica contemporanea. Tem antes um bom lugar nella.

Antes de receber o seu drama a portuguezado, recebera uma polyanthéa publicada pelo sr. Theophilo de Andrade, com o titulo *Le Gouffre na Suissa*, reproduzindo artigos e noticias de jornaes sobre essa peça. Já uma anthologia



igual, essa em francez, acompanhava a edição original della. Não indago si o seu autor tem parte naquella publicação. Acho de todo o ponto condemnavel — e, por que não direi immoral? — taes processos de reclamo em literatura. Deixemos isso ás industrias mercenarias, sinão por motivos mais nobres, convencendo-nos de que são absolutamente vãos para valorisar o que em literatura não tiver valor. Um livro não é uma droga que se faz acompanhar da opinião dos medicos que a empregaram e dos attestados dos doentes que se suppõem curados por ella. Demais, assim como só os simplorios acreditam nessas recominendações, tambem só os pobres de espirito se deixarão convencer por aquelles elogios á excellencia da obra. Todo o mundo sabe como em toda a parte se obtem essas noticias agradaveis e o pouco, o nada, que, aos proprios olhos dos seus mesmos desabusados autores, ellas significam.

A esta lista incompleta, ou antes méro indículo da nossa producção litteraria do anno, creio poder juntar dous livros de contos — *Ancia eterna*, de d. Julia Lopes, e *Novellas* do Sr. Fabio Luze.

Bello titulo para um livro á moda moderna (prefiro dizer assim a dizer simplesmente um livro moderno : quanta velharia, e repetição, e copia, e ruim imitação anda ahi com o nome



de moderno!) é esse de *Ancia eterna*, que, infelizmente, é apenas o do primeiro conto, e não dos melhores, do novo livro daquella escriptora. De todas as senhoras que presentemente escrevem no Brazil, para dizer mais breve, de todas as nossas literatas, a sra. d. Julia Lopes parece-me a unica realmente bem dotada para o genero de contos e romances. Ella escreve bem, o que é a obrigação elementar e a primeira qualidade do escriptor; tem a intelligencia das coisas, e uma certa virilidade sem a qual as escriptoras descambam facilmente no pueril e no amaneirado. Certo não ha nos seus contos, e ha até menos que nos seus romances, profundeza ou intensidade de sentimento ou de pensamento. A observação não se eleva acima da média, o que não é de admirar no sexo em que as capacidades sentimentaes sobrelevam sempre ás intellectuaes. Aquellas mesmas ou creio que são diminuidas em geral nas escriptoras, especialmente num meio como o nosso, por um nobre e digno pudor, que as não deixa darem-se todas, confessarem-se por assim dizer, nos seus livros, a que talvez muito mais que os homens, ficam alheias. Dahi um parecer (o que póde aliás ser um defeito de apreciação) que todo livro de mulher, sobretudo daquellas que conservaram a pureza e a dignidade de sua vida, é mais artificial, menos ingenuo e natural



siquier, tem mais « literatura » e menos espontaneidade, que livros semelhantes de homens. Não importam, porém, estas observações, si ellas se applicam, como creio, ao livro de contos da sra. d. Julia Lopes: ha nelles ainda bastantes qualidades, e excepçoes na nossa literatura feminina, para o tornarem distincto e bemvindo e certamente no seu genero o mais consideravel do anno.

A's narrativas do seu primeiro livro chamou o sr. Fabio Luz *Novellas* (H. Garnier). Não discutirei o a proposito do appellido, sabendo quão larga é hoje a comprehensão das nossas denominações e classificações literarias. *Todos por um*, uma dessas narrativas, é bem uma novella, ou conto um pouco mais longo que o commum. *Na provincia*, porém, quasi desprovida de entreocho, é antes uma successão de quadros pintando ou descrevendo a vida provincialiana, numa cidade do interior da Bahia. Em uma e outra ha boas qualidades, mas tambem evidente inexperiencia literaria. Si não erro, o seu livro é, em todo o rigor do termo, uma estréa; não sei que o sr. Fabio Luz se tenha ensaiado em vagabundas publicações ephemeras de jornaes e revistas, ou de fugitivos folhetos antes de publicar este seu livro que é, creio, o primeiro. Elle não se fez a mão nesses ensaios, em que a maior parte se estraga e inutilisa e



fica, mas que, aos que têm realmente talento e geito, são eminentemente prestadios, e, salvo o caso dos engenhos de eleição, necessários. E' dos que aprendem a nadar atirando-se resolutamente ao pélago. E a sua imprudencia, si imprudencia era, o não desfavoreceu de todo. Eil-o que fluctua, e sustenta-se, e move-se. Mais uma experiencia, um ensaio destes, algum esforço e exercicio e nos sairá porventura um bom nadador. !

Si *Na provincia*, uma das suas duas novellas, a representação da vida provinciana carece de intensidade, de vigor, tem bastante exactidão e sinceridade. A sua narração corre natural, mas infelizmente de uma naturalidade sem relevo, sem nada do indispensavel artificio literario que a anime. Nem basta em arte a simples naturalidade no seu sentido commum. O que nos mestres do natural nos parece mais admiravel pela sua espontaneidade e singeleza, pela sua desartificiosidade, ou é o resultado de um acurado trabalho ou de uma genialidade rara. Os quadros, que mais nos debuxa, que pinta o Sr. Fabio Luz, nas paginas de *Na provincia*, são certamente todos exactos e quer o seu desenho, quer o seu colorido, se mantêm na realidade dos factos e na sinceridade das impressões, mas nem o desenho é bastante preciso e bastante seguro, nem o colorido bastante



rico ou bem distribuido, ou correcto para lhes fazerem valer os contornos, as figuras, a paizagem, darem-lhes, emfim, mais vida e significação. Ha na lingua das *Novellas* a mesma imprecisão do desenho, repetições, impropriedades e o estylo em geral é *flou*, como diria um photographo, apezar de um ou outro trecho em que se revela a capacidade literaria do autor. Em *Todos por um*, a outra historia do livro, ha mais acção, mas ainda esta é descripta em quadros, maneira que parece aprazer ao escriptor, e que, si elle a cultivar e aperfeiçoar, bem pôde dar-lhe um modo especial de ser. Além de mais acção, ha tambem, e talvez por isso mesmo, mais vida; e se descobre nella o que poderá vir a ser um distinctivo do novellista ou futuro romancista, si elle se desenvolver na direcção do romance, a preocupação das emoções sociaes, apenas vislumbrada em alguns recantos dos quadros e certamente não os melhores, de *Na provincia*.

E' de outro genero o livro do Sr. Theodoro Sampaio, *O Tupi na geographia nacional* (S. Paulo). Esse livro é uma preciosa contribuição para os nossos estudos historicos, por isso que o conhecimento das significações indigenas da nossa nomenclatura geographica pôde ser muito prestadio para elucidar e esclarecer pontos da nossa historia. Esse trabalho, que se





tinha já feito parcial e desordenadamente, pela primeira vez o tentou agora com methodo e systema o erudito Sr. Theodoro Sampaio, a quem os nossos estudos historico-geographicos devem já boas contribuições. Precede elle o seu « Vocabulario geographico brasileiro » de um estudo sobre a expansão da lingua tupi e do seu predominio na geographia nacional, de breves apontamentos sobre essa lingua, nas suas relações com o seu assumpto, das suas alterações phonicas, sob a influencia do portuguez, e outras questões, demasiado technicas e especiaes para que, quando me não escasseasse competencia, as pudesse eu tratar aqui.

Os estudos das linguas do selvagem brasileiro, tão importantes para a nossa historia e ethnographia, que num momento, pelos annos de 70 a 80 e tantos, tiveram aqui um certo florescimento, andam hoje quasi por completo abandonados, e por vergonha nossa — si vergonha é — o que ha de mais serio e melhor nesse ramo de investigações relativas ao Brazil, é estrangeiro, allemão principalmente, são as edições *fac-simile* de Platzmann, os trabalhos dos Steinens, dos Ehrenreichs e de outros, e creio poder tambem citar os dos francezes Adam e Vinson.

Dos nossos foi Baptista Caetano quem não só nelles revelou incomparavel competencia,



mas os fez entrar no caminho, de que sempre andaram desviados, e ainda agora andam, dos verdadeiros methodos scientificos no estudo dos phenomenos linguisticos. Baptista Caetano teve admiradores, — e não muito numerosos — mas não deixou discipulos, ao menos que com a mesma capacidade e cópia de trabalho o continuassem. Pareceu-me que o Sr. Theodoro Sampaio não conhece da obra relativamente copiosa, e consideravel, de Baptista Caetano, sinão uma pequena parte, menos importante. Um dos meritos de Baptista Caetano foi ter procurado no estudo do guarany, a que especialmente se dedicou, o que era a lingua do momento ou de antes do descobrimento e conquista, separando-a do que foi após o contacto com os descobridores e a mistura das raças e linguas. E nos estudos do Sr. Theodoro Sampaio sobre o tupi (que não é sinão o guarany da costa e do norte, com insignificantes differenças do do sul) essa confusão permanece, viciando as noções. Tambem me parece que o autor sacrificou demais á grammatica classica, no proposito de classificar os phenomenos da lingua tupi. Estes reparos, por legitimos que sejam, não desmerecem o trabalho do Sr. Theodoro Sampaio, e quaesquer outros que se possam fazer do seu vocabulario não serão em tal numero que lhe diminuam a valia. Do nome *Caramurú* deu elle a interpre-



tação, que a não ser esse vocabulo simples de denominação de um peixe, sempre me pareceu a unica natural: homem branco (*carai*) molhado. *Nheengaiba* não é o nome de uma tribu, mas o nome geral das tribus de Marajó cujas linguas, ou lingua, os tupis do Pará não entendiam. A interpretação de *carioca*, tentada tambem sem resultado por Baptista Caetano, não me parece satisfaça, esquecendo que primitivamente essa palavra designava um riacho do Rio de Janeiro, a cujos naturaes só mais tarde se applicou o nome do rio de que principalmente beberiam. *Camboatá*, na Amazonia é *tamboatá*, o que exclue a interpretação de « o que anda ou caminha no matto, » e lembra qualquer coisa em que entre « duro », « pedra » — *itá*, allusivo á rija escama do peixe. *Cametá*, cidade do Pará, foi primitivamente *camutá*, que não dá a mesma interpretação do « Vocabulario ». Porque *carapaná*, alias *paná*, « o encurvado, o arcado, o arco espesso »? E' evidentemente uma interpretação falsa. No mesmo caso se me afigura *Cotunduba*, na qual *tuba* é a meu ver o suffixo *uba-yba-eua-tyba-tuba*, muito, porção, copia, o *al* — *eiro*, portuguez. *Cunhambeba*, o nome do celebre chefe indio, traduzido por « mulher chata, rasteira, gorda » póde ser certo, mas é absolutamente inverosimil. *Gurupá*, cidade do Pará, que o autor traduz por



« lugar da roça, sitio da plantação ou cultura », é simplesmente o nome de um vegetal abundante naquelle sitio, como *Gurupatuba*, um rio da mesma região, quer dizer *curupatubal*, abundancia de *curú* ou *gurupás*. Macapá, si não me engano, tem a mesma origem de uma planta.

A explicação de *Tupan* revê os preconceitos theologicos do autor. O selvagem brasileiro não tinha, nem podia ter, uma divindade superior, como essa que muitos depois do descobrimento lhe attribuiram. Seria um facto unico em toda a ethnologia e estudo das manifestações do sentimento religioso no homem. Os primeiros escriptores que o descreveram em plena natureza, e em toda sua pureza primitiva, Claudio de Aberville, André Thevet, Lery, Montoya, Gabriel Soares, Hans Staden, Anchieta, Nobrega, Cardim, todos formalmente lhe contestam a crença na existencia de Deus. E quando a affirmassem, devia-se crer antes num defeito de observação que em tal existencia, pois ella se acharia em contradicção flagrante com quanto se sabe de todos os povos em igual periodo de civilisação. *Tupan* é uma creação européa, dos primeiros christãos que com elles tiveram contacto e systematisada pelos jesuitas. *Tupá* era o trovão, o raio, manifestados na trovoadá que como a todos os povos na infancia os aterrorisava. Natural-



mente, como em todos os povos, a começar pelas aryas, succedeu, viram nesse phenomeno, que muitas vezes causava a morte e o incendio, uma personalidade, uma vontade, uma potencia, como viram em mil outros phenomenos. Mas foram certamente os europeus, os seus catechistas quem, conforme com a velha e primitiva concepção theologica, que fez das raizes que nas linguas aryanas primitivas, como em todas as linguas, significavam o céu, brilhar, reluzir, o brilhante, scintillar o vocabulo de Deus, identificou para elles o trovão com uma divindade superior e dominadora, que elles absolutamente não podiam conceber. *Tupá-Tupan* : *Nomem* — *numem*. E' sempre o mesmo phenomeno psychologico. A interpretação de *Tupan* « o que jaz, o que reside » (vê-se a preocupação do *Padre nosso, que estaes no céu*) « alto, erguido, o que domina ou fica superior, o que está no alto, Deus, o Altissimo », e outras, como até « pai do alto, pai do céu », que dá o Sr. Theodoro Sampaio, são com toda a certeza ethnologicamente falsas, e fariam do indio brasileiro, que se achava em cheio no animismo fetichista, um monotheista.

Muitos outros reparos mais competentes do que eu poderiam fazer ao vocabulario do distincto investigador das nossas coisas. Ha nelle ainda muita conjectura infundada, muita incer



teza, muita noção de duvidoso valor. Aliás esses estudos, infelizmente quasi abandonados entre nós, não entraram ainda definitivamente aqui numa phase scientifica. Para vêr que balburdia continúa a reinar na etymologia brasileira e quão longe está ella ainda dos verdadeiros processos linguisticos, basta ler neste livro a palavra *Italiaia*.

Não são inteiramente um livro novo os *Estudos de direito e economia politica* do sr. Clovis Bevilacqua, mas uma segunda edição, augmentada com tres novos estudos de caracter juridico. Atrevo-me a confessar que tenho por essas pseudo-ciencias um irreductivel e radical desdem—o desdem do ignorante, é certo. As pretensões da economia politica, sobretudo, me assombrariam, si a não tivesse por um jogo de opiniões até hoje sem nenhuma base positiva, um tecido pretencioso de preconceitos. E' de vêr como um homem de intelligencia e amor da verdade, como o Sr. Clovis Bevilacqua, se esforça por chegar a um resultado no estudo do « problema da miseria ».

Mas em pura perda, porque, como todos os economistas, com o seu espirito escravizado pelas idéas preconcebidas que dominam o mundo juridico e as concepções sociaes correntes, não póde fazer a taboa rasa necessaria á percepção



do real, e paga-se de palavras e razões que o não são.

E, entretanto, o seu estudo é um dos mais livres que tenho lido dos sociologos officiaes e academicos, e bom de ser lido, assim como os demais do volume, por quantos as questões de philosophia social interessam.



## INDICE

---

I. — O SR. OLAVO BILAC.....	1
II. — O « CHANAAN » Romance do Sr. Graça Aranha.....	15
III. — O SR. JOÃO RIBEIRO, poeta.....	37
IV. — UM LIVRO DE CRITICA — <i>Homens e livros</i> do Sr. Magalhães de Azeredo.....	49
V. — UM POETA. O Sr. Mario de Alencar.....	61
VI. — A Campanha de Canudos pelo Sr. Eu- clydes da Cunha.....	73
VII. — UM ROMANCE DA VIDA PUBLICA BRAZILEIRA <i>A todo transe</i> , por Emmanuel Guimarães... ..	93
VIII. — TRES POETAS: O Sr. Lucio de Mendonça, o Sr. Affonso Celso, o Sr. Antonio Salles... ..	109
IX. — FRANKLIN TAVORA E A LITERATURA DO NORTE.....	129
X. — UM ROMANCE DA VIDA FLUMINENSE. <i>A</i> <i>Fallencia</i> de D. Julia Lopes de Almeida.....	141
XI. — ALGUNS LIVROS DE 1902.....	153

---

Paris. — Typ. H. GARNIER, 6, r. des Saints-Pères. 308 2.1905.









unesp



